TÍTULO PROVISÓRIO: O EXU DESVENDADO

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Exu, por conceder-me mais uma porta aberta.
A Xangô, senhor da palavra, por abençoar-me na lida da escrita.
A Oxalá, meu pai, por enxergar novos horizontes.
A todos Orixás, guias e protetores... Saravá!
A todos os amigos, aos que sempre confiaram em meu trabalho.
Ao meu amor, que aquece meu coração, dando-me razão para viver.

Èxù o jíré ó?
(Êxú, você amanheceu bem?)
- sabedoria africana -

ESSA OBRA ENCONTRA-SE SOB REGISTRO NO ESCRITÓRIO DE DIREITOS AUTORAIS DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (RJ) SOB NO. 300.319 LIVRO: 545 FOLHA: 479 TODOS OS DIREITOS DA AUTORA RESERVADOS.

CONVERSA COM O LEITOR

Temos o grato prazer, querido leitor, de apresentar mais um trabalho.
Um trabalho que será polêmico como todos os nossos, sem dúvida, mas que trará novos horizontes a quem quiser trilhar em caminhos seguros. Também não estamos afirmando que seja **o único caminho** de trabalhar-se com Exu. Não, de modo algum. Todavia, aqui comentamos como é possível uma casa tradicional de Umbanda organizar-se com essas entidades, tipicamente de "esquerda", de Quimbanda, sem perder a sua essência, que é o trabalho voltado unicamente ao bem e à caridade, respeitando-se uma de suas premissas que é a ausência do sacrifício animal. Nesse livro o leitor encontrará um bom caminho, dicas preciosas. E para aqueles que optarem pela Quimbanda pura, com suas Leis próprias, essa obra trará alguns esclarecimentos úteis. Mas garantimos, pelo tempo, conhecimento e experiência que já temos nessa lida, que se trabalhar com Exu no método que indicaremos é uma alternativa segura, eficaz àqueles que, como nós, desejam e tiveram o comando dos Guias para que tudo fosse assim.
Não traremos receitas de oferendas, já que há muitos livros ensinando isso, sem falar que há particularidades inerentes a cada entidade que saberá pedir no tempo certo. Contudo, aconselho, muita leitura também de outros autores e, à medida que compararmos uns com os outros, descobriremos sua essência. Há muitas obras ensinando a lidar-se com Exu sem o sacrifício animal explícita ou em entrelinhas. As obras preciosas de

Candomblé também abrem muitos horizontes, através do vasto conhecimento de nossos irmãos! E que não é pouco! Basta descobrir-se, lendo-se bastante.
Leitura... aliada preciosa à prática!
Não espere o leitor que vamos orientar como se "faz", como se “assenta” Exu, levianamente. Para qualquer um fazer, sem o devido preparo. Tivemos muitas recomendações de nossos Guias para que não entrássemos "à fundo" nessas questões justamente para não dar margem àqueles que querem apressar demais seu caminho na busca do conhecimento, ignorando os sagrados sete anos de mar, mata e cachoeira para o coroamento de um verdadeiro médium de Umbanda. Porque prática, guias seguros e todos os segredos de uma casa exige tempo... e tempo, maturidade, desenvolvimento de entidades, experiência, eis coisas que ainda ninguém conseguirá repassar através de simples palavras!
Cada casa nasce com um objetivo, decretado pelo Astral.
Quem quiser trabalhar com Quimbanda, faça.
Quem quiser trabalhar com Umbanda, faça.
Mas defina com clareza ao leigo, à assistência, o quê você está fazendo, permitindo também a escolha do público em qual trabalho irá querer prosseguir, tendo consciência e discernimento.
Como dissemos, para quem quiser trabalhar com Umbanda e ter Exu em sua casa, sob suas diretrizes e dentro de suas premissas, nesse livro encontrará excelente subsídio, podemos garantir.
Não precisamos dizer que foi um resgate exaustivo em busca desses argumentos e conceitos aqui expostos... tremendamente exaustivo, pesquisa e trabalho de muitos anos onde vivemos boas e más experiências, milhares de horas de leitura.
Quanto ao nosso método usado por várias casas de religião fora a fora desse país, como descobrimos, com grata surpresa, à medida que andávamos por toda a parte, foi coroado de êxito durante os vários anos de experiência e luta constante. É possível sim, trabalhar-se com Exu **sem o sacrifício animal** como alternativa.
E funciona. Como funciona!
Leitor, um grande abraço! Leia, compare, peneire informações. Espero que esse livro traga-lhe a mesma luz que adquirimos através do conhecimento, poupando-lhes do esforço que tivemos de empregar após trilharmos o mais duro dos caminhos de Santiago...

Da autora, sua amiga.

Míriam Prestes de Oxalá
14.08.2001
E-Mail: mprestes@tutopia.com.br

CAPÍTULO I

SEXO E EXU, O ORIXÁ INCOMPREENDIDO

Principiaremos falando dos Orixás Êxú e Omulu/Obalúaiyé, por serem os grandes protetores das falanges que chamamos, em linhas gerais, Povo de Exu ou, segundo outros Elegbaras (diz-se eleguáras), os "donos do poder". Compreendendo suas atribuições, será mais fácil entender uma série de pontos referentes a essas falanges.
Lembramos muito bem quando principiamos em Umbanda, vindos do Espiritismo (vulgarmente conhecido por "Kardecismo") e, tardiamente, aprofundando nossos estudos nas áreas de Nação/Batuque sulino e na vasta literatura em Candomblé), o nosso profundo choque cultural ocorrido à primeira vista com o Orixá Exu, exigindo por anos a fio uma nova reinterpretação de conceitos (e preconceitos) impostos a nós desde a infância. Um deles, a educação sexual imposta de forma violenta, à negação plena do corpo e suas sensações ditas como obra de "forças obsessivas", "forças negativas" e, talvez em outros lares, como trabalho contumaz do Demônio querendo "surrupiar nossas almas" assustando-nos com os íncubos e súcubos de forma indiscriminada. Isso em meados dos anos 60, 70.
Não iremos aqui fazer um tratado de sexualidade, mesmo porque não é de nossa área de pesquisa e trabalho, nem da veracidade dos problemas obsessivos que atuam verdadeiramente nesse campo. De forma alguma. Mas trataremos dos exageros, da incoerência na educação dos filhos, desse falso maniqueísmo sexo/pureza com fins duvidosos que durante centenas de anos produziram problemas seríssimos comportamentais entre seres humanos levando-os ao mais completo desequilíbrio, impedindo gerações de crescerem felizes, bem-resolvidos. Verdadeiras almas livres.
Todos sabemos porquê. Próprio para uma época, para aquele grupo social, esses conceitos tiveram êxito por centenas de anos para sustar problemas sociais como a vinda de filhos ilegítimos, por exemplo. E nós, em pleno terceiro milênio... será que os valores haverão de ser os mesmos? Será que permaneceremos condenando uma das mais belas criações de Deus: o sexo e o amor?
Foi quando, finalmente, viemos para o refrigério da Umbanda e de todos os cultos afro-brasileiros.
Assim como determinados grupos fora do continente controlavam o sexo por vias religiosas e conceitos fundamentalistas negando-os, o africano apenas observava o seu meio, admirando e compreendendo o fluxo da Natureza sem criar tabus. Via o sexo como uma função normal do mundo e do Universo. Desde a atração dos pólos magnéticos, dos átomos, da germinação das plantas, da coesão da matéria, do aumento de seu rebanho, da caça, da dança dos planetas, o nascimento dos filhos, tudo era abençoado e visto como uma manifestação da Divindade. Algo tão inerente à vida quanto comer e dormir. E o sexo também fazia parte dessa cadeia de leis naturais.
Para o africano, proibir a sexualidade era tão anormal quanto pedir a Deus que sustasse a Criação. Um contra-senso. Se pensarmos bem, é verdade. Não é natural, afinal de contas. Outro valor para a sua sociedade era ter filhos. Muitos filhos, de preferência. Filhos significavam a perpetuação de sua própria existência, de sua família, de seus ancestrais. O maior dos tesouros. De seu DNA. Não tê-los era uma maldição, visto como motivo de

profunda tristeza. E mais, a sociedade africana era agrícola e pastoril. Vamos explicar melhor.
Se um indivíduo fosse educado em uma fazenda, livre, como iria comportar-se?
Um indivíduo vivendo em uma fazenda, um sítio, passará sua juventude ouvindo os pais comentando, de forma espontânea, que determinado reprodutor é "bom" em suas funções. Ouve-os comentar que o rebanho está aumentando, que aquela fêmea de qualidade está prenhe dando à luz uma excelente cria, assistirá aos partos, ficará feliz quando observar seus pais vendendo, enriquecendo, com uma quantidade maior de animais no pasto. O mesmo sentirá quanto aos campos repletos de espigas e frutos. A reprodução, portanto, é sinônimo de riqueza e fartura. Quanto mais houver reprodução em suas terras, mais rico será!
O mesmo pensava o africano.
O africano não tinha a malícia, nem o falso puritanismo do indivíduo vestido até o pescoço, que desembarcou em suas terras, vindos da Europa. Calcule-se o estupor do negro quando se deparou com o Cristianismo dos séculos XVI e XVII em suas idéias mirabolantes de Céu e Inferno eternos e sua doutrina de sofrimento para a purificação da alma. O mesmo pensamento deve ter ocorrido ao indígena das Américas.
Se pensarmos bem, a África e a América tinham razão...
E pior. Imagine-se o choque do indivíduo "cristianizado" quando se deparou com um Orixá como Êxú!
Despidos agora desse falso preconceito, será possível desenvolvermos os conceitos que cercam a figura do Orixá em sua plenitude...
Exu é a personificação da força reprodutiva na Natureza! Recordemos, incluindo-se aqui todo o conceito agro-pastoril que trouxemos há instantes atrás sobre o menino da fazenda! Para entendermos a complexidade desse Orixá, também se torna necessário um desenvolvimento gradativo de idéias, passo a passo. Como se subíssemos uma escadaria prestando a atenção em cada degrau. (1)
Vamos ao primeiro, bebendo na águas de sabedoria dos mitos preservados no Candomblé...
O conceito de **Imolê Êxù Yangí, Imolê Exu Âgbâ ou Âgbâ-Êxù.**
O Criador (Olôrun, Olodumaré ou Nzambi) deu a vida ao seu primogênito, Obâtálâ (Oxalá), onde, mais tarde, também deu-lhe a incumbência de formar o mundo físico, material. Oxalá e todos os Orixás Funfun primordiais são os senhores da ***cor branca***.
O segundo, foi Odùduwâ, igual em importância. O(a) senhor(a) da *cor* ***preta***.
Ambos foram criados de Sua própria essência. De seu hálito.
Veio o terceiro...
Da lama primordial, da matéria confusa do Cosmos antes de ser ordenado, O Criador formou um montículo que se ergueu naquela matéria inerte. Assoprando-lhe, aquele rochedo avermelhado, de laterita, tornou-se vivo. Esse novo ser, essa divindade primordial participante da criação do plano físico (Imolê) dotou-se de muitos nomes por suas inúmeras qualidades. Criava-se ali Êxú Yangí (Exu da Laterita Vermelha), Êxú Âgbâ (Exu Ancestral) ou ainda Êxú Igbá Ketá (Exu da Terceira Cabaça ou o Terceiro Criado). O senhor da *cor* ***vermelha.***

Na enorme complexidade dos mitos africanos, esse também tem inúmeros significados e fundamentos importantes.
Nesses três primeiros Imolê(s) concentra-se todo o axé, todo o poder da Criação dado pelo próprio Deus Supremo. A cor branca, geradora, masculina de Oxalá e dos chamados Orixás Funfun (os "Brancos", fala-se em torno de cinqüenta entidades), chama-se **Iwâ**. Sem essa qualidade, a matéria bruta não existiria.
A cor negra, de Odùduwâ, é **Âbá**. Símbolo da essência gestante feminina, do elemento sutil que dá composição à matéria, somando-se à branca.
A cor vermelha é **Âxé**. O símbolo do elemento já criado, que faz a matéria não ficar suspensa, da eterna e contínua geração em processos evolutivos em todo o Universo. É a força, o poder dinamizador. Da própria vida, porque senão os demais elementos não passariam de simples matéria inerte, morta ou partículas dispersas no vácuo sem coesão... esse é o poder do Orixá Êxú à nível cósmico!
À esse nível, o Orixá Êxú é onipresente em toda a Criação. Não há uma partícula, um átomo, um ser vivo, um planeta ou uma galáxia que não se mova sem a interferência dessa força, desse Orixá/Imolê, desse impulso que ele comanda. A Terra não giraria sobre seu próprio eixo nem em torno do Sol. Não haveria, portanto nem dia, nem noite. Nem as estações do ano.

(1) Para melhor compreensão de todos os conceitos propostos, recomendamos a leitura de "Crença, Saber e Prática" dessa autora, por essa editora.

As partículas elementares como os elétrons não correriam em torno do núcleo dos átomos, portanto a matéria não se agregaria. Não existiria a lei de atração e repulsão das moléculas. O espermatozóide não chegaria ao óvulo. A criança não teria força nem para nascer, nem para sua primeira lufada de ar. Nada teria forma. Nem vida.
Sem Êxú não bastaria existir a matéria bruta representada por Oxalá, nem sua essência feminina representada por Odùduwâ. Sem Êxú tudo não passaria de matéria cósmica, poeira boiando no vácuo do Universo. Portanto, os três são *complementares* para tudo existir.
Ou seja, sem Êxú não haveria Criação...
Sendo assim, o poder de Êxú não tem limites, só comparável ao próprio Criador, Olodumaré. Os africanos chamavam-no, desse modo, de Êxú **Elégbará** (Senhor do Poder Mágico), por todas essas atribuições.
Já dissemos que Êxú é onipresente em toda a Criação... desde a partícula elementar às maiores galáxias. Para estar em toda a parte do Universo, o africano imaginou-o dotado de uma rapidez espantosa, podendo se locomover de uma parte a outra em uma fração de tempo inimaginável. Assim, esse Orixá passou a ser dotado também do poder e o controle da locomoção, da velocidade. E, concomitantemente, mensageiro do Criador, Imolês e Orixás. Como todos os mitos revestem-se de símbolos, esse poder tinha uma representação: um cacetete mágico chamado *ògo.* Valerá, mais tarde, uma maior abordagem...
Vários mitos tentam explicar essa onipresença e o poder de Êxú. Um deles, talvez o mais conhecido, seja a sua luta contra Ôrunmìlá.

Procuremos observar nas entrelinhas, os conceitos inclusos nesse mito...
Com a incumbência de criar o ser humano, lá estava entretido Oxalá.
Mas temeroso do poder crescente de Êxú, o Criador (Olodumaré) enviou-o para viver com Oxalá. Lá ficava ele na porta da casa, pronto para desempenhar qualquer tarefa que Oxalá pedisse a ele.
Ôrunmìlá que passava por ali, deparou-se com Êxú sentado à porta de Oxalá.
Queria muito ter um filho.
Pediu um, a Oxalá.
Repetidas vezes explicou a Ôrunmìlá que ainda não havia terminado o seu trabalho, aparecesse mais tarde. Impossível. Ôrunmìlá queria naquele instante, não outro, levar um filho para casa. E já que não tinha nenhum à mão já pronto, pediu-lhe aquele sentado a sua porta ...
Apavorado frente ao pedido, sabedor do poder incontrolável daquele ser, Oxalá tentou advertir-lhe. Teimosamente Ôrunmilá queria aquele... e queria somente aquele.
Cansado de argumentar, Oxalá ordenou a Ôrunmìlá que então tocasse naquele ser e, ao voltar à terra (âiyé) mantivesse relações com sua esposa, Yebìírú. Assim fez Ôrunmìlá. E doze meses depois, a mulher deu à luz um garoto. Por conselho de Oxalá, essa criança foi chamada de Elégbára (Senhor do Poder).
Mal nasceu, a criança passou a exigir coisas para comer.
E em sua fome insaciável comeu tudo o que existia no mundo.
Até que Êxú Elégbará, com fome e não tendo mais o que comer, exigiu devorar a própria mãe. E assim fez.
Horrorizado, Ôrunmìlá procurou o conselho de um babalaô (adivinho) para saber o que deveria fazer frente àquela fome sobrenatural, terrível. Aconselhado, fez as oferendas necessárias. Um dos elementos dessa oferenda era uma espada.
Foi aí que Êxú fez o último pedido: queria comer o próprio pai.
Ôrunmìlá pegando a espada, passou a perseguir Êxú para matá-lo...
O garoto fugiu. Primeiro para um dos nove Ôrun (níveis do Céu), tentando escapar de seu perseguidor.
Ôrunmìlá apanha-o, partindo-o em incontáveis pedaços (duzentos era um número considerado quase infinito aos iorubás) que se transformaram em duzentos Êxú(s). Porém seu filho se refazia logo adiante, deixando para trás seus "clones", correndo para o outro nível do céu para fugir-lhe à fúria...
E, nos nove Ôrun, Ôrunmìlá perseguiu e cortou Êxú Elégbará em incontáveis pedaços que se transformavam novamente em incontáveis Êxú(s)...
No último nível, sem ter mais para onde fugir, o garoto pediu clemência ao pai. Disse-lhe que os incontáveis Êxú(s), que ficaram habitando os nove Ôrun, passariam a servir Ôrunmìlá como seus mensageiros, tão obedientes como filhos. Que devolveria (vomitaria) tudo o que comeu, inclusive a própria mãe, dando-lhe como presente uma prosperidade sem fim.
Trato feito, voltou Ôrunmìlá com sua esposa, teve muitos filhos e prosperou na cidade de Iworu.
Esse mito também tem muitos significados...

Em primeiro lugar, Êxú (em outras lendas também conhecido como Olaalu) não é exatamente filho de Ôrunmìlá na maior parte dos mitos (2). Dessa forma, o africano tentava explicar a íntima relação entre esses dois Orixás. Ôrunmìlá, como o Orixá que comanda os jogos de adivinhação, necessitaria ter pleno acesso junto a Êxú para saber o que se passaria com aquele consulente, em todos os níveis do Ôrun ao âiyé (plano físico), consultando os desígnios do Criador e de todos os Orixás, quais oferendas seriam necessárias para ajudá-lo, quais remédios e ervas para curá-lo se estivesse doente, quais os recursos litúrgicos, nessa infinidade de questões em uma fração de tempo infinitesimal dessa ida e vinda de respostas. Só Êxú seria capaz de auxiliar Ôrunmìlá nessa tarefa. Nada no Universo, na Criação, seria tão eficiente e rápido quanto ele.
Como mensageiro, cada Orixá possui o seu Êxú, servindo-lhe de auxiliar, trazendo e levando notícias ao Criador, levando suas vontades à Ôrunmìlá (para manifestar-se nos jogos de adivinhação), contando-lhes como estão e de que modo vivem seus filhos na terra, ouvir-lhes as preces e pedidos levando-os de volta aos outros Orixás, relatando-lhes tudo, somando-se em múltiplas atribuições. Nessa tarefa ele é conhecido como Êxú **Enú Gbáríjo**, a "Boca Coletiva dos Orixás" por trazer-lhes ou levar-lhes as mensagens. Para carregar as oferendas dos homens até seu destino junto ao Orixá, é invocado, por sua vez, como Êxú **Elérù**.
Não pára por aí.
O próprio Criador também tem seu Êxú pessoal conhecido como Êxú **Ôsíjê** com a função de mover-se por toda a Criação, distribuindo suas ordens. Desse modo, Êxú também é o relator de Olodumaré, trazendo-lhe informações. Por onde o Criador toma conhecimento do que se passa no seu Universo.
Repartido em duzentos Exu(s) (na verdade, como já dissemos, em um simbolismo de número infinitamente grande), ele estaria em todos os níveis do Céu iorubá (os nove Ôrun), simultaneamente. Nada, entre a terra (Âiyé) e o Criador, estaria sem a supervisão e o conhecimento de Êxú através de seus "clones", na verdade em outras palavras mais adequadas, sua onipresença. Com esse atributo, os africanos chamavam-no também de Êxú **Ôkôtô**, simbolizado pela espiral formada pela casca do caracol, símbolo iorubá do infinito. O próprio nome Êxú traduz-se por "esfera"... igualmente outro símbolo de infinitude!
Há outro mito importantíssimo, corroborando o anterior, falando dos cuidados em lidar com essa energia, como segue:
A seca estava dizimando os campos e a riqueza de Aluman.
Após tentar invocar as divindades, Aluman decidiu dar uma oferenda ao Orixá Êxú.
Preparou uma carne com muita pimenta, oferecendo-lhe.
Êxú comeu, comeu tudo. Estava uma delícia! Mas assim que comeu, foi tomado de uma sede terrível. Como não conseguia ficar saciado, foi e abriu a torneira da chuva para beber.
A chuva começou a cair e tudo floresceu.
E a história termina assim:
" Aluman, reconhecido, ofereceu a Exu carne de bode **com o tempero certo da pimenta.**

Havia chovido bastante. **Mais, seria desastroso!**
Pois, em todas as coisas, **o demais é inimigo do bom."** (1)

Nesse ìtân, é visto como ativar a energia do Orixá em nosso benefício, entretanto fica bem claro que Aluman deu a oferenda na medida certa de pimenta porque, se fosse mais, o efeito seria desastroso. Como? Ora, as torneiras de chuva permaneceriam abertas para Exu saciar sua sede transformando-se, aí, em uma perigosa enchente. Na simbologia simplificada dos mitos, o africano tentava mostrar que tanto a medida "certa", como o **exagero** nas oferendas, sem critério, provoca justamente um efeito contrário, que o pessoal de Candomblé conhece como "esquentar chão" ou hiper-axé. Muitos dirigentes e pessoal de culto, na mais autêntica ingenuidade por não conhecer os mitos e os cuidados (geralmente pelas "feituras" de dirigentes mal feitas, apressadas, sem o repasse total de conhecimentos) passam a dar-lhe muito além do básico, na tentativa de "agradar mais", "torná-lo mais favorável nesse terreiro do que o de outro", enfim, tornar o dirigente "mais poderoso em seu axé" do que seus irmãos (esses conceitos também valem para o trato com o Povo de Êxú, portanto). Com isso, acabam provocando justamente o contrário em uma sucessão de desgraças, que não conseguem compreender, a si mesmos, seus médiuns, sua assistência.
E pior: não saberão porque isso tudo está ocorrendo, culpando o Orixá, os Exus de Umbanda, colocando a culpa em seus irmãos que estariam fazendo "feitiços contra ele" por inveja. Maldizerão o nome de Deus, e muitas vezes, acabando com seu terreiro e até mudando de religião!
Insistimos, insistimos e insistimos. Ser cacique, babalorixá exige mais do que vontade: exige tempo, conhecimento, experiência para saber "qual a medida da pimenta" a usar em tudo, dentro de uma casa de religião. Só entidades muito seguras, capacidade de ver-se através de jogos, responderão a essas questões. Só isso. Esse aviso também cabe a médiuns e assistência que gostam de fazer "experiências" com oferendas sérias para Orixás, como se isso fosse algum tipo de laboratório experimental de química!
Voltemos a Imolê Êxú.
Agora, perguntamos, quem controla, quem será capaz de subjugar uma

(1) "Lendas Africanas dos Orixás, de Pierre F. Verger no capítulo referente a Exu.

força da Natureza? Êxú, dotado de tamanho poder pelo Criador, é também a personificação das leis regentes do Cosmos. Da ordem cósmica. Se ele faz movimentar e dar vida ao Universo harmonizando-o, é natural que todas as outras forças regentes da matéria estejam sob sua jurisdição. Êxú, portanto é também o grande organizador, o ordenador em um nível sem paralelos. Se o Céu está em cima e a Terra embaixo, é por obra de Êxú. Se os mares mantêm-se em equilíbrio sem invadir a terra, é por obra de Êxú. Os planetas em sua órbita. Tudo, absolutamente tudo está equilibrado pela sua força e seu poder.
Ora, se ele é o senhor das forças da Natureza e seu equilíbrio... desrespeitar-se essas leis é ir frontalmente contra a harmonia da Criação! E o que faz a Natureza quando ameaçada, desrespeitada?

É nesse aspecto que Êxú é tão temido... como o grande regente da lei natural da *ação e reação*! Causa e efeito!
Se uma lei natural é quebrada, surge o desequilíbrio. O Caos. E, convenhamos, o ser humano tem uma tendência terrível em desrespeitar tudo o que vê pela frente, "só para ver o que acontece". Polui os rios, os ares, queima as matas, esgota os recursos naturais, mata, mente, fere um outro indivíduo, rouba, enfim, tudo para ir contra o curso natural das boas coisas, daquelas que fazem ou criam recursos favoráveis. Qual a conseqüência disso? As tragédias naturais, os cataclismos, os campos e os rebanhos não se reproduzem causando a fome. Agindo assim, criamos nossos próprios inimigos, fechando nossas portas às oportunidades, desavenças, vinganças, ódios...
Nesse aspecto, Êxú aparece nos mitos como o aspecto punitivo aos homens quando esses cometem erros ou não cumprem os preceitos religiosos. Para representar esse aspecto "punitivo" da Natureza que jamais "dorme" quando é ferida, Êxú também aparece como poderoso e temido até pelos

(2) Consideramos Ôrunmìlá e Ifá como Orixás por várias questões já explicadas em trabalhos anteriores.

próprios Orixás. Quando o indivíduo pensa que jamais será punido por suas más atitudes, lá vem o retorno de suas más ações de uma forma ou de outra. Lá vem Êxú. É tolo quem pensa que poderá enganá-lo! É ele quem engana quem se julga muito inteligente na arte da malícia, já que ele é todo onipresença. É sutil, perspicaz, sábio. Como na Natureza, nem sempre a volta é rápida, imediata... mas um dia passa, o outro e lá vem o retorno inevitável: colhemos aquilo que plantamos!
Como a maioria das pessoas não tem uma consciência muito tranqüila, é óbvio Êxú ser tão temido. Os iorubás adoravam-no em todo o seu território de ponta a ponta e tinham enorme pavor da "punição", se pudermos assim chamar, imposta por ele. Na verdade, Êxú não pune. Apenas faz valer o indefectível código natural. Mas, como lhe deram uma forma humanizada nos mitos, representaram-no malicioso, sutil, trapaceiro, vingativo. Porque a Natureza não fala, não avisa... o retorno sempre é lento, igualmente sutil e até malicioso ao desatento. Nos mitos, quando se pensa que tudo está em paz, esquecendo-se do resto, lá vem ele para testar as pessoas, disposto a mostrá-las como verdadeiramente são!
Nesse aspecto como vingador, poderíamos chamar "negativo" do Orixá, ele é dito **ebora.** Nesse sentido, tudo o que existe, todo o Orixá seja ele qual for, também tem seu lado *ebora*. E à medida que cada Orixá comanda um reino da Natureza: Yemoja (Iemanjá) os mares, Xàngó os raios e fogo e assim sucessivamente), eles precisam ser respeitados para manter-se o equilíbrio natural. E, se não for, lá virá o retorno... trazido pelo seu mensageiro, seu guardião. O Êxú que trabalha para cada Orixá! Por isso, também, cada Orixá precisa ter seu próprio Êxú... para que esse promova o equilíbrio de seu elemento!
Há momentos que chamamos Êxú de Imolê, outras de Orixá... qual a diferença?

Como Imolê, falamos desse Êxú cósmico, agregador de matéria, condutor de energia. Criado diretamente por Olodumaré para dar impulso à Criação. Uma categoria superior, elevado à condição de participante da formação dos mundos e desse próprio planeta!
Como Orixá, ele já estará presente em nosso plano físico, conduzindo as forças da Terra. Aqui, ele comanda, "ocupa" cabeça dos seus "filhos-de-santo", que nada mais são do que aqueles que detêm, em maior quantidade, sua energia em seu campo vibracional, físico. Como Orixá, é o patrono, senhor da nação de Kétu, de Erin. Comanda os caminhos, o sangue e sua circulação ininterrupta enquanto há vida, estando presente em todos os corpos... enfim, está *aqui*. Atuando diretamente entre os demais Orixás nesse plano, com força igual a eles.
Ora, por isso há uma confusão enorme entre autores. Uns dizem que Êxú não é Orixá. Por um lado, é verdade. Participou da formação do Universo, da condensação de nosso mundo e da vida em um sentido mais amplo. Nunca encarnou como homem, nunca esteve entre nós com um corpo físico (3). Por outro lado, mesmo sem nunca ter sido homem divinizado após sua morte, Êxú atua nesse plano com as atribuições de um Orixá. Portanto, discutir-se se ele é ou não é Orixá... acreditamos aqui ser perda de tempo. Êxú é ambos. Vamos falar agora, de suas atribuições como Orixá.
O africano, em sua sabedoria, passou a observar como esse Imolê primordial atuava em nosso plano físico...
Para estar em toda a parte, simultaneamente, Êxú precisaria conhecer todos os caminhos possíveis e inimagináveis, já que trilharia por todos eles. Indo de lado a lado do Universo até Olodumaré, trazia e levava resposta dos Orixás em infinitas idas e vindas. Observando o mundo à sua frente, o africano encontrou nas estradas o símbolo físico desses caminhos. E na encruzilhada o foco de convergência de todos eles, o lugar de maior movimento. É nas estradas também que se exigia velocidade para chegar-se ao destino... enfim, nela encontravam-se todos os atributos dessa faceta do Orixá. Os caminhos espirituais também lhe pertenciam... o caminho da chegada das oferendas. Das preces ao Orixá ou ao Criador. Da resposta nos jogos. De encontrar-se trilhas abertas para o sucesso. Até as trilhas do próprio pensamento. Nesse sentido chamaram-lhe de Êxú **L'Ônan** (cuja corruptela deu Lanã), o grande Senhor dos Caminhos.
Nos caminhos ocorre a aglomeração de pessoas. Ao reger o movimento, as estradas, naturalmente compete-lhe a aglomeração de gente, insetos ou qualquer coisa... até chegarmos à estrutura da matéria em incontáveis e minúsculas partículas. Desta feita, a aglomeração não apenas compraz, mas é abençoada por Êxú. Assim, o africano consagrou-lhe o *mercado*... junção de pessoas trilhando inúmeros caminhos de ida e volta. Senhor do mercado, passou também a exercer suas características como Orixá da fartura, da felicidade.

(3) Sobre o que é um Orixá e se ele encarnou entre nós ou não, recomendamos a leitura de "Umbanda: Crença Saber e Prática" com um capítulo dedicado ao assunto, dessa autora, por essa editora.

A entrada e saída das cidades passaram a ser seu domínio. O cupinzeiro, um montículo que se erguia na terra à semelhança do mito de sua criação e, por outro lado, também a aglomeração de centenas de insetos passou a ser seu símbolo. Hoje, em nossas cidades, os Bancos, supermercados, bares, encruzilhadas e trevos, aeroportos, estádios de futebol, ginásios, rodoviárias, Internet... todos esses locais são dominados pela força dinâmica de Êxú. Lá essa força primordial promove o crescimento, o progresso, a felicidade, a comunicação, a riqueza!
Como falamos, as encruzilhadas é o grande ponto de convergência. Na África eram-lhe consagradas aquelas que possuíam três caminhos. No mundo ocidental, o africano encontrou na figura do garfo de três pontas (o tridente) sua representação simbólica.
Observaram também que, no corpo físico, o sangue fluía em grande velocidade pelas artérias produzindo a vida, já que os corpos mortos não tinham esse líquido em profuso movimento. Sua cor era vermelha, a cor da mobilidade, da animação. O sangue passou a ser elemento consagrado a Êxú, cujas primeiras gotas sempre lhe eram dedicadas nos ritos de sacrifício ou na simples matança para consumo. Êxú comanda, mas não necessariamente tem **prazer** com o ato de verter-se o sangue, como muitos confundem. Como nos fala com muita propriedade Orlando J. Santos em seu livro "Ôrunmìlá & Exu", página 46, "**Para se fazer um EBÓ "tudo o que a boca come" é preciso ter esgotado todas as possibilidades de resolver o caso a partir das ervas: akasá, obi, orobô, etc. Sabemos que: obi, orobô e certas folhas, quando oferecidos aos orixás dentro do ritual, valem por um frango, cabrito, carneiro. Portanto, em muitos casos, substitui o EJÉ "sangue animal".** Sobre o uso de sangue nos sacrifícios tivemos amplo debate em trabalhos anteriores, voltando a abordar mais adiante nesse livro.
Se ele é o mensageiro divino, naturalmente a comunicação lhe pertence. Nos mitos, Êxú precisa saber falar muito bem, utilizar-se bem das palavras e ser, obviamente, muito inteligente. Jamais poderá ser enganado. É, por excelência, o mais esperto dos Orixás. Nada, abaixo de Olodumaré escapa de suas investidas, de sua vigilância, de seus testes. E, sensível, o africano observou que a perfeição fazia parte da essência do Criador... dessa feita, toda a Criação: os Imolê, Ebora, Orixás... absolutamente tudo subordinava-se, de certa forma, a Êxú. Ele é o grande vigia de Olodumaré, perfeito, onipresente em tudo o que há, dotado de todos os poderes para a manutenção das leis cósmicas de equilíbrio... daí até as divindades temê-lo.
Como vimos, se há o temor entre as próprias divindades... Êxú era mais do que respeitado entre os homens. Desde o Ôrun (Céus) à Âiyé (Terra), tudo tremia quando ele fazia-se presente. Chegava o vigia de Olodumaré... vindo conferir se tudo estaria dentro das leis divinas! Nos mitos aparece várias vezes suas punições aos deuses, aos homens, quando desrespeitavam de alguma forma os preceitos básicos. Como, portanto, alguém com tantos poderes e confiança do Criador poderia ser piedoso, fazer vistas grossas? Se fosse, alguma lei fosse infringida por sua invigilância, o Universo inteiro seria desestruturado porque todos nós conhecemos muito bem a velha lei da reação em cadeia. Às vezes algo aparentemente insignificante produz um efeito desastroso, de proporções inimagináveis. Êxú não pergunta se *pode*, se *deveria*: Êxú ***executa*** impiedosamente. Tem de ser assim.

O maior exemplo disso é o clássico mito das desavenças entre Obâtálâ e Êxú, quando da criação do mundo. Quem o lê primeiramente, pensa: mas esse Êxú é mesmo maldoso! Desaforado! Olha o que fez com o pobrezinho do Obâtálâ! Veremos.
Obâtálâ, quando recebeu a incumbência de Olodumaré em criar o mundo, saiu para a tarefa *sem obedecer* ao oráculo de Ifá fazendo tudo ao contrário. Inclusive *negligenciou* as oferendas necessárias para que sua missão fosse exitosa. O que fez Êxú? Montou-lhe armadilhas para fazê-lo cair nelas. Ainda de certa forma, tentou avisar... coisa que a Providência sempre tenta nos alertar e nós, naturalmente teimosos, sempre queremos fingir nada escutar, na inquietude de alcançarmos nossos objetivos (nem sempre meritórios, diga-se a verdade). Se Obâtálâ fosse mais sensível, menos teimoso e arrogante de seu poder, teria feito a oferenda ao primeiro aviso. Mas não. Prosseguiu. E acabou perdendo a sagrada incumbência dada pelo próprio Criador para Odùduwâ que, em momento algum, deixou de fazer os preceitos religiosos que devia, chamando inclusive Êxú aos seus serviços. Em outras palavras, fez tudo dentro das leis divinas!
Nesse mito, o africano tentava explicar que nem Obâtálâ (Oxalá), primogênito de Olodumaré, o maior dos Funfun, escapa às leis criadas por seu Pai! Nem ele! E lá estará sempre Êxú para trazer a ordem... corrigir os erros... reorganizar o Cosmos!
Em outros diálogos, mostra que nem Olodumaré interfere nas ações de Êxú. Como poderia? Não seria um contra-senso se Ele alterasse suas leis divinas absolutamente perfeitas, imutáveis? Como Ele alteraria sua própria Criação sem provocar um gigantesco desequilíbrio? Como ele corrigiria Êxú, a própria perfeição de suas leis? Como?
Sendo assim, para Êxú não há modismos em épocas e costumes diferentes que valham a pena. Nem leis criadas pelos homens em diversos grupos sociais que valham sem questionamentos. Se um grupo qualquer cria uma lei absurda, válida apenas para ele, Êxú não titubeará: vai e pune. Pune uma pessoa, um grupo, uma nação, o planeta, se necessário for. O Universo precisa prosseguir incólume para manter-se em ordem. Aliás, punir é questão de ponto de vista... para o infrator pode parecer uma punição. Para quem executa a moralidade do Cosmos, será apenas submetê-lo à lei. Êxú também não pode aceitar as leis morais humanas, duvidosas. Isso fez com que o africano o imaginasse como um ser amoral, até perverso. Amoral porque não se submeteria à moralidade humana, sempre duvidosa em seus valores. Perverso, é claro, para aquele imprevidente. Daí a importância dos jogos divinatórios, do babalaô em consultar Ôrunmìlá seguidamente para saber se tudo estaria em ordem, se Êxú estaria “tranqüilizado”. Eis porque, quem vem do Candomblé, conhecerá a máxima: cumprimentar Êxú no início do dia, perguntando-lhe: "o senhor acordou bem?" Ou seja, "eu estarei cumprindo minhas obrigações, estarei de consciência limpa para que o senhor não me puna?".
Sabedoria africana...
Falamos até agora muito dos aspectos punitivos de Êxú.
E se, porventura... tudo estiver em ordem?
Se um grupo, uma família ou uma pessoa estiver vivendo corretamente, de consciência tranqüila e com seus preceitos religiosos em dia, feitos para

minimizar quaisquer problemas vindouros? A força de Êxú manifesta-se como positiva, represada, agradável, extraordinária. As despensas estarão cheias, porque aquela família saberá ser trabalhadora, econômica, correta para com terceiros, mantendo um pensamento positivo e com fé, enfim sabendo plantar para colher. Nações inteiras serão beneficiadas quando seu povo é de índole boa. Bondade, em um sentido bem amplo, é qualidade abençoada por Êxú. Se ele é a personificação, a materialização da lei de *ação e reação*, é natural que ele faça voltar tudo aquilo que recebe, inclusive em oferendas. Por isso o africano tinha muitos cuidados em seu trato.

Explica-se quando, através de ebós (oferendas, trabalhos) existiria a intenção de *punir* alguém, uma ação de revanche ou vingança. Aquele que invocava Êxú sabia que poderia haver uma volta não muito "positiva", se não estivesse com toda a razão. Ficava alerta para apaziguar a força invocada contra alguém, quando ela retornasse, se a vítima fosse correta, bondosa, protegida pelos Orixás, fizesse suas obrigações. A "volta" poderia vir multiplicada, agregando em seu retorno outras forças negativas, atraídas pela similaridade magnética.

Por isso diziam: cuidado quando levantarem o ògo, o porrete de Êxú contra alguém! Muito cuidado!

Outro aspecto importante sobre Êxú quando foi transformado em divindade pelos iorubás, entre os Gêge (chamado de Elegbá) ou bantos (Bombogira), foi escolhida a forma masculina para personificá-lo. Por que?

Como Êxú, personificando o movimento, o impulso primeiro, o aspecto germinativo (fecundador) na Natureza e do Cosmos, poderia ser representado sob a forma passiva feminina, que só se tornará plena, procriativa, se for fecundada? Por isso, Êxú passou a ter e representar a forma masculina fecundadora, em toda a extensão do termo.

No início desse trabalho, discutimos longamente sobre o modo de pensar do africano, desprovido de falsos preconceitos. Olhando à sua volta, o africano assimilou que o símbolo de Êxú só poderia ser, em sua forma mais simples, o falo humano, ereto, potente. Nesse somatório de conceitos desenvolvidos até agora, esse comparativo parece-nos prático, objetivo como é o pensamento desses povos agrícolas. Todos os elementos referentes a esse Imolê/Orixá/Ebora lembra sempre uma forma fálica ou mesmo um falo, incluindo-se aqui seu bastão mágico, o ògo, que o transporta a todos os lugares ou traz-lhe objetos de volta, como uma varinha mágica dos contos europeus. O próprio montículo de onde surgiu, em forma cônica, lembra também um órgão masculino.

O fogo, transformação de matéria, veloz, indomável, poderoso, fonte de calor e vida, foco onde as pessoas reúnem-se em torno para conversar, imagem do ardor sexual, só poderia ser consagrado a Êxú, controle dado a ele por Odùduwâ quando da formação do mundo. Podendo redistribuir o controle desse elemento, Êxú concedeu a Aganjú o domínio sobre os vulcões, a Xàngó o fogo sobre a terra, à Oyá o fogo celeste. Mas ele sempre será o grande detentor do fogo, em todas as suas manifestações.

De acordo com todos os demais mitos e características citadas em vários autores, apenas ilustram-se aspectos desse que, sem dúvida, é o mais controvertido dos Orixás. Muitos autores também afirmam que Êxú é um moleque brincalhão, podendo ser invocado para fazer o bem ou o mal. Bem

humorado, irresponsável, apreciando pregar peças, amante do prazer de um modo geral, às vezes diabólico, sem nenhuma compostura. Isso é verdadeiro?
Já vimos que Êxú não é exatamente "alguém". É a perfeição das leis divinas, uma força da Natureza ao qual os africanos deram uma forma humanizada. Êxú nunca foi historicamente "alguém", nunca encarnou entre nós como um homem, como teria acontecido com Xàngó, Òxum, Íyá Mésêêsán (Iansã) e muitos outros Orixás. Eis porque ele não poderia ser um moleque, nem travesso, ter humor ou mesmo prazer. Muito menos ser diabólico, ou estaríamos afirmando que as leis de Deus seriam do mesmo modo instáveis... por sinal, outro contra-senso sem precedentes. Êxú não é nada disso. Como a doutrina iorubá era oral, já que não conheciam a escrita, nada melhor para memorizar do que histórias repletas de curiosidades. E sempre será mais fácil começar-se pela parábola para chegar-se aos fundamentos mais complexos, como fazia Jesus ao leigo. Razão porque, ao iniciante nos cultos afro-brasileiros, é mister a leitura com redobrado cuidado dos mitos procurando peneirar as alegorias, simbologia pura do conceito, propriamente falando.
Muitas vezes divagamos que há coisas intrigantes, só explicada pela intervenção do chamado plano espiritual superior, inspirando as pessoas nesse plano físico! Como se explica o africano aprendendo a lidar com essa energia, represando-a, utilizando-se de elementos materiais (oferendas) para tanto? Como se inspirou com tanta propriedade?
Um dos aspectos observados, foi quando fazia-se oferendas a vários Orixás sem surtirem o efeito desejado. O africano passou a perguntar: por que?
Aprenderam, entre outras coisas, que sempre ao verter um sacrifício a Êxú antes de qualquer ritual, por menor que fosse, essa energia ao qual ele comanda seria *realimentada*. Em suma, moviam-se forças para que a oferenda feita posteriormente aos demais Orixás surtissem efeito. Em um exemplo bem simples e mais moderno, seria como se dar uma recarga no telefone celular permitindo uma conversação perfeita entre os dois lados. Nesse caso específico... de um lado o homem, dando a oferenda... no outro o Orixá, recebendo-a. Passou-se a criar inúmeros mitos para explicar esse efeito, bem como cercar a pessoa, quando fosse legítima filha de Êxú, de algumas características específicas. Assim, Êxú passou a ser o Orixá com mais sacrifícios e oferendas recebidas, já que tinha de ser "lembrado" primeiramente em tudo. Sempre. Estabeleceu-se seu "gosto" pelo sangue, uma grande inverdade. Não é bem assim. *Esse "canal de comunicação" (se pudermos assim chamá-lo) precisa ser reenergizado antes da oferenda propriamente dita, senão sua energia transmutada não conseguirá chegar "ao seu destino", ao Orixá*. Na verdade, Êxú precisa "receber" sempre primeiro... ao menos uma oferenda "seca" (sem o sacrifício animal), sete velas acesas em uma encruzilhada, não importa se um gole de bebida (nesse caso, dá-se bebida alcoólica para o Orixá no Candomblé). Qualquer "agrado". Isso é basilar nos cultos afro-brasileiros em um todo. *Inclusive e, conseqüentemente, a Umbanda!* Quanto a esta questão, a Umbanda mais próxima ao Candomblé ou ao menos conhecedora desses fundamentos expostos até agora, jamais esquecerá do Padê de Êxú antes do início da gira

propriamente dita, garantindo um transcorrer de trabalho em perfeita harmonia. É visível, com esse ritual tão simples, os efeitos propiciatórios.
Bem, sejamos francos, costumamos sempre encontrar um bode expiatório para os nossos problemas. Ou menosprezar uma cultura quando chega em nossas terras, em condições “inferiores” às nossas. Traduz-se aqui “inferior” pelo termo “vencido”, “subjugado” pelas armas. A África foi invadida pela cultura islâmica (até hoje, curiosamente, o negro norte-americano julga-se islâmico, ignorando qualquer cultura anterior a esse fato). Mais tarde, vieram os jesuítas impondo-lhes o Cristianismo à ferro e fogo. Depois, em nosso país, o negro veio para cá em uma situação dolorosa: absorvido pelo processo cruel da escravidão.
Em todos esses casos, almejavam a aniquilação de sua alma para torná-lo servil. A primeira coisa a fazer, nesse processo, era tirar-lhe as referências. Acabar com reminiscências de sua pátria, de seu lar, sua fé. Êxú, nesse processo todo, foi o Orixá que mais sofreu o desprezo do(s) colonizador(es).
Calcule-se o choque dessas culturas, que negavam ou proibiam a atividade sexual impondo-a sob rigorosas regras de comportamento, ao encontrarem imagens de uma divindade cultuada em todo o território africano, portando um gigantesco falo ereto. Piorado quando souberam de seu caráter exposto nos mitos como jocoso, irrequieto, pregador de peças. Senhor do fogo. Se as outras divindades eram “demoníacas”, “primitivas”... Êxú recebeu pela frente todos os piores títulos e impropérios. Passou a ser a encarnação do mal, a figura do próprio Diabo. Para completar, Êxú passou a ser o grande demônio africano ao qual os "inferiores primitivos" adoravam...
Contudo, o africano escravizado não encontrou nisso motivo de vexame, de esquecimento de sua fé, motivo de vergonha. Mostrou-se muito mais forte que o escravagista tentando subjugá-lo. Tentando acabar com seu amor próprio, sua coragem, seus valores. Muito pelo contrário! A dor tornou-se a fortaleza de sua alma. Assim, Êxú passou a ser o grande vingador da miséria pelo qual passavam... suas oferendas paravam na frente da casa do senhor de engenho para puni-lo, fazendo-o receber de volta suas injustiças, juntamente com sua família que era conivente nesse processo.
Invocado continuamente como aquele enviado para defender seu povo.
Assim, como todos sabem, aconteceu com a maioria dos Orixás africanos, que passaram a ser adorados em seu lado *ebora*. Destrutivo, caótico contra o escravagista cruel. Popularizou-se assim que Êxú seria um demônio lançado contra o homem branco... criando terror quando deparavam-se com seus ebós nas encruzilhadas que davam acesso às Casas Grandes dos "sinhozinhos" sem coração.
Em vez de reordenar o mito, o africano, nessas condições sub-humanas, gostou disso. De ser temido mesmo debaixo do chicote. E mais alimentou a idéia de Êxú como um deus terrível, diabólico que poderia ser “levantado” contra alguém se seu povo ou adeptos fossem maltratados. E como o senhor de engenho verdadeiramente era mau, desrespeitando as Leis de Deus, recebia de volta aos borbotões o retorno de suas próprias más atitudes. Espalhou-se de tal modo no imaginário popular tais conceitos, que somente agora os novos autores, gente dos cultos afro-brasileiros, estão conseguindo refazer a imagem do Imolê/Orixá como verdadeiramente é em sua origem, dentro de nossos templos. Daí a necessidade sempre urgente de obras sérias

que tratem o afro-brasileiro de forma clara, objetiva, muito prática ao nosso povo-de-santo e curiosos de um modo geral.
Não ficam aqui as considerações.
O africano passou a observar certas substâncias, cujo efeito em nosso corpo lembravam o calor, o fogo. Os elementos "quentes" seriam capazes de ativar, "provocar" essa energia pondo-a em nossos trabalhos, a nosso favor. Assim, contrariamente, outros elementos seriam capazes de minimizar seus efeitos, "esfriando" o Orixá como se fala na linguagem simplificada dos terreiros. Passaram a oferecer-lhe bebidas alcoólicas fortes como o gim (4), no Candomblé, por exemplo. Outros elementos, por similaridades. Os búzios - o mesmo que moeda na África - em enormes quantidades, lembrando a infinitude que é Êxú (5). O barro vermelho, presente em alguidares, a lama de onde Êxú nasceu. Pimenta de várias qualidades. Cebola, pelos círculos concêntricos de suas camadas (lembra a casca do caracol) e seu sabor ácido, típico das ervas consagradas a ele. Todos os materiais restantes, compatíveis com essa energia, é conseqüência de tudo o que já desenvolvemos até aqui.
Por sua vez, mel, água, sal eram capazes de "esfriá-lo", até, se em muita quantidade, provocar uma reação danosa à energia original.
Por isso, se conhecermos a fundo Êxú... conhecendo sua energia... saberemos como mobilizá-lo a nosso favor! Bem como lidar-se com as entidades que trabalham na manipulação dessas energias, os ditos Exus **de Cruzeiro, de Encruzilhada.**
Também observaram a flora. Suas plantas costumam ter folhas serrilhadas, seiva ácida, leitosa ou corrosiva, espinhosas. Mamona, sua planta mais lembrada, malmequer bravo, folha-da-fortuna (ou saião, divide-a com Òxum), arruda graúda (macho), Bananeira (no Sul, pertence à Xàngó), Cana-de-açúcar, amoreira, hortelã-pimenta, urtiga, pó-de-mico, tiririca (dandá-da-costa), roseira, aroeira (pertence também a Ôgúm), arrebenta-cavalo, bardana, beladona, brinco-de-princesa (a flor dá-se à Iansã), figo-do-inferno,

(4) *Ver em "O Ebó no Culto aos Orixás" pág. 30 e "Ôrunmìlá/Exu" pág. 38, ambos de Orlando J. Santos. No Sul, curiosamente, nenhum Orixá "recebe" bebida alcoólica.*
(5*) Há uma curiosidade a notar no Sul, já que os cultos africanos (de Nação) tiveram de adaptar-se ao clima, aos recursos locais. Como os búzios eram raros (e caros) no mercado local, o africano sulista passou a usar grãos de milho em sua substituição nas oferendas. Além do milho representar riqueza, objeto de troca, abundância e constituir-se em inúmeras unidades (infinitude de Êxú), mãe Onira de Ôgúm (filha-de-santo de Appolinaria Baptista vulgo "Pequerrucha de Iansã") relatou-nos que aprendera noções do jogo de búzios com sua antiga mãe-de-santo em grãos de milho, "já que esses se prestavam, tinham dois lados bem definidos" até receber, finalmente, o término de sua feitura e autorização para o jogo propriamente dito em 1947 (Nota da Autora).*

paineira (barriguda, paina-de-seda, também pertence à Oxalá), laranja azeda e comum, amora, manga (alguns também dão a Ôgúm ou Iansã), toranja (grapefruit)...

E, ao final desse capítulo, recordamo-nos de uma história passada há alguns anos atrás...
Em uma dessas tardes, conversando com uma antiga mãe-de-santo do culto de Nação Sulino (Batuque), já muito idosa e com mais de quarenta anos de "feitura", ríamos e falávamos da figura do Orixá em sua plenitude...
Lá pelas tantas, ficou muito séria lançando-nos a seguinte questão: que parte do nosso corpo, Êxú (aqui chamado apenas pelo seu epíteto de Bará) comandava...
Dissemos "o sangue". Respondeu-nos que sim, mas ainda não era a resposta. O foco onde ele regia... onde iria se manifestar com toda a sua força, seu poder.
Pensamos na energia sexual e uma série de coisas... ela ria muito.
E apontou para a testa. "Ora, meus filhos! É o pensamento! E há coisa mais veloz do que o pensamento humano? Isso só pode ser coisa de Bará!". E riu-se muito de nossa cara de espanto!
Ficamos quietos. É... a velha sensibilidade africana! A sabedoria dos antigos...
Sempre é de se pensar, meditar... e algo para aprender!

CAPÍTULO II

OMULU/OBALÚAIYÉ, O SENHOR DA DOENÇA E DA CURA

Para compreender-se os mistérios desse Orixá, precisaremos nos repetir à semelhança de quase todos os autores. De quase tudo o que já foi escrito. Mergulhar em sua região de origem... o antigo Daomé, hoje Benin.
Assim como Exu foi "demonizado" pelos conquistadores europeu e asiático, Xapanã (Omulu/Obalúaiyé) e sua mãe Nânã Burúkú, mais do que seus irmãos Ôxumarê e Iroko (Tempo) também o foram pelo conquistador africano vindo de solo iorubá.
Ao invadirem o Daomé, encontraram ali uma sociedade antiquíssima, matriarcal cuja deusa maior era Nânã. Verger fala-nos que há várias divindades com o nome de Nânã em diversas regiões diferentes, todas chamadas coletivamente de *Inie*, com o caráter de deus supremo. Em decorrência disso, essa divindade aparece feminina, com ambos ou sexos ou até assexuada, já que tudo partiria dela no processo de Criação, sem haver necessidade do elemento masculino na geração de todas as coisas.
A consagração à Nânã exigia três peregrinações sucessivas cujo destino muitas vezes poderia ser a morte. Aos sobreviventes, o mais absoluto segredo do que haviam presenciado ou passado. Em outras regiões seu culto confunde-se ao de seu filho Xapanã (Omulu/Obalúaiyé). Em outras, ela e Xapanã são a mesma divindade. De qualquer forma, o culto a Nânã e seu filho impunham grande temor e respeito a seus adeptos, relacionando-os à morte, à doença e em especial, na época, à temível varíola.
O africano era bastante prático, não tendo os ideais paradisíacos do pós-morte cristão, nem alimentava esperanças de qualquer felicidade no além. Sabia que, ao morrer, enfrentaria os *Ôna Burúkú* (os Maus Caminhos, as zonas umbralinas) ou iria preparar-se para reencarnar (*àtúnwa*) no processo infinito do aprendizado. Morte, para o africano, não era sinônimo de

libertação, de paraíso eterno. E os espíritos dos mortos geralmente eram vistos como elementos perturbadores, destrutivos, perigosos de lidar. Verdadeiramente temidos.
Na África, alguns espíritos de ancestrais masculinos recebiam uma grande veneração, sendo reverenciados em festivais nos meados de junho (época da colheita) quando "desciam" à terra, andavam e falavam entre os vivos, trazendo bênçãos para sua família, sua aldeia como espíritos tutelares. Como não podem ser vistos (acreditam que eram a própria imagem da morte e que, se alguém os visse, morreria imediatamente) são recobertos por máscaras e roupas (chamadas *eku*) da cabeça aos pés. São os Égun (os mortos), reverenciados nos festivais Egúngún. No Brasil, estes espíritos ancestrais recebem culto desse modo apenas na Bahia em dois lugares: no Ilê Agboulá e Ilê Oyá, ambos em Itaparica. Às mulheres, que não manteriam uma alma individual como os homens, é vetado o ingresso e a participação nesses cultos (salvo as iniciadas, as *oiê* femininos). No Brasil, os cultos são feitos em barracões fechados, comandados por um sacerdote (*ojê otokun)* cujo bastão (*ixã)* tem o poder de controlar os mortos. Os Égun, chefiados pelo espírito do Babá-Égun (ou ainda Égun-Agbá), chegam vestidos por uma roupa (*opá)* que mais parece uma barraca retangular ou redonda feita de tiras coloridas dançando e tentando tocar os vivos que fogem ao seu contato. Acredita-se que, se tocado por um Égun, será atraído para si toda a sorte de desgraças e até a morte.
Basicamente, há aqueles Égun que têm "luz", vindo para proteger e trazer axé ao povo (os Babá). Já os Apaaraká (1), que ainda estão evoluindo, são imprevisíveis e perigosos. Esses últimos não falam, e suas roupas costumam ser mais simples. Sua lida com eles exige energia, disciplina e muito cuidado.
Na África, o Égun é venerado na floresta em um local chamado *igbo igbâlê*.
No Brasil, em vez da floresta, o local de culto é uma peça nos terreiros chamado *ilê awo* (casa do segredo), havendo nele um local de terra batida que recebe o nome de *balê ou igbâlê*. Ali haverá um buraco aberto diretamente na terra que receberá sacrifícios e tudo o mais para o agrado dos Égun, cercado de bastões (ixã) que fecharão magneticamente o local, isolando-o do resto do terreno. Esse lugar restrito ao culto dos mortos tem a proteção de Oyá Igbâlê (uma qualidade de Iansã), criadora mítica do culto aos Égun e companheira inseparável de Omulu/Obalúaiyé.
Como podemos ver, o culto a Égun é completamente separado do culto a Orixá. Por isso, nos cultos mais ligados ao africanismo, a idéia de que Ori

(1) Essas entidades lembram, e muito, os nossos Exus "de Limpeza", "de Pé" (porque ficam "aos pés", submetidos aos Exus de Lei ou Guardiões) ou "Almas", como dizem alguns (nota da autora).

xá (a um nível mais próximo a nós), quando poderia vir a ser o espírito de algum ancestral divinizado, uma idéia repugnante ou absurda. Explicaremos porquê.
Já na África, os mortos são vistos com imenso temor. Horror mesmo. Acredita-se que, ao morrer, tornam-se poderosos, vingativos, capazes de atrair a morte sobre os vivos. Há muitas histórias, algumas mais recentes,

mostrando espíritos de jovens (mulheres), que nos conceitos dos africanos não teriam uma alma individual como os homens, assombrando certos lugares. As almas masculinas circulam, quando estão no âiyé (terra), por lugares misteriosos, escuros e solitários como as florestas. Outros são traquinas, impondo sustos aos vivos. Eis porque, mesmo alguns já esquecendo essas origens, o pessoal de Candomblé ou Cultos de Nação tradicionais vêem a Umbanda com o mesmo pavor. Invocamos e trabalhamos com espíritos de mortos (Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças) e espíritos inconstantes como os Exus de Umbanda, considerados também "perigosos de lidar". Para eles, os próprios Apaaraká citados acima.
Em suma, os mortos são assustadores. Temíveis.
E é esse o mundo comandado por Nânã e seu filho Omulu/Obalúaiyé, dois Orixás melindrosos de lidar...
Para compreender-se melhor nosso desenvolvimento de idéias até aqui, voltaremos a contar a história de como iniciou o Festrival Egúngún na África...
Havia uma mulher que tinha um filho chamado Ojulari. Porque seus filhos anteriores haviam morrido, Ojulari cresceu mimado em excesso.
Entendiado, um dia o menino pegou as roupas de sua mãe, vestiu-se com elas e passou a dançar. Pediu à mãe que pegasse o banquinho onde estaria sentada e batesse nele, como um tambor, para que houvesse música.
Feliz, no outro dia bem cedo, fez a mesma coisa. Mas a mãe estava cansada e recusou-se. O garoto entrou em crise chegando a ficar febril por ter sido contrariado. Consultando Ifá, a mulher foi recomendada a fazer tudo o que o menino quisesse...
Temerosa de perder o filho, como havia acontecido com os demais, costurou-lhe um pano para se enrolar, passando a marcar o ritmo batendo no banquinho, como se fosse um verdadeiro tambor. O menino reagiu bem, dançando o dia inteiro. Ficou bom.
E assim, todos os dias, Ojulari ficava da manhã à noite dançando sob o som tosco do tambor improvisado por sua mãe, cujos talentos como musicista eram poucos.
Para providenciar-lhe comida assim que acabasse de dançar, pois sempre terminava faminto e exigente, a mulher passou a fazer-lhe certas comidas de véspera. Fazia eko, um mingau feito de milho, e moyinmoyin, um pudim feito de feijões ao vapor. Deu-lhe relhos também, para que afastasse as cabras que vinham tentar comer a comida cheirosa.
Ojulari cresceu, tornou-se um homem. E, um dia, viu a mãe morrer já idosa e cansada.
Com remorso de tudo o que a fizera sofrer quando menino, resolveu principiar uma comemoração em homenagem ao espírito de sua mãe.
Chamou seus amigos e deu-lhes as mesmas comidas que sua mãe preparava para ele quando menino. Depois, vestiu-os com panos coloridos e deu-lhes relhos, à semelhança que tinha quando pequeno para enxotar as cabras. Com um tambor chamado *bata,* saíram a dançar pela cidade tocando-o irregularmente, fingindo não saber tocá-lo. Tudo fazendo para lembrar-se de sua infância, em homenagem aos esforços de sua mãe.
O festival espalhou-se por toda a terra iorubá tornando-se o principal culto aos ancestrais, permitindo que eles "viessem", "incorporassem" entre os vivos

uma vez ao ano para trazer-lhes bênçãos. E Ojulari passou a ser o grande Babá-égun, o pai de todos os Egúngún.
Curiosamente, após essa história, lembra-nos de alguns comentários vindos da Nação/Batuque Sulino.
Os "antigos" (antigos sacerdotes) gaúchos, de forte influência do Xangô recifense e/ou vice-versa segundo Norton F. Corrêa (6), absorvendo, posteriormente, elementos gêge, falavam que "tocar tambor com o couro pouco esticado atraía égun", "comer certas comidas atraia égun" e uma série de proibições rituais remetendo-nos à história de Ojulari e ao culto de Egúngún em um todo. São fundamentos antigos, preservados oralmente, mas que já as novas gerações desconhecem a origem, o ritual, as razões para mantê-los ainda vivos no culto. Dessa feita, a necessidade urgente de preservação desses conceitos, via livros, antes que sumam ou sejam alterados significativamente pelos mais jovens, que consideram costumes ultrapassados sem uma razão verdadeira de existir, mesmo que à força da tradição. Isso explica também os comentários de que os "antigos tinham mais força" de um modo geral, por saberem e utilizarem desses fundamentos essenciais na manipulação dessa liturgia.
Morrer ou adoecer nesses cultos sempre será sinônimo de algum castigo oriundo dos "mortos", dos Orixás, feitiços ou causas sobrenaturais. Como já ouvimos comentar de sacerdotes aborrecidos com extremismos sobre essas questões, nosso povo crê que um membro de um culto afro-brasileiro jamais possa adoecer, morrer ou passar pelos problemas comuns a todos os mortais. Descartadas as causas naturais ou cármicas inadiáveis, aí sim poderemos observar as demais questões ditas espirituais. Todos sabemos haver formas de minimizar-se os problemas com as tradicionais oferendas, através dos jogos divinatórios gerais que, em concordância com vários outros autores, Ôrunmìlá inspiraria as devidas soluções.
Vale-nos citar novamente Norton Corrêa, quando ouviu de Mãe Moça a seguinte observação: os eguns são "*almas de pessoas ou minas (africanos, antigos) que morreram; andam pelo ar, em todos os lugares. Eles são cegos, tapados (obtusos, burros) e, por não se convencerem bem que morreram, querem continuar a viver junto com as pessoas, junto ao que era "deles*". São estes motivos que fazem do égun uma entidade perigosa, pois "encosta-se" nos humanos para tentar reaver de volta aquilo que agora lhe falta e tanto deseja: a vida. Pela mudança brusca de situação, igualmente, ficam "*irritados e desnorteados", sentindo-se "solitários", longe dos seus antigos companheiros de culto que procuram levar para junto de si. E de certa forma não fazem isto por maldade intrínseca, mas por não perceberem bem as coisas. Corre-se maior risco quanto maiores nossas relações no parentesco de religião com o morto; quanto ao consangüíneo, exceção feita a parentes pertencentes ao culto, praticamente nada poderá acontecer."*
Eis uma explicação aparentemente simples. Mas é exatamente isso que os espíritos dos mortos são quanto ao seu comportamento no mundo deixado para trás, o mundo dos vivos. Em palestras feitas nessa e outras cidades do interior do Estado, notamos, no espaço reservado às perguntas, sempre os mesmos questionamentos do quê seria a morte e o quê aconteceria aos mortos pelo nosso povo. Os membros dos cultos afro-brasileiros, em um todo, desconhecem essas questões de como se lidar com eles, entrando em

pânico, pavor mesmo, quando alguém é "tomado" por algum espírito obsessor, um quiumba, passando a falar, rolar pelo chão nas manifestações comuns das possessões doentias. Podemos dizer, com toda a tranqüilidade, que o afro-brasileiro, o umbandista não sabe lidar nessas situações. E nada sabe sobre o fenômeno natural da morte.
A Umbanda diferencia-se da doutrina espírita (chamada pelos leigos de "kardecismo") que pede ao obsessor, às vezes por anos a fio, dizendo-lhe que "se afaste dos vivos", "vá com os espíritos de luz para algum lugar melhor". Isso acontece com os espíritos já com um pouco de esclarecimento. Mas é um tratamento sem maiores resultados **quando lidamos com um espírito obsessor contumaz,** que debochará dessas práticas voltando, ainda mais feroz, à vítima logo à seguir,

6) Ver em "O Batuque do Rio Grande do Sul", de Norton F. Corrêa, página 49.

perturbando-a ainda mais. Nesses casos, a Umbanda costuma ser muito mais eficaz na solução desses problemas, agindo de forma mais endurecida com esses indivíduos que não querem ouvir a curto ou médio prazo. No entanto, precisamos salientar que as obras de cunho espírita são as melhores já escritas por tratar dessas questões de sobrevida após a morte com clareza e lógica, descrevendo os locais para onde iremos com absoluta precisão e coerência. O que é um espírito, perispírito, o uso de energias, passes magnéticos explicando com objetividade praticamente tudo o que fazemos nos terreiros. E muitas vezes, pela velha preguiça de não querer ler ou aprender, não entenderemos essas questões ficando apenas apegados a resultados práticos.
O temor ao espírito dos mortos também é explicado pelo uso deles em feitiçaria pesada. Nenhum guia de luz, Orixá ou outros, participam desses rituais pela sua elevação espiritual. Nesse rol, citamos também os Exus ditos "de Lei" ou Guardiões que já têm luz (esclarecimento espiritual, moralidade, bondade) como não-participantes dessas operações. Somente os Égun sem luz executam esses trabalhos de malefício incluindo-se, nessa categoria, os ditos “Exus” não doutrinados, ligados à magia negativa. Dizemos “Exus” porque na verdade não o são, sendo simplesmente quiumbas que se dizem exus para terem crédito nesses meios. Daí, na maioria desses trabalhos, é usado o cemitério de forma indiscriminada, lugar comum onde perambulam esses espíritos sem rumo (e também espíritos de luz, missionários com o intuito de ajudá-los), concentrando-se ali um foco extraordinário de energias (oriundas da decomposição da matéria), para a feitura dessas magias. Por mais queiram acusar, nenhum "Exu Caveira", "Tranca-Rua, "Veludo", "Padilha" verdadeiros, com boa orientação e sob a hierarquia dos Caboclos e Pretos-Velhos podem ser responsabilizados por tais práticas.
Como já vimos, nos Cultos de Nação, de um modo geral, há um local dedicado dos espíritos ancestrais daquele terreiro. Almas de antigos babalorixás, ialorixás, filhos da casa. Nele são feitos sacrifícios, colocadas imagens, sempre possuindo piso de terra batida com um buraco onde ali são vertidos o sangue de alguns sacrifícios específicos. É o *balé ou igbalé*, a

temida "casinha" dos mortos comandada por Oyá Igbalé, dividindo-a com Omulu/Obalúaiyé. Como já ouvimos antigos dirigentes fazendo comentários, o *balé* ou balê é a “moradia” dos Égun(s) do terreiro. Todos protetores, mas nem sempre com luz suficiente para discernir o bem do mal fazendo o que pedirem a eles. Na opinião de alguns desses dirigentes, esses Égun(s) sem luz são os mesmos “Exus” que invocamos em certas “umbandas” ou na Quimbanda em feitiçarias maléficas. E, como afirmam alguns, a Umbanda (ou a Quimbanda, nesse caso) teria "roubado" esse fundamento criando a tronqueira, a chamada "casinha de Exu" para "imitar" a Nação, o Candomblé...

Lamentavelmente, alguns babalorixás e ialorixás mais ortodoxos e, portanto, menos tolerantes, costumam apenas enaltecer os méritos de sua própria religião. Esquecem-se que a origem da Umbanda, em sua raiz africana, também perde-se com o tempo.

Como vimos na história de Ojulari e o início do Festival Egúngún, desde quando os mortos africanos são reverenciados? Desde quando foi criado o primeiro *igbalé* para reverenciar-se os ancestrais protetores dos terreiros, das aldeias, das famílias? Perguntamos: estaria aí o ponto de origem da Umbanda na África, já que tratamos com os ancestrais diretamente? E assim, como os Cultos de Nação reverenciam seus ancestrais de origem africana em seus *balés*, a Umbanda também reverencia nossos ancestrais que deram início ao povo brasileiro! Quem eram eles? Enaltecemos os Orixás africanos iorubás, Voduns, Inquices. Os pretos-velhos que foram escravos. Os indígenas. O europeu e seus santos, antigos homens e mulheres que desempenharam o papel de divindades tutelares, no Cristianismo. Até os ditos “de menos luz” adotados agora de um modo mais aberto, como os boêmios, que agora chegam como Exus, ciganos? Todos são bem-vindos a trabalhar no bem nessa religião que ninguém discrimina.

Falando de Égun(s), não poderíamos esquecer as Yámi Oxorongá, as "Mães-Feiticeiras" como preferimos chamá-las, já que seu nome de origem africana não deve ser mencionado levianamente.

Recordando, os africanos acreditam que os homens são detentores de uma alma individual. Ao morrerem, permanecem como eram no pós-morte. Já as mulheres fundiriam suas almas em uma energia portentosa, pelo somatório de todas elas, sendo que muitas delas, foram antigas feiticeiras, sacerdotisas de culto. Nos mitos africanos, as mulheres sempre foram tidas como poderosas na magia pelos homens que sempre tudo fizeram para destituí-las de qualquer poder. Essas "mães-ancestrais", "mães-feiticeiras", as yámi ou Yámi Oxorongá, têm uma grande ligação a Òxum, sendo muito reverenciadas no Candomblé. Mesmo quando discordamos das idéias panteístas, caídas por terra quando chegam em nossos terreiros espíritos "femininos" individuais em suas comunicações, as "Mães-Feiticeiras aparecem em inúmeros mitos centrando em si a própria energia terrestre, materializando em si as três dimensões físicas existentes nesse orbe. Quando acendemos velas nos quatro cantos dos terreiros, na tronqueira dos Exus, trabalhos e uma série de rituais presentes em todos os cultos afro-brasileiros nós, umbandistas, justamente esquecemos que essa prática remonta a um pedido de proteção a esses espíritos femininos, guardiães ancestrais, cujo ritual veio da África, funcionando maravilhosamente na

eficácia de nossos rituais... unicamente porque muitos de nós desconhecem sua origem e quem são elas.
Fala-nos Olga Gudolle Cacciatore que oxorongá é um pássaro africano possuindo um "grito pavoroso" que, acreditamos pela superstição que cerca essa ave, foi-lhe dado nessas terras, como símbolo, a coruja. Elas coletivamente representam todas as mulheres, as mães que nasceram antes de nós inclusive Òxum, Yemoja (Iemanjá), Nâná, centralizando em si todo o poder feminino de gerar e do inesgotável poder da magia trazido latente em si. Detendo o somatório do conhecimento das práticas mágicas, do próprio poder quase equiparado à própria Divindade, também são lembradas (como todos os Égun(s), como a própria terra que dá vida à gerações futuras, recebendo suas homenagens *através de um buraco no chão que receberá oferendas*(1), desde um singelo copo com água até um pouco de todas as oferendas que são entregues aos Orixás. Por isso as "mães-feiticeiras" são temidas inclusive pelas próprias divindades que respeitam esse foco de poder.
Esse universo assustador, misterioso e temível que o africano tinha em relação aos mortos é enfeixado pelo Orixá Omulu/Obalúaiyé e por Nâná, seus deuses. Todavia, na Umbanda, a figura de Nâná passou não mais a ser vista como a grande orixá dos mortos temíveis, mas sim a mais velha das Orixás femininas, ligada ao mundo das águas como todas as demais, algumas vezes confundida com uma "Iemanjá Velha" ou, simplesmente, a figura benevolente da avó. Dessa forma, toda essa carga negativa, apavorante, recaiu sobre seu filho.
Toda a história que cerca esse Orixá relaciona-o a sofrimento, abandono, mágoa e uma grande ligação à figura materna que, justamente, o

(1) Toda a homenagem à ancestrais é feito com um buraco no solo que receberá nossas ofertas. O contato com o solo é de relevante importância, daí a tronqueira ter parte dela de chão batido (nota da autora).

abandonou ao nascer. Muitos de seus "filhos" trazem esses problemas existenciais em crises profundas de depressão, não sabendo lidar com os problemas mais simples, permanentemente queixosos, vinculados a sentimentos de inferioridade, não crendo que vieram a esse mundo para serem felizes como qualquer outra pessoa.
Por isso, talvez Omulu/Obalúaiyé seja, de longe, o mais temido dos Orixás. Senhor de todas as doenças, da morte, do sol abrasador que mata e dissemina epidemias. Senhor da decomposição da matéria, do cemitério. Aquele que pune os maledicentes, os irônicos, os que desrespeitam o culto. Mas, assim como mata com suas doenças... cura. Divide esse poder com o patrono da medicina, Ossaim. E com seu xaxará, na Umbanda uma pequena vassoura, varre todos os males, as doenças, as desgraças que rondam os fiéis... comandando a vasta falange dos Exus ditos “de Linha de Cemitério”.

CAPÍTULO III

O PADÊ DE EXU

Um dos maiores erros dentro de qualquer casa que se diga afro-brasileira (Umbanda, Candomblé ou Cultos de Nação) é ignorar-se a força proveniente do Orixá Exu. E um dos erros mais comuns vistos. Por que?
Vimos, no primeiro capítulo desse livro, o poder desse Orixá. Sem ele, impossível qualquer pedido, qualquer prece dentro de uma casa. Impossível fazer-se oferendas, obtendo-se aí um resultado positivo. Assim, será impossível um amaci, com sucesso. Impossível qualquer ato religioso, como diz aquele ponto cantado (em homenagem a seus trabalhadores na espiritualidade), O Povo **de Exu.**

"... salve o Povo de Exu
SEM EXU NÃO SE FAZ NADA!"

A sabedoria popular, expressa nos cânticos, é sábia.
Mas o que é o Padê? Qual sua utilidade?
Depois de tudo o que abordamos antes, seria necessário repetirmos que antes do mais insignificante, o menor dos trabalhos dentro de um terreiro, é *indispensável* Exu (Orixá) ser lembrado? Com uma vela, uma farofa gorda ou outro *agrado*? Que essa lembrança (traduzida aqui por "reenergização", alimentação dessa energia), aparentemente tão simples, faz com que aumente consideravelmente o axé da casa, o sucesso dos trabalhos, a harmonia da corrente mediúnica, a vinda de pessoas compatíveis ao terreiro, a riqueza material para a manutenção das instalações... enfim, que tudo *funcione bem*?
Todavia, dirigentes que vieram de outra formação religiosa anterior, mais rígida, são relutantes em invocar Exu em seus terreiros. Têm medo. O Exu de Umbanda (os Elegbaras, os "Donos do Poder", termo que já usamos para distingui-los do Orixá em trabalhos anteriores) poderão até vir em trabalhos, mas... o Orixá... jamais! Pensam eles que acabarão "cruzando" o terreiro com o Africanismo. "Cruzar" aqui também tem a conotação de trazer para dentro o "demônio africano", coisa que os senhores de engenho pensavam e incutiram na mentalidade popular como vimos no primeiro capítulo. Incrível, para não dizer estranho, que um Orixá desse porte ainda seja confundido com o Demônio em nossos dias...
Mas, começando por nós, somos os grandes responsáveis por esse equívoco...
Em primeiro lugar, permitimos que sejam cantados em nossos templos pontos onde falam que Exu (de Umbanda) é "capeta", diabo", citam sua morada como o "Inferno", "pombagira é vagabunda", "é bêbado" ou "viciado". Absurdos! Os responsáveis nisso tudo somos nós mesmos, preservando tais idéias vindas das casas dos senhores de engenho!
Em segundo lugar, compramos imagens com peles pintadas de vermelho, chifres, rabo em flecha e colocamos em nossas tronqueiras como nossos "protetores"...
Permitimos que coloquem nomes aos nossos Exus como Lucifer ou Belzebu, velhos nomes cabalísticos de demônios. Infelizmente, já muitos Exus respeitáveis foram batizados com esses nomes. Hora de substituí-los... por Deus!

Compramos imagens de pombagiras nuas em poses para lá de sensuais e dizemos que elas são "boas moças", “espíritos de luz”...
Como médiuns, por sua vez, vestimos roupas com decotes, transparências, fendas que são verdadeiros convites ao sexo para quem vê...
Vestimos homens (*salientamos bem que não se trata de preconceito, muito pelo contrário*), travestidos de pombagiras, esquecendo que em nossos templos velhos que foram educados em outros tempos e crianças freqüentam esses locais e que, enquanto houver preconceito no mundo e lamentáveis piadas de mal-gosto nos meios de comunicação explorando esse veio com personagens caricatos como comédia, no mínimo exige-se discrição em nossas opções...
Permitimos visitantes com roupas escandalosas, mini-saias, shortinhos esquecendo que muitos ali dentro estão, justamente, para reajustar sua sexualidade desequilibrada, perturbando-os ainda mais em vez de ajudá-los!
Esquecemos que nossos terreiros são **templos religiosos**. Não se vê tais comportamentos em outros lugares, como uma Igreja, por exemplo. Mesmo que ergamos a bandeira de sermos avessos a tais idéias. Mas enquanto existirem esses (pre)conceitos arraigados na mentalidade popular, devemos lutar para que sumam... mas enquanto isso, preservarmo-nos de chacotas. Questão de bom senso. Então, porque nossos terreiros podem ousar tanto?
Aliás, depois do livro de Jô Soares intitulado “O Xangô de Baker Street”, muitas pessoas procuraram-me perguntando as razões pelas quais um homem heterossexual não incorpora pombagira. E porque uma mulher hetero consegue incorporar Exus masculinos.
Razões simples de entender.
Um homem heterossexual recebe, desde a infância em várias culturas em torno do globo, uma sobrecarga de padrões que exigem dele um comportamento avesso ao feminino. Em outras palavras, ensinam aos garotos que “não devem chorar”, “que isso é coisa de menina”, “que deve ter honra”, “ser forte” e assim por diante. Esses bloqueios vêm de longa data, impondo um modo de pensar, cortando qualquer vínculo ao universo dito “feminino”.
Ora, uma pombagira, entidade que lida diretamente com o chacra básico feminino, personificação da sensualidade da mulher, não encontrará caminhos, nem energias para se manifestar em um corpo masculino, repleto de testosterona. Qual o homem heterossexual, que recebeu essa carga de educação na infância, conseguirá (e aceitará) colocar adereços, vestidos e gestual típico dessa entidade extremamente feminina?
É óbvio que não conseguirá.
Você deve estar perguntando: e um ator, alguém que tem esses desbloqueios para atuar, consegue incorporar pombagira?
Como vemos, não se trata apenas de atitude comportamental. Como dissemos, uma pombagira não encontra afinidade alguma em um corpo repleto de hormônios masculinos, sendo ele masculino ou até mesmo feminino, em certos casos. Homens também não incorporam Caboclas ou Pretas-Velhas (exceção feita aqui unicamente para Orixá, que pertence a outro nível de vibrações mais elevada, menos apegados à matéria). Isso é mais sutil. Só explicável aqui no nível de energias mais sutis, que chamamos espiritual, de sintonia vibratória.

Por sua vez, uma mulher heterossexual é capaz de incorporar pombagira ou entidade masculina naturalmente. Além da mulher não sofrer o mesmo bloqueio imposto aos garotos desde a infância, a mulher detêm um tipo de energia menos densa em seu corpo, por vários aspectos, permitindo a espíritos que vibram mais nessa ou naquela modalidade encontrarem guarita para manifestar-se.
Temas polêmicos? Não creio. Isso é sabido dentro dos terreiros, popularizado na obra de outros autores. Portanto, não é novidade alguma.
Tentamos aqui apresentar algumas linhas de conduta, de ética mesmo, com fins de auxílio.
Vamos a seguir apresentar outras, que servem como modelo para qualquer religião, seja ela qual for.
De um sacerdote ou médiuns (respeitando-se aqui a liberdade de cada um), espera-se fidelidade conjugal, com a escolha de um único parceiro e uma vida sexual serena, não devendo aparecer em lugares públicos bebendo destrambelhadamente, portando-se com fanfarronice, nem cultivar a violência doméstica ou nas ruas, guardando armas e drogas em sua residência ou templos, mancomunando-se com atos ilegais ou protegendo indivíduos. Vestir-se ou portar-se sem sobriedade. Esse é o perfil esperado sempre de um sacerdote em qualquer lugar do mundo, em qualquer religião seja ela qual for e que muito bem explica-nos o babalorixá Mario César Barcellos em “Os Orixás e o Segredo da Vida – Lógica, Mitologia e Ecologia”, publicado pela Pallas Editora (RJ), no cap. VII. Aliás, mais do que um capítulo. Um alerta maravilhoso.
Exemplo é o mínimo esperado de um sacerdote, de seu grupo mediúnico e templo. Quem estiver fora desses padrões, não seja médium. Primeiro deve tratar sua espiritualidade para depois ser um trabalhador do bem, mostrando equilíbrio! Quando estiver sereno consigo mesmo... será bem vindo. Afinal de contas, "só podemos dar aquilo que temos". Se ainda não temos o suficiente para doar, vamos buscar... e só depois distribuir o melhor para quem tanto precisa!
Um sacerdote é a vitrine de seu templo. Lembremos disso.
Se tudo estiver bem a energia de Êxú fluirá...
E é para esse Orixá... essa energia cósmica que move os mundos, que invocamos no sagrado ato de apaziguamento do Padê.
Mas... o que é Padê?
Segundo Olga Gudolle Cacciatore, padê (1) vem do iorubá que quer dizer "reunião". Para nós, não apenas reunir o grupo de médiuns em torno da oferenda, mas também enfeixar energias vindas desse Orixá para o templo. O padê, justamente oferenda propiciatória e apaziguadora, faz com que a gira (a sessão) transcorra em tranqüilidade. Consistirá de:

- água (de preferência de chuva);
- azeite-de-dendê;
- farinha de mandioca;
- bebida alcoólica (cachaça).

Junto inclui-se uma vela vermelha, bicolor nas cores vermelha e preta ou, simplesmente, branca.
Faz-se da seguinte forma:

Após os cânticos e prece de abertura, é trazido um pequeno alguidar de barro com uma farofa gorda (farinha de mandioca misturada ao azeite-de-dendê) tendo ao centro, enterrada na farinha, a vela. Junto uma quartinha com água, geralmente essa colocada na porta de entrada dos terreiros aberta para absorver energias negativas e "apaziguar" o ambiente, trocada em períodos regulares. Temos visto, em terreiros de Umbanda, não incluir-se nesse ritual a bebida alcoólica, porque já na tronqueira encontraríamos uma quantidade satisfatória de bebida alcoólica junto aos Exus, seus serviçais.
Coloca-se a água e o alguidar no centro da roda, logo a seguir cercados pelos médiuns que poderão ficar de mãos dadas ou estendidas em direção à oferenda.
O dirigente irá acender a vela, ficando com a sineta, tocando-a.
Passa-se a cantar o seguinte ponto acompanhado de tambor (ou não, se a casa não o utiliza):

" Saia daqui Aluvaiá, que aqui não é o seu lugar (bis)
Eu não quero ver-te aqui, na casa de ..... (bis)"

Aluvaiá não é o nome de qualquer demônio, como muitos poderão pensar. Na verdade é o termo banto-angola para o Orixá Êxú. E já que a Umbanda utiliza-se muito de terminologia banto, usa-se esse termo para invocá-lo nesse ritual.
Expulsando-o do terreiro, como diz o ponto, também não significará que "estaremos expulsando o Demônio do terreiro". Na verdade pede-se que sua força *ebora*, caótica, seja minimizada, retirando-se para o exterior, para bem longe daquele ambiente. Nada mais do que isso.
Após o cântico, a quartinha de água retorna para a porta de entrada (lado de dentro) e a farofa gorda ou é despachada imediatamente em um cruzeiro ou, mais simplesmente, ficará dentro da tronqueira (lugar consagrado às falanges que trabalham nessa energia), sendo seu conteúdo despachado posteriormente. Em alguns terreiros, por sua vez, a farinha é dispersada na frente do mesmo.
Em terreiros distantes da raiz do Candomblé, tal prática é desconhecida.
E como faz falta, haja visto os resultados!
Hora de sabermos do poder desse Orixá e o que ele poderá fazer em benefício ao templo, trazendo grande prosperidade, já que todos os seus canais estarão abertos para as regiões de luz...

(1) Naturalmente, faz-se o padê em todos os dias, menos os consagrados à gira de seu povo, o Povo de Exu. Nessas sessões deseja-se que sua energia completa fique dentro do terreiro, canalizada e direcionada por suas entidades (Nota da Autora).

CAPÍTULO IV

DIFERENÇAS BÁSICAS ENTRE UMBANDA E QUIMBANDA

Eis uma pergunta constante, que ronda nossos terreiros e assistência. Onde estou? Que tipo “de linha” é a sua? No quê trabalha? Trabalha com Êxú? Mas aqui se faz Umbanda?

Isso não é tão fácil de explicar, haja visto as diferenças regionais nesse país, sem falar que há terreiros que aproximam-se mais de um do que de outro.
Desse modo, há os terreiros "puros", ditos de "Linha Branca" (chamados assim porque os uniformes são brancos, não sendo feitos de outra cor).
Há terreiros intermediários ditos de "linha Branca", mas que também trabalham com Exus, como o nosso.
Há os terreiros de Candomblé de Angola que tem giras de boiadeiros, que nada mais são do que Caboclos, "encantados".
Outros, praticam a Quimbanda "pura", onde não há acesso para Caboclos e Pretos-Velhos.
Alguns fazem Quimbanda, destinando um dia ou poucos para a chegada de Caboclos e Pretos-Velhos, como festas anuais, com alguma orientação espiritual desses quaisquer.
Outros de Nação (Culto de Nação, Batuque), mas que tem seus dias de Umbanda ou praticam a Quimbanda.
Nesses "meios-termos" é que surgem as questões, as dúvidas...
Para tentar dirimir tanta confusão, iremos começar inspirando-nos e adaptando o trabalho de Norton F. Corrêa (recomendamos aqui sua leitura) que soube, magnificamente, dividir os cultos em três classificações básicas. Outrossim, deixamos claro aqui que eliminamos os conceitos e a terceira classificação regional do Batuque Sulino, no intuito de tornar nosso trabalho aceitável em todo o país:

1. A Umbanda "Pura", dita "Linha Branca", "Magia Branca", "Linha de Caboclo" ou "Caboclo"
   - Seu crescimento deu-se no início do século passado (1908).
   - Elementos de origem banto, predominantes.
   - O médium incorpora várias entidades e tem consciência que está "incorporado"
   - As entidades incorporantes são os "Guias", Caboclos, Pretos-Velhos e Orixás (ditos "Orixás de Umbanda(1)" ("mais relacionados ao Candomblé Baiano", segundo Norton).
   - O uniforme é branco, semelhante aos uniformes de enfermagem, para diferenciá-los do Africanismo.
   - Pontos cantados em português, salvo algumas inclusões de palavras africanas.
   - *Inexistência de sacrifício animal.*
   - O médium poderá sair do culto, tomando o cuidado de fazer os devidos "desligamentos" e pedido de permissão às entidades.
   - As sessões iniciam-se no início da noite e não ultrapassam a meia-noite.
   - Não há "assentamentos" quaisquer para os Guias (Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças/Yori), apenas imagens imantadas por esses guias em gesso ou outros materiais.
   - Reúne elementos culturais africanos, indígenas, orientais, espíritas ("kardecistas"), europeus (principalmente portugueses).
   - Os sacerdotes são chamados de "irmão, "irmã", "Cacique". Nunca babalorixás, yalorixás ou muito menos babalaôs.
   - Os terreiros são fiscalizados por Federações.

- São usados bebidas alcoólicas e tabaco, em uso mínimo.
- O salão é dividido em dois ambientes distintos para assistência e corrente de médiuns. Ambos nunca se misturam.
- A autoridade dos dirigentes é menos rigorosa que em outros segmentos afro-descendentes. Aceitam questionamentos e respondem a todo tipo de pergunta.
- As casas mais tradicionais não se utilizam de tambor, apenas de cantos ou palmas para acompanhar o ritmo. O tamboreiro sempre será médium da casa.
- Colares de contas, sementes ou outros materiais em cores variáveis.
- Possui "*corpo doutrinário estabelecido e expresso (embasado no Kardecismo) com ampla bibliografia na qual se buscam também os conhecimentos rituais".*
- As sessões públicas são semanais.
- Só pode fazer "o bem" sendo que no máximo, pede-se "justiça espiritual".
- Os trabalhos são feitos em materiais simples, baratos. Pratica-se em síntese a caridade sempre que possível.

2. "Linha Cruzada", "Esquerda", "Quimbanda", "Linha Negra" ou "Magia Negativa"
   - Segundo Norton Corrêa, seu crescimento deu-se a menos de quarenta anos atrás, provavelmente. É uma modalidade nova.
   - As cores dos vestuários são coloridas, vibrantes, uso do preto. Uso de muitos adereços, jóias.
   - As cores do templo geralmente são pintadas em cores escuras.
   - Não há a presença do estudo da doutrina espírita.
   - As sessões podem ser semanais ou em espaços maiores.
   - Fala-se que a casa é comandada por Exus ou "Eguns".
   - *Inclusão necessária do sacrifício animal.*
   - Os sacerdotes são chamados de "dirigentes".
   - Não há a presença dos guias que alicerçam a Umbanda, tais como Caboclos ou Pretos-Velhos ou "vêm" raramente, ou ainda pouco orientam as diretrizes da casa. Os uniformes costumam ser coloridos para essas entidades.
   - Bebidas e tabaco são usados em grande quantidade.
   - Colares de contas onde se apresenta a cor preta em suas missangas.
   - O tamboreiro pode ou não ser médium da casa. É permitido a entrada de leigos para o uso dos mesmos.
   - O médium sabe que incorpora, à semelhança da Umbanda.
   - As sessões ultrapassam a meia-noite podendo prosseguir madrugada adentro.
   - Festas anuais de grande porte.
   - A desvinculação ao culto é bem mais complicada do que na Umbanda.

- Faz-se o “bem” e o “mal” simultaneamente, de acordo com a necessidade da assistência.
- Os trabalhos são onerosos, variando muito de preço.

O que propomos aqui, nesse trabalho, é o modelo das casas onde se pratica a Umbanda dita “Linha Branca”, com todas as suas diretrizes, permitindo o desenvolvimento, a elevação espiritual dos Exus em sessões específicas para eles sendo que, ao terminar, sempre virá o Caboclo ou Preto-Velho responsável que dará a “limpeza espiritual” do terreiro e sua anuência para o término, já que representam a cúpula de comando dos mesmos.

Nessas casas, já que sua diretriz é a Umbanda, não haverá o sacrifício animal para os Exus, recebendo esses outros materiais, perfumes, bijuterias, marafo (cachaça) e velas em encruzilhadas distantes da população. Podendo ser “firmados” em tronqueiras (casinhas) receberão ali seus “agrados” e sua imantação específica através do “assentamento” feito em vaso de tabatinga (barro) encostado diretamente na terra (jamais sobre lajotas). Essas tronqueiras serão “fechadas” (para que seus fluidos não se espalhem pelo terreno) pelos Caboclos e Pretos-Velhos através de ponteiros de aço ou outros materiais que serão citados pelas entidades.

Ou seja, aqui propomos um trabalho intermediário: onde a Umbanda nunca perderá sua orientação primeira e Êxú terá a oportunidade de trabalho e evolução, mas sem o sacrifício animal e sendo totalmente proibido a prática de feitiços para “o mal” nesses lugares.

Quanto ao que seja “bem” ou “mal”, todos conhecemos seu significado.

Cremos que assim encontraremos o devido equilíbrio, nos tempos atuais onde se ignorar a “esquerda”, vetando-lhes a oportunidade de luz, já é um crime contra a Caridade.

(1) Leia-se o capítulo dedicado a esse tema em “Umbanda: Crença, Saber e Prática” dessa autora.

CAPÍTULO V

AONDE MORA EXU E QUEM ELE É

Falamos muito do Orixá até agora. Vamos conhecer, então, seus serviçais, espíritos que trabalham em sua energia. A pergunta mais freqüente em nossos terreiros e assistência, é: qual a diferença entre o Exu de Umbanda e o Orixá?

Eis um exemplo simples que sempre funciona, quando explicamos a alguém pela primeira vez.

Imaginem uma grande empresa. Uma fábrica por exemplo. Como seu presidente, seu dono, tem o Orixá Êxú como o dirigente. Todos sabem que ele é o dono, mas digamos que pouco ele aparece na fábrica, entre os funcionários. Mas todos conhecem suas regras, suas determinações ali dentro.

Como empregados, trabalhadores dessa fábrica, há muitos grupos.

Há o grupo de Rosas-Vermelhas que trabalham nas ruas em vigilância aos transeuntes.
O outro são as Pombagiras Ciganas de Encruzilhada ou Estrada que trabalham para os casos de amor e dinheiro, auxiliando na busca de empregos.
Os Zé Pelintras trabalham na área de boemia protegendo aqueles que ainda caem nos vícios, mostrando que a Previdência não abandona até os mais infelizes.
Os Tranca-Ruas fechando os caminhos, atrapalhando na condução de feitiços destinados à injustiça, os feitiços feitos para o mal.
Os Destranca-Ruas, justamente fazendo o contrário do que os Tranca-Ruas, trabalhando para abrir caminhos, favorecendo os bons feitiços, facilitando na busca de soluções.
Os Sete Ventanias trabalhando com forças ligadas à atmosfera, para a condução de trabalhos para o bem.
Os Sete-Encruzilhadas que além de vigilância, também abrem caminhos.
E por aí vai, incluindo-se aqui os nomes desses grupos. Vimos tratar-se de "nomes-código" de Exu, que representam não apenas uma única pessoa (nesse caso, espírito), mas um grupo de pessoas que preferem ser identificados dessa forma.
Assim, o dono da fábrica é o Orixá Êxú. O dono dessa energia, desse poder. Em uma hierarquia infinitamente superior comparado a seus empregados. Ele é um Imolé, formador do plano físico nesse planeta e, é claro, não incorporante.
Para essa energia trabalham todos os Exus de Cruzeiro, de Encruzilhada, de Rua que existem. Como usam "nomes-código" que representam todo um grupo, explica-se porque em uma gira poderá haver tantas Ciganas, Rosas-Vermelhas, Sete-Encruzilhadas e por aí vai em uma lista muito grande de entidades. Repetimos, na verdade não são seus nomes próprios. *São nomes dos grupos ao qual pertencem*.
Como são espíritos, naturalmente tiveram um nome próprio como João da Silva, Ana de Castro, ou qualquer outro quando viveram... mas ao chegarem em uma gira de Umbanda usam um desses nomes-código, um nome-chave que representará *sua função na espiritualidade* e não exatamente *quem são ou quem foram* quando viveram na Terra como homens e mulheres comuns.
Vamos agora para outro exemplo.
Há outra fábrica ao lado.
Uma fábrica conduzida e de propriedade de Omulu/Obalúaiyé (Xapanã) que é o dono da transformação da matéria, empresa especializada em quebrar feitiços, doenças espirituais e demandas pesadas. É uma empresa que gerencia muitos cemitérios, locais de densidade vibratória muito pesada, capaz de atrair para si certos tipos de energias que, se soltas, seriam muito prejudiciais às pessoas.
Nela, também há muitos empregados criando grupos ali dentro.
Há o grupo chamado Capas-Pretas, responsáveis em desmanche de feitiços pesados.
Há as Marias, as conhecidas Padilhas e Quitérias transportando energias deletérias para imantá-las em sepulturas, cuja decomposição da matéria ali existente é capaz de atraí-las para si.

Há os Caveiras, os Joões e os Tatas, responsáveis em gerenciar o cemitério e todas as suas subdivisões que trabalham ali dentro.
Igualmente há as Ciganas que trabalham nos Cemitérios, algumas respondendo nos fornos crematórios com um trabalho similar às Marias, utilizando-se das chamas e fluidos para a queima de pestilências espirituais prejudiciais à Humanidade.
Há os Sete Covas atuando no desmanche de doenças, feitiços.
E muitos outros.
Todos esses grupos, que trabalham para Omulu/Obalúaiyé (Xapanã) são especializados em quebra de feitiços, desmanche de doenças, carregos e atuam diretamente na Linha de Almas (os Mortos) para controlá-los quanto aos processos obsessivos.
Como na rotina da fábrica de Exu, a fábrica de Omulu/Obalúaiyé também não chama seus funcionários pelo nome pessoal, o nome individual de cada um. Chama os grupos ao qual os indivíduos afinizam-se, têm capacidade de atuar, pelo tipo de trabalho executado.
Creio que, com esses dois exemplos, deixamos bem claro em qual hierarquia está o Orixá, como se formam os grupos espirituais utilizando-se desses "nomes-código", se assim pudermos chamar, e de uma forma sucinta, quais suas funções primárias.
Vimos aqui que os Exus de Umbanda classificam-se em dois grandes grupos:

- POVO DE ENCRUZILHADA (OU, NA GÍRIA DOS TERREIROS, POVO DE ENCRUZA, DE CRUZEIRO): governados pelo *Orixá Êxú*. Sua maior especialidade é o trato das ruas, vigilância, acidentes, nas áreas de boemia, assuntos de amor, negócios, etc. Seu fluido manifesta-se mais nervoso, mais elétrico. Sua cor predominante é o VERMELHO em seus vestuários e adereços, incluindo-se aqui detalhes em preto. Exceções únicas é o branco da cabeça aos pés para Zé Pelintra, não usadas por outros Exus, e cores variadas para o Povo Cigano, incluindo-se aqui dourados e prateados em aviamentos como cores neutras, em qualquer uma delas.

- POVO DE CEMITÉRIO: como o nome diz, atua nos cemitérios trabalhando para o Orixá Omulu/Obalúaiyé. Sua maior especialidade é o desmanche de feitiços, casos de doenças, transporte e decomposição de fluidos deletérios. Seu fluido é mais pesado criando nos médiuns um torpor, alguns sentem os membros gelados quando percebem sua aproximação ou vão incorporar. Sua cor predominante nos vestuários é o PRETO, podendo fazer parte o roxo, o vermelho, o lilás, *detalhes* em branco (para os Caveiras). Em aviamentos, usa-se muito o prateado, de preferência. O Povo Cigano que trabalha "cruzado" nessa linha apresenta-se do mesmo modo, com exceção do uso do preto nos vestuários (considerada originalmente como cor de luto e azar por esse povo nômade.

Eis porque a guia (colar de contas) básica exigida para o Povo de Exu (nome genérico para ambas as falanges) consiste nas cores ***preto e vermelho*** (sete

contas de cada) unindo, em apenas uma só, as duas grandes falanges que formam esse povo trabalhador. Vejam bem, aqui não estamos falando do Orixá em si, mas seus *trabalhadores!* Com o tempo, a entidade poderá dar sua "receita pessoal" na feitura das guias, nunca fugindo desses parâmetros. Eis porque vestir um Exu de vermelho e negro consiste no *uniforme básico* para qualquer entidade trabalhadora dessas linhas principais. Estranho, porém, é o que está acontecendo com algumas pombagiras ditas "da Praia", vestindo-as de branco da cabeça aos pés como noivas. Branco não é cor de uniforme de Exu, salvo a única exceção já citada que é a de Zé Pelintra, "Mestre do Catimbó" incorporado à falange moderna dos Exus... por isso chamado, na gíria dos terreiros nos pontos cantados de "Doutor", por vesti-lo assim, destacando-se dos demais. Nem azuis suaves, amarelos, rosas "bebê" e outras cores estranhas à própria vibração de Exu, salvo o Povo Cigano que usa muitas cores fortes, vibrantes e estampados!

A questão do uniforme é outra polêmica.

Qual uniforme usar?

Nas casas mais tradicionais onde se abomina o uso de cores nos uniformes, (ligadas à Umbanda dita "Linha Branca") e que queira trabalhar hoje em dia com Exu em giras públicas, fazendo-lhes uma exceção, o uniforme então será o branco para todos, com saia para as mulheres ou calças. O branco, como vimos, não é cor de Exu... mas nesse caso serviria ao propósito da casa que não quer utilizar-se de cores nos uniformes. Como sempre acontece, os Exus reclamam muito, já que essa cor atrai determinadas energias causando-lhes desconforto ou atrapalhando o manuseio de energias mais densas em seus trabalhos de higienização, geralmente à penumbra nesses ambientes.

Poderá, então, ser escolhido o vermelho e o negro para todos, em um uniforme padrão, que não irá permitir individualismos. Já vimos casas que utilizaram o vermelho e o cinza escuro, servindo a esse propósito com muita elegância e propriedade, já que não querem usar o preto por considerar uma cor "oposta" aos uniformes tradicionais da Umbanda.

Em terceiro lugar, poderá ser utilizado o uniforme particular de cada entidade com suas cores e adereços especiais. Assim, entram chapéus, cartolas, roupas ciganas, bijuterias.

Todas essas três opções não ferem em nada a Umbanda tradicional, mesmo a dita "Linha Branca", já que trata-se apenas de vestuário, não entrando aqui em questões mais internas como ritualística. Essa exceção seria única dada ao Povo de Exu, nesse caso e em seus dias, sendo o branco a cor padrão para Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças (Yori, Erês). Os guias-chefes sempre estarão aptos a orientar como querem os trabalhos em sua seara e sua opinião deverá ser escutada sempre.

Há padrões observados por nós, em linhas gerais, como iremos a seguir expor.

Os Exus masculinos, de encruzilhada, geralmente utilizam camisa vermelha e calça preta. Alguns usam capas nas mesmas cores, com o predomínio do vermelho, chapéu estilo "gângster" ou bonés em preto. Alguns aceitam usar elegantes ternos e gravatas pretas, com camisas vermelhas.

Zé Pelintra sempre vestirá branco, da cabeça aos pés, com chapéu mole ou "panamá", gravata. Uns apreciam o uso de bengalas. Como vestia o

personagem real, quando em vida, na Lapa carioca no início do século passado.
As Maria Padilhas vestem preto, roxo com prata, à moda dos anos quarenta, cinqüenta. Grandes chapéus enfeitados com tule e longas luvas, completam o quadro. No quadro feminino, são as mais elegantes.
As Quitérias vestem-se à semelhança das Padilhas. Entretanto, há variações em lilás ou vermelho.
As Rainhas vestem-se de preto e vermelho, dando predominância a uma ou outra cor, conforme o local onde trabalham (há aquelas de cemitério e as de encruzilhada), algumas também adotam o roxo. Podem usar luvas, coroas de vários materiais, leques, conforme a procedência.
Os Exus masculinos de cemitério podem usar ternos pretos ou roupas de época (início do século) com cartolas, longas capas e bengalas. As camisas são brancas, havendo apenas algum detalhe em vermelho.
O Povo Cigano sempre será colorido, tanto os de cemitério quanto os de encruzilhada, nas mais diferentes combinações ou floreados. Os "cruzados" com cemitério geralmente utilizam-se de roxo ou vermelho da cabeça aos pés.
Quanto às cores, o que não poderá acontecer para quem faz Umbanda, é nos outros dias de trabalho destituir o branco nos uniformes para Caboclos, Pretos-Velhos ou Crianças. Isso é uma padronização que tem seus fundamentos no Astral, como explicamos longamente em trabalho anterior (2). Também não proíbe, nos dias de festa, outros tipos de vestuário como caipira para Pretos-Velhos, uso de cocares para Caboclos, para quem os quiser usar. Entretanto, por uma questão estética, preferimos não utilizar esses adereços em nosso terreiro. Explicaremos porquê. Nem sempre ficam "bem" em certos médiuns, por idade, altura ou porte físico, alguns criando comentários jocosos da assistência. Para quê, então, expormos nossos guias à comentários dessa natureza?

(2) Leia-se "Umbanda: Crença, Saber e Prática", dessa autora e por essa editora.

Evitando-se tais situações tão desconfortáveis, por isso comentamos que a única linha de trabalho onde tais "enfeites" usados com moderação ficam bem, já aceitos pela maioria, é a Linha de Exu. E, mesmo assim, ter-se certo cuidado.
Voltemos à questão das duas linhas principais onde Exu trabalha.
Seriam apenas essas duas grandes linhas vibratórias?
Sim. Todos os títulos genéricos dados à entidades como "*do Forno*" (significando o forno crematório dos cemitérios), *"do Cemitério"*, *"das Almas"* (mortos), *"do Lodo"* (terra do cemitério, geralmente da sepultura remexida), *"da Calunga"* (nesse caso, sinônimo de cemitério), *"da Porteira*" (portão do cemitério), "*do Buraco*" (sepultura) referem-se ao local específico ao qual as entidades de *cemitério* atuam. Portanto, cada uma dessas, com certeza, terão um outro nome do tipo Maria Quitéria *do Forno,* Maria Quitéria *da Calunga* e assim sucessivamente. Não apreciamos o uso de nomes como Pombagira do Forno, que não traduzem em nada quem essa entidade é. Perguntamos: sim... entendi... sei que você "responde" no forno... mas qual é o seu nome?

Pode vir a ser uma Rainha, uma Maria Quitéria, uma Maria Padilha, uma Cigana, uma Maria Mulambo com trabalhos específicos, todas do forno. Porém, a maior dificuldade nesse sentido, são os que já chegam em nossas casas, médiuns e entidades, utilizando-se desses nomes que, sozinhos, não fazem muito sentido. Readaptar o médium e a entidade após o costume já implantado, às vezes é muito difícil. Mas nunca impossível, com boa vontade.
Faremos um adendo aqui, antes de prosseguir.
Aliás, para trabalhar-se com Exu na Umbanda ou até na Quimbanda "pura", é necessário *acostumá-lo* às diretrizes do terreiro, mesmo que não concorde à primeira vista. A entidade queira discutir, insistindo. Tudo é possível através de um acordo mútuo, *inclusive com entidades que já chegam em nossas casas acostumadas ao uso do sacrifício animal*. Conversar com elas e fazer novas tratativas, com novas oferendas e substituições, é perfeitamente viável quando tem-se, por trás, o controle de Caboclos e Pretos-Velhos. Trabalharão *do mesmo modo*, com a *mesma eficiência* com outras oferendas, por mais incrível possa parecer a quem não conhece essa metodologia.
Vamos aqui dar um exemplo típico de "negociação" com Êxú para nos fazer entender de forma clara.
O Exu guardião, o principal, em nossa casa, pediu-nos para trabalhar com suas falanges o sacrifício anual de sete galos negros. Irredutível, teimou por um longo tempo recusando-se a trabalhar, quase liderando uma "greve" entre os demais, que uniram-se nesse ínterim. Pedimos orientação às nossas entidades que disseram que as normas da casa, da Umbanda, não seriam quebradas pelo capricho de ninguém, seja quem fosse, mesmo que se tratasse do Êxú que comandaria a tronqueira com seu par vibratório feminino. Ora, logo após, ele aceitou trabalhar por uma oferenda mensal "seca" (sem sacrifício animal) e uma troca semanal de vela e marafo. Desde aí tem trabalhado maravilhosamente bem há anos a fio.
Ou seja, não existe situações onde as entidades exigiram e os dirigentes não tinham como argumentar...
E o que fazer quando chegam médiuns com suas imagens "assentadas" vindas de outro lugar, até com o uso do sangue?
As imagem e utensílios vindos de outras casas sempre serão lavados com água do mar (de preferência ir-se na praia) e, logo em seguida, água de chuva ou água mineral *sem gás*, ritual esse feito por uma *entidade* incorporada no dirigente, na hierarquia de Caboclo ou Preto-Velho, jamais outro Exu. Nesse ponto, elas estarão "limpas" de qualquer vinculação ao sangue animal anterior. Qualquer vestígio que, porventura, tenha ficado nos objetos, só poderá ser "desmanchado" espiritualmente por esses Guias. Advertimos, porém, só isso não basta. Até os objetos e imagens poderão ser "despachados" depois, se assim for ordenado, mas e a entidade? Aceitará ficar ao lado do médium sem trabalhar, sem receber mais oferendas após o desligamento, caso o médium não queira mais? Aceitará ir "embora"? Quase impossível de acontecer, na prática!
Com o tempo, o Exu ou Pombagira passará a pedir "reenergização", trabalho, irá querer estar vinculado às falanges sob o comando de um cacique para "obter luz". Isso é certo.

Muitos médiuns em potencial entram em nossas casas justamente por isso. Porque "Exu quer trabalhar" e começam a criar incômodos com esse objetivo. O que é, no princípio, muito ruim, logo se mostra positivo quando vemos a razão disso tudo: o progresso espiritual tanto da entidade quanto de seu médium.
Voltemos ao assunto anterior.
Os títulos dados às entidades que trabalham para o Orixá Exu *referem-se às ruas* com os epítetos: "da Estrada", "da Encruzilhada", "do "Cruzeiro", "da Praia" (cruzeiros de praia ou cais de porto), "da Noite" (área de boemia), "da Meia-Noite" (rua).
Contudo, há nomes-chave de entidades que atuam ou em cemitério, ou em encruzilhada conforme suas atribuições. Há os Tranca-Ruas das Sete Encruzilhadas (subordinados ao Orixá Êxú) e os Tranca-Ruas das Almas (ao Orixá Omulu/Obalúaiyé). São entidades diferentes, com atribuições diferentes. Eis porque na relação abaixo poderão ser encontrados nomes em ambas as classificações, havendo entidades que aparentemente têm o mesmo nome, mas atuam em campos diversos:

- Exu Cigano (todos, cada um com um nome próprio distinto)
- Ciganas do Oriente (todas, com um nome próprio distinto)
- Pombagira Cigana (algumas, com nome próprio distinto)
- Exu Sete Encruzilhadas (Conhece todos os caminhos e todos estarão abertos)
- Exu Sete Pembas (cruza com os sete Orixás de Umbanda)
- Exu Sete Ventanias (ou Ventania, trabalha para Iansã. Muito semelhante ao Exu Mangueira ou da Figueira)
- Exu Sete Poeiras (refere-se à todos os caminhos e estradas)
- Exu Sete Chaves (abre e fecha todos os caminhos)
- Pombagira Sete Chaves (idem)
- Exu Sete Capas
- Exu Tranca-Rua das Sete Encruzilhadas (fecha e tranca feitiços)
- Exu Arranca-Toco (ou Tira-Toco, Quebra-Galho. Ligado às matas e Oxóssi)
- Exu Limpa Tudo (desfaz qualquer coisa)
- Exu Tranca-Gira
- Exu Tranca-Tudo das Sete Encruzilhadas (fecha e tranca qualquer coisa)
- Exu Tira-Teima (desmancha qualquer dúvida, só fala a verdade)
- Exu Campinas (dito genericamente, "das Matas". Fundamento com Oxóssi. Responde em cruzeiros de matas)
- Exu Tronqueira (guardião da tronqueira dos Exus)
- Exu Gira-Mundo (não há fronteiras, nem dificuldades para ele)
- Exu Quebra-Pedra (fundamento com Xangô. Desfaz qualquer coisa)
- Exu Mangueira (ou da Figueira. Exu com fundamento com os orixás de rua como Iansã, Orixá Exu e outros.)
- Exu das Pedreiras (fundamento com Xangô)
- Exu Tiriri (ou Tiriri Menino. Tiriri Lonã ou Lanã não existe, porque no ponto cantado saúda-se e chama-se o Orixá Exu chamando-o

pelo seu epíteto de Lanã. Gosta de se apresentar como um adolescente, com boné, menino de rua)
- Exu Ganga (o mesmo que Exu Rei, Exu Maioral ou Exu Mor)
- Exu Maré (ou Exu Marinheiro, vibra em praia, cais de porto)
- Exu Capa Preta das Sete Encruzilhadas (faz e desmancha feitiços nas encruzilhadas)
- Exu Chama Dinheiro (ligado ao Povo do Oriente e Ciganos)
- Exu Destranca-Ruas das Sete Encruzilhadas (desfaz feitiços, amarrações)
- Exu Zé Pelintra (casos de inimigos, amor, sorte em jogo. Um dos Mestres do Catimbó)
- Exu Casamenteiro (trabalha em casos de amor)
- Exu Meia Noite (conhece a Quimbanda)
- Exu Mirim (Exu que se apresenta como criança.)
- Pombagira Menina (da área de boemia)
- Pombagira Dama da Noite (chamada erroneamente apenas "da Noite", área de boemia)
- Pombagira Menina da Praia (chamada genericamente "da Praia". Atua na área de boemia dos portos, dos cais)
- Pombagira Rainha das Sete Encruzilhadas (diversas atribuições. Ainda ligada à títulos de nobreza ou alta sociedade)
- Pombagira Rosa Vermelha das Sete Encruzilhadas (amor, boemia)
- Pombagira Sete Encruzilhadas (comanda todos os caminhos)
- Pombagira Rosinha Menina (área de boemia)
- Pombagira Sete Saias (Alguns dizem que é a mesma cigana cujo nome é igual. Atua em casos de amor)
- Exu Sete Estradas (o mesmo que Sete Encruzilhadas)
- Exu Sete Liras (área de boemia, vícios)
- Exu Toquinho (Exu menino, ligado à Cosme e Damião)
- Exu de Duas Cabeças (área de boemia)
- Exu Marabô (ligado às matas e rios)
- Exu Menino (trabalha para Cosme e Damião. O mesmo que Exu Mirim)
- Exu Lalu Menino (o mesmo acima)
- Exu Sete de Malé (ou Malê) (Exu de fundamento africano, de origem haussá. Diversas atribuições)
- Exu Tibiri (Tibiriri ou Timbiri. Fundamento em mata)
- Exu Sete Punhais (Exu de ronda, de defesa de terreiro)
- Exu Veludo das Sete Encruzilhadas (Diversas atribuições. Trabalha para Oxóssi)

Os Exus De Cemitério (comandados por Omulu/Obalúaiyé) e de características semelhantes no sentido de desfazer feitiços, fluidos de doenças, males em geral são:

- Exu Sete Venenos (executa feitiços)
- Exu Corcunda (também chamado Exu Aleijadinho)
- Exu do Lodo (trabalha na terra dos cemitérios)

- Exu Pantera Negra (desmancha feitiços de Quimbanda pesada, ligado aos Caboclos)
- Exu Asa Negra
- Exu Belzebú (nome já sacramentado, mas o ideal é negociar-se com o Exu a troca de nome para outro)
- Exu Caveira ou João Caveira (comanda o portão do cemitério)
- Exu Tata Caveira (todo o cemitério)
- Exu Carangola (fundamento africano, de origem bântu)
- Exu Gererê (fundamento africano, de origem nagô)
- Exu Capa Preta (desfaz feitiços pesados)
- Exu Catacumba (ou Sete Catacumbas)
- Exu Cobra
- Exu Gato Preto
- Pombagira Maria Mulambo das Almas
- Pombagira Maria Quitéria das Almas
- Pombagira Maria Padilha das Almas (tem fundamento com Exu Omulu ou Caveira)
- Exu Mau Olhado
- Exu Morcego
- Exu Mulambo
- Exu Omulu (não confundir-se com o Orixá)
- Exu Pedra Preta
- Exu Pimenta
- Pombagira Rainha ou Alteza das Almas, do Cemitério, da Calunga, etc.
- Pombagira Cigana (algumas, cada qual com um nome próprio e com um local específico de comando)
- Pombagira Sete Calungas
- Exu Porteira (Tronqueira)
- Exu Sete Brasas
- Exu Sete Buracos (Sete Catacumbas, Sete Covas, Sete Campas)
- Exu Sete Caveiras
- Exu Sete Porteiras
- Exu Tranca-Ruas das Almas (chamado também apenas "das Almas")
- Exu Destranca-Ruas das Almas
- Exu Veludo
- Exu Vira Mundo
- Exu Cheiroso
- Exu Pinga-Fogo
- Exu Xoroquê
- Exu Sete Cruzes
- Exu Come-Fogo
- Exu Queima Toco
- Pombagira Quebra-Galho

Vamos agora penetrar no mundo dos Exus. Quem eles seriam ou foram quando vivos na Terra. Onde vivem. O que fazem. Quais suas atribuições.

E porquê são tão importantes em qualquer linha de trabalho. Inclusive para a Umbanda, mesmo aquela dita "branca" ou de "Linha Branca", que diz não trabalhar "diretamente" com esses espíritos! Pelo menos, frente ao público, como todos sabemos...
Partiremos das histórias contadas pelos próprios Exus, seus relatos de vida...
Muitos dirigentes e médiuns, eivados de orgulho, gostam de afirmar que suas entidades nessa linha são diferentes das demais. Que seu Exu "é diferente". Não fuma, não bebe. É comedido e sábio como um Caboclo. Confundem-nos com o conceito corrente dado aos Orixás no Candomblé e Cultos de Nação, afirmando que Exu de Umbanda é "energia da Natureza". Seu Exu tem "muita luz", permitindo-lhes comandar todo um terreiro.
Que Exu mora em Aruanda, aos pés da Divindade...
Vamos pôr os pés no chão, escutando o próprio Exu.
Diferentemente da maioria dos Caboclos e Pretos-Velhos, muitos Exus tiveram uma vida recente na Terra. Foram pessoas comuns, com problemas comuns. Coincidentemente todos morreram (desencarnaram) de forma trágica, presos aos vícios e situações problemáticas prendendo-os, imantando-os na densidade mais baixa que há na espiritualidade: o nosso plano, o plano físico. O plano das sensações mais primárias.
Notamos também, pelos relatos, que os Exus de reencarnação mais "antiga" viveram em meados do século 18, como muitas ciganas. Outros, fizeram parte das cortes européias, brasileiras ou alta sociedade, como nos contam as Pombagiras Rainhas. Há relatos que viveram na África (alguns Exus que se dizem "africanos", entabulando uma linguagem bastante confusa no início de seu desenvolvimento, cabendo ao cacique desenvolvê-lo para torná-lo inteligível). Outros, na Europa ou Brasil no início do século, como alguns Exus que se apresentam de capa e cartola. Mas a grande maioria, verdadeiramente, pertenceram às primeiras décadas do século 20, muitos deles vivendo na área de boemia como as centenas de Zé Pelintras, Marias Padilhas, Quitérias, Damas da Noite dentre tantos.
Nessa média, portanto, poderemos dizer que os Exus pertencem às gerações que viveram a partir do século 18.
Por exemplo, para quem não sabe, Zé Pelintra (que foi um personagem real da noite carioca, da Lapa) foi um rufião que vivia de mulheres, do carteado (ronda) e da boemia. Desencarnou pela intriga de uma mulher, assassinado.
Um Capa Preta, Exu de capa e cartola, contou-nos que foi alguém influente, de posses, vivendo e multiplicando seus bens pela agiotagem, sem o menor escrúpulo ou piedade, na Europa. Desencarnou tragicamente no fim do século 19.
A Cigana Esmeralda contou-nos ter sido uma jovem cigana que fugiu de sua tribo para viver entre os "gadjos" (cristãos), na boemia. Foi assassinada injustamente aos 17 anos pelo amante, no final do século 18.
Outra Maria Padilha foi dona de cabaré, mulher sofisticada que também morreu nesse meio, nas primeiras décadas do século 20.
Maria Mulambo e o Exu Mulambo foram moradores de rua...
Contaríamos mais uma centena de histórias de Exus, ditas ao pé de ouvido nas centenas, milhares de sessões que já assistimos e freqüentamos em tantas cidades. Notamos também que essas entidades, esses espíritos,

reuniam-se em grupos cujos nomes traziam histórias comuns de sofrimento, miséria, injustiça social, exclusão e muita dor. Nada incomum. Na verdade se abrirmos diariamente a página de qualquer veículo de comunicação, encontraremos histórias semelhantes a cada esquina, a cada dia, a cada minuto.
Gente que viveu na boemia, amantes do sexo, do prazer, dos vícios, colhendo a dor decorrente de uma vida longe dos verdadeiros sentimentos, piorada na vida além da morte...
Gente abandonada, injustiçada, sem o apoio da sociedade...
Gente que passou a vida inteira rolando sem um amigo, sem uma família, sem apoio de ninguém...
Foram perseguidos, humilhados, cujas "casas de família" batiam suas portas em seus rostos como se fossem transmissores de alguma doença contagiosa...
Rolavam sem fé em Deus, sem fé em nada... apenas fé no dinheiro... no poder. Nas aparências do mundo físico que é apenas uma ilusão passageira...
Gente que foi nobre, teve o poder temporal, utilizando-o para roubar ainda mais dos pobres, humilhar pessoas, vivendo nas vitrines do mundo como pessoas "respeitáveis" à maioria...
Todos ludibriaram a vida, achando que nada encontrariam ao morrer...
Esses espíritos, que já vinham de outras vidas sofrendo os males de sua própria imprevidência, na sua própria descrença em valores reais e em Deus, ao morrerem encontraram-se consigo mesmo. Redescobriram novos valores. Queriam mudar. Mas ainda estavam presos à densidade física desse plano, pelas sensações aos quais eram ainda simpáticos...
Na verdade, quem hoje transita no grupo que intitulou-se "Exu", tiveram uma vida dissoluta, longe da espiritualidade superior. Desperto, porém em sua nova realidade, agora quer se redimir. Reconstruir, auxiliando justamente aqueles que cometem os erros que, um dia, os tornaram gente sofredora. Exu ***foi*** dissoluto, e é isso que os pontos cantados recordam em tristes lamentos, contudo ***não é mais*** alguém de má vida... esse é um conceito fundamental para que entendamos seu trabalho.
Os preconceituosos de plantão poderão dizer: Deus me livre trabalhar com um pobre coitado, um miserável quando em vida, como guia protetor! Ora, não é bem assim! Exu já é líder de legião e, quando em Umbanda direcionado ao bem, trabalha para os Caboclos e Pretos-Velhos *em equipe.* Sem ele, nossos guias, que estão em uma hierarquia muito superior, não poderiam dar cabo de suas tarefas. É Exu quem desmancha feitiços violentos nos lugares mais insalubres da Terra como os cemitérios, imantando neles, como ímãs, os fluidos mais prejudiciais. É Exu o saneador de fluidos em todos os ambientes que, se permitidos fossem ficar conosco, produziriam efeitos desastrosos aos homens. É Exu quem ronda o plano físico, como verdadeiros policiais, inspirando, salvando, orientando os viciados, os ladrões, os perturbados de um modo geral para que encontrem um bom caminho. É Exu quem nos salva dos acidentes nas ruas, nas estradas, já que transita permanentemente nelas. É Exu quem atrapalha o assassino e o ladrão para que eles não nos encontrem, quando percorremos os caminhos escuros ao retornar de nossos trabalhos. É Exu o nosso maior

amigo, nosso confidente mais chegado, quem nos entende em nossos pequenos problemas domésticos já que, como nenhum outro espírito, compreende nossas pequenas mas dolorosas mazelas diárias!
Como podemos, então, dizer que esse espírito trabalhador, abnegado, corajoso... é um "*diabo*", como dizem alguns? Porque foi alguém de má vida há bastante tempo? Porque somos tão isentos de culpa que nos julgamos capazes de atirar a primeira pedra, sem darmos oportunidade de evolução a nossos irmãos? Mais lamentável é encontrarmos livros e orientações, que deveríamos considerar precisas, em conceitos expostos de que "pombagira é diaba", "exu é capeta", "vive no Inferno", "espírito do mal" e por aí vai afora em uma relação para lá de dantesca. Quem é leigo e pesquisa nesses livros... o que irá pensar? O que vai mencionar? O que irá sair repetindo? Qual pesquisa apresentará em uma sala de aula, por exemplo?
Onde está a responsabilidade de quem escreve ou diz tais arbitrariedades?
E se temos mérito em trabalhar com espíritos do nível de um Caboclo ou Preto-Velho, o que dirá trabalharmos com Exu, proporcionando-lhes oportunidade para crescer, para aperfeiçoar-se, para evoluir? Para ficarem em paz com suas consciências?
Eles, mais do que ninguém, estão perto de nós. Da vida que levamos como encarnados.
Certa vez, perguntei ao Caboclo Ventania onde era a morada dos Exus.
Se nas zonas umbralinas, em trabalho.
Ou em Aruanda.
Ele respondeu-me em sua grande sabedoria, "Aqui mesmo, minha filha".
Confusa, perguntei-lhe aturdida, "Mas como?".
Pacientemente, o Caboclo respondeu-me, "Onde pensa que é o Umbral? Ele começa aqui, no plano material e não vai muito longe, não! Cada Exu, quando pode, ronda o meio que afiniza. O Povo Cigano aprecia estar em meio ao seu povo usufruindo da língua, dos costumes, do mesmo modo quando estavam vivos. E assim por diante. No Umbral, nas regiões mais densas, só dirigem-se quando é necessário sua atuação!". (1)
Mas... o que é o Umbral?
Vamos nos valer das obras espíritas para descrever essa região das sombras.
Como nos conta André Luiz em "Nosso Lar", capítulo 1, "Nas Zonas Inferiores":

"*Sentia-me na verdade, amargurado duende nas grades escuras do horror. Cabelos eriçados, coração aos saltos, medo terrível senhoreando-me, muita vez gritei como louco, implorei piedade e clamei contra o doloroso desânimo que me subjugava o espírito; mas, quando o silêncio implacável não me absorvia a voz estentórica, lamentos mais comovedores, que os meus, respondiam-me aos clamores. Outras vezes gargalhadas sinistras rasgavam a quietude ambiente. Algum companheiro desconhecido estaria, a meu ver, prisioneiro da loucura. Formas diabólicas, rostos alvares, expressões animalescas surgiam, de quando em quando, agravando-me o assombro. A paisagem, quando não totalmente escura, parecia banhada de luz alvacenta, como que amortalhada em neblina espessa, que os raios de Sol aquecessem de muito longe.*"

Essas regiões sombrias são criadas pelo somatório do pensamento humano, enquanto inferior que somos. Os espiritualistas, de um modo geral, crêem que o pensamento é capaz de criar formas, criaturas temporárias e locais com exatidão de detalhes. Mentes mais poderosas, algumas vezes agregadas em grupos extremamente bem estruturados, são capazes de atuar em outras mentes mais fracas obrigando-as a agir como desejam. Obrigam suas vítimas à mudanças radicais em seus perispíritos, plasmando-lhes mentalmente de andrajos, criando-lhes ferimentos dolorosos e, em casos extremos, a regressão hipnótica à índices alarmantes onde suas vítimas agonizam crendo-se animais, como encontramos na própria Bíblia. O Umbral, então, é o fruto do somatório dos pensamentos de vingança, ódio, rancor, extravios de sensualidade e todos os vícios possíveis de alma exalados pela Humanidade, formando regiões escurecidas, lamacentas, cujas cidades arruinadas são povoadas por toda a espécie de entidades.

(1) O mesmo comenta André Luiz, em "Nosso Lar".

Muitos de nós, médiuns, já estivemos nessas regiões através de visões e sonhos, na verdade em desdobramentos espirituais (projeções ou sonambulismo). Tais relatos criaram, durante milhares de anos, em diversas regiões e tempos diferentes, nomes como: Hades, Infernos ou Purgatórios, Ona Burúkú e tantos outros, em todas as civilizações do planeta.

E quem são esses espíritos? Porque eles estão presos nesses lugares?
Voltemos a André Luiz, agora em "Nosso Lar", capítulo 44:

"*Chamamos Trevas às regiões mais inferiores que conhecemos. Considere as criaturas como itinerantes da vida. Alguns poucos seguem resolutos, visando ao objetivo essencial da jornada. São os espíritos nobilíssimos, que descobriram a essência divina em si mesmos, marchando para o alvo sublime, sem vacilações. A maioria no entanto, estaciona. Temos então a multidão de almas que demoram séculos e séculos, recapitulando experiências. Os primeiros seguem por linhas retas. Os segundos caminham descrevendo grandes curvas. Nessa movimentação, repetindo marchas e refazendo velhos esforços, muitos costumam perder-se em plena floresta da vida, perturbados no labirinto que tracejam para os próprios pés. Classificam-se, aí, os milhões de seres que perambulam no Umbral. Outros, preferindo caminhar às escuras, pela preocupação egoística que os absorve, costumam cair em precipícios, estacionando no fundo do abismo por tempo indeterminado. Compreendeu?*"

Sobre a existência de Diabo como entidade, demônios e capetas, cabe a observação dada à André Luiz pelo instrutor Gúbio, em "Libertação", capítulo IV:

"*- Significa então que* ***os gênios malditos, os demônios de todos os tempos****... exclamei, reticencioso.*

- ***Somos nós mesmos*** *- completou o Instrutor, paciente -* ***quando nos desviamos, impenitentes, da Lei.*** *Já perambulamos por estes sítios sombrios e inquietantes, mas os choques biológicos do renascimento e da*

desencarnação, mais ou menos recentes, não te permitem, nem a Elói, o desabrocho de reminiscências completas do passado. (Prossegue, o grifo é nosso).

Nessa cidade sombria descrita em "Libertação" e outras obras de cunho espírita (1), o autor fala-nos que tais sítios são habitados por criaturas horrendas, exibindo em seus corpos espirituais todos os tipos de doenças, aleijumes, formas híbridas e animalescas, em expressões enlouquecidas, vestes imundas e andrajos, alienação mental, vítimas de vampirismo, vencidos por apresentarem-se em velhice e fraqueza, desencantamento, "vivendo", se pudermos assim chamar, em locais *sob a crosta terrestre ou subcrostais*.
Quem são esses infelizes?
São eles os corruptos que levaram milhões à miséria, os assassinos e ladrões, os que usam a inteligência para o mal, os vingativos, os servos dos vícios, os pais e mães sem bondade ou instinto, os filhos desalmados, os impiedosos, os torturadores, os perversos de um modo geral que além de praticarem tais arbitrariedades, ainda *gostam* de fazê-las porque *sentem-se bem*. São nesses lugares que se reúnem por absoluta afinidade, para governar, como líderes impiedosos ou vítimas, participando de grupos que praticam a vingança ou para padecer a cobrança dos que foram prejudicados por eles quando em vida.

(1) Recomendamos a obra "Francisco de Assis", pelo espírito Miramez, psicografado por João Nunes Maia (Nota da Autora).

Nessas cidades onde se agrupam, o próprio ser humano acaba, sem saber, também executando as Leis de Deus de reação, onde essas criaturas de alma monstruosa são submetidas à dor e ao sofrimento que elas mesmas infringiram a muitos infelizes. Nesse ínterim, há indivíduos detendo ali um certo poder, são eles os "juízes" com grupos espirituais muito bem formados, bem organizados, cuja especialidade é "fazer justiça com as próprias mãos", do tipo "olho por olho, dente por dente", ignorando as doces palavras de Jesus quando refere-se à tolerância. Ali, são atirados à escravidão, ao servilismo, às piores condições possíveis. Sem saber, esses grupos acabam colaborando com as falanges superiores, fazendo com que a alma desses atormentados despertem para o arrependimento e o desejo sincero de mudar. Isso vêm-nos à memória como os relatos da vida após a morte em todas as religiões desde a antiguidade, da psicostasia, o julgamento das almas após a morte.
Além do ambiente, cujo ar parece saturado, onde a escuridão e a penumbra são constantes, os imóveis de um modo geral, moldados pelos fluidos densos do lugar e o desejo dessas mentes, apresentam-se como que abandonados em ruínas.
Ali, as cores dos vestuários e auras apresentam-se ou em cores berrantes, ou pela predominância do **vermelho e negro**, como segue:

"Quase todas as pessoas, ainda aquelas que ostentavam nas mãos delicados objetos de culto, revelavam-se mentalmente muito distantes da verdadeira

adoração à Divindade. O halo vital de que se cercavam definia pelas cores e o baixo padrão vibratório a que se acolhiam. Em grande parte, dominavam o ***pardo-escuro*** *e o* ***cinzento-carregado****. Em algumas, os raios* ***rubro-negros*** *denunciavam cólera vingativa que, a nossos olhos, não conseguiriam disfarçar. Entidades desencarnadas, em deplorável situação, espalhavam-se em todos os recantos, nas mesmas características." (Libertação, capítulo IX).*

Sobre os elementais que trabalham nesse plano, sob o comando dessas entidades, cabe a seguinte citação:

"*Guarda as perguntas intempestivas no momento. Estamos numa colônia purgatorial de vasta expressão. Quem não cumpre aqui dolorosa penitência regenerativa, pode ser considerado inteligência subumana, Milhares de criaturas, utilizadas nos serviços mais rudes da natureza, movimentam-se nesses sítios em posição intraterrestre. A ignorância, por ora, não lhes confere a glória da responsabilidade. Em desenvolvimento de tendências dignas, candidatam-se à humanidade que conhecemos na Crosta. Situam-se entre o raciocínio fragmentário do macacóide e a idéia simples do homem primitivo da floresta. Afeiçoam-se a personalidades encarnadas ou obedecem, cegamente, aos espíritos prepotentes que dominam em paisagens como esta. Guardam, enfim a ingenuidade do selvagem e a fidelidade do cão. O contato com certos indivíduos inclina-os ao bem ou ao mal e somos responsabilizados pelas Forças Superiores que nos governam, quanto ao tipo de influência que exercemos sobre a mente infantil de semelhantes criaturas. Com respeito aos Espíritos que se mostram nestas ruas sinistras, exibindo formas quase animalescas, neles reparamos várias demonstrações de anormalidade a que somos conduzidos pela desarmonia interna. Nossa atividade mental nos marca o perispírito. Podemos reconhecer a propriedade do asserto, quando ainda no mundo. O glutão começa a adquirir aspecto deprimente no corpo em que habita. Os viciados no abuso do álcool passam a viver de borco, arrojados ao solo, à maneira de grandes vermes. A mulher que se habituou a mercadejar com o vaso físico, olvidando as sagradas finalidades da vida, apresenta máscara triste, sem sair da carne. Aqui, porém, André, o fogo devorador das paixões aviltantes revela suas vítimas com mais hedionda crueldade." (Libertação, capítulo IV).*

Eis, portanto, da nossa responsabilidade como sacerdotes ao invocar-se esses elementais para trabalhos destinados ao mal...
Cremos, inclusive, que esses elementais citados são os ditos "Exus de Limpeza", como já falamos anteriormente, e que chegam após os trabalhos da dita Umbanda "branca" em grunhidos, sem articularem palavras, apresentando tortuosidade nos membros mostrando, todo o tempo, que são fiéis ao comando mas ainda muito inferiores na escala de evolução. Mas utilíssimos em nossos trabalhos para nossa segurança, limpeza espiritual, quando direcionados ao bem. Hoje, cada vez mais raros, simplesmente porque não os invocam dando-lhes oportunidade de trabalho, recomendavelmente à portas fechadas porque impressionam em demasia o leigo, estão sendo substituídos pelos ditos Exus de Lei ou Guardiões unicamente, que portam-se aparentemente iguais a nós.

Todos esses trechos são de vital importância para o quê haveremos de expor a seguir.
Eis os planos espirituais nos quais nossos valorosos Exus transitam...
Ou vivem na Terra, observando, ouvindo, usufruindo da companhia dos encarnados (os vivos)... ou nessas colônias purgatoriais, em camadas profundas da Crosta, executando suas tarefas...
Vestindo-se de vermelho e negro, cores que exprimem as paixões ou a falta de esclarecimento espiritual nesses lugares, facilmente perceptíveis por indivíduos que vivem nessa freqüência vibratória, misturam-se à essas levas de população sofredora que ainda guardam vestuário e costumes de seu passado quando vivos, para passarem desapercebidos ao meio...
São esses espíritos valentes e generosos que vão aos nichos das Trevas para negociar a libertação de um indivíduo... às vezes negociando-a com esses grupos de algozes por uma garrafa de aguardente absorvida em uma encruzilhada qualquer. Uma vela.
São eles os mensageiros dos Planos Superiores quando exigem a libertação desse ou daquele indivíduo ...
Sofrem, modificando seus perispíritos (2) para parecerem iguais aos seus irmãos menores...
Para nosso Exu, não há preguiça... não há limites... não há sofrimento que o faça desistir da tarefa de cumprir as determinações de nossos Caboclos e Pretos-Velhos na luta permanente contra o mal...
Ele, com certeza, não é um espírito de tanta luz quanto seus mestres espirituais. Longe disso. Muitos deles ainda demonstram raiva, frustração quando relatam as injustiças que tiveram quando em vida. Apreciam observar os prazeres da vida, as conversas frívolas que temos relatando, quando incorporam, o quê ouviram aqui e acolá. Ainda são muito materiais, muito humanos e, portanto, imperfeitos. Mas, quando estão direcionados ao bem, terão a certeza de que uma conduta reta fará com que evoluam mais rapidamente em direção às colônias superiores...
E já que estamos encarnados, vivendo nesse meio purgatorial sem nos apercebermos, ele é o nosso melhor companheiro... nosso guardião que convive conosco, vigiando-nos dia e noite contra a incursão desses sofredores que afinizam com os nossos defeitos, nossos vícios de alma, com fins de obsedar-nos de todas as formas possíveis...

(2) Perispírito é o nome genérico dado ao invólucro vaporoso, semi-material que reveste o espírito. Na verdade, o perispírito se subdivide em diversas partes. Pode-se dizer, em outras palavras, que é o "corpo" do espírito, pelo qual os videntes o enxergam. É extremamente plástico, podendo tomar qualquer forma e adotar adereços ao espírito, daí ele poder se manifestar como era em vida, inclusive apresentando deformidades ou outras características únicas no indivíduo. De mundo para mundo, o espírito agrega elementos daquele lugar em que vai viver para formar seu perispírito. Entendê-lo mais a fundo, portanto, é a grande chave para explicarmos as razões porque alguém pertence a esse ou aquele Orixá pelo tipo de energia que ele assimila (Nota da autora).

CAPÍTULO IV

SERÁ EXU UM DEPENDENTE DE ÁLCOOL E FUMO?

Para quem entra em nossos terreiros isso, à primeira vista, até pode parecer. Para nossos detratores, um prato cheio. Mas é assim mesmo?
Será Exu um beberrão, fumante inveterado, que vem ao mundo apenas para divertir-se? Dançar elegantemente ao lado de pombagiras?
Vamos agora falar de Exu de Lei ou Guardião, muito diferente do que muitos pensam.
Já vimos que Exu de Lei é um espírito protetor, com sérios compromissos firmados com os Planos Superiores. Mesmo integrando o time dos mais "materializados", mais próximos ao plano terrestre, já possuem doutrinação e esclarecimento. Firmeza de caráter e trabalho elevado.
Mas, então, porque Exu bebe? Porque Exu fuma tanto? Dança? Porque dá aquelas gargalhadas estridentes (as pombagiras) parecendo tão vulgares? Porque Exu comporta-se, às vezes, como um garoto rebelde?
Para iniciarmos nossa conversa, lembremos aquele ponto cantado nos terreiros:

" *Todo o Exu que ri, ele ri mas fala sério (bis)*
Se ele mora na calunga, ele é o rei do cemitério! (bis)"

Eis uma daquelas verdades que às vezes passam desapercebidas aos ouvidos menos atentos...
Observemos bem um Exu "verdadeiro", "bem feito", firmado nas Leis de Umbanda. Não beberá champanha ou licores suaves escolhendo as marcas mais caras, muito menos cerveja (bebida consagrada a Caboclos da Linha de Ogum), nem uso de cerejas e outras amenidades que fazem a bebida ficar mais "leve" ou menos amarga. Sorverá bebidas "quentes" como aguardente, uísque barato e o que for, naturalmente sem gelo. Não é para ficar bom, nem gostoso, favorecendo o paladar do médium. É para ser ruim mesmo, atrapalhando os médiuns mal incorporados. Bebe, e bebe muito. Não perde o tino jamais, nem fica pelos cantos bebendo, olhando a gira a noite toda sem nenhuma função, sem dançar ou trabalhar. Os Exus dos caciques, por sua vez, dançam muito, devem dar consultas precisas dizendo toda a verdade, prometendo e cumprindo auxílios, enfim trabalhando realmente, fazendo a caridade espiritual. E mesmo, sob tanta bebida, não ficam tontos, não cambaleiam, não dizem besteiras naqueles longos discursos, típicos dos alcoolizados. Quando desincorpora, "sobe" como se diz nas gírias dos terreiros, e o médium não tem o menor vestígio de álcool! Muito menos hálito!
Para onde foi a bebida?
Algumas entidades, inclusive Pretos-Velhos bebem um dedo de aguardente durante os trabalhos. Repito, um dedo de aguardente, não mais. Como dissemos, Caboclos de Linha de Ogum bebericam, em dias de festas, cerveja comum (quente, é claro). Os de Xangô, cerveja escura.
Nunca observaram que é comum, nas giras de Exu, os médiuns, quando incorporados, suarem muito? Não pelo esforço da dança. Mas suam aos borbotões até quando estão parados, dando consultas. Isso ocorre porque o

álcool ingerido pela entidade **volatiza-se todo** pelos poros do médium, em uma rapidez extraordinária, coisa que não aconteceria em uma pessoa que não estivesse sob profundo transe, sob a influência de uma entidade. Esse álcool, enquanto evapora-se, torna o Exu uma verdadeira fornalha viva queimando, deteriorando, desintregrando miasmas de baixíssima densidade vibratória que circulam pelo ambiente. Formas-pensamento obsedantes, fluidos agregados ao perispírito da assistência e toda a espécie de parasitas espirituais, simplesmente são eliminados pela presença dos Exus nesse processo de higienização extraordinária. Eis porque, ao final de uma gira, nem médium, nem entidade devem apresentar o menor indício de alcoolização. E se Exu bebesse simplesmente "pelo prazer", iria apreciar os efeitos narcotizantes que a bebida proporciona, não é natural? Isso na prática não acontece. Todo o álcool desapareceu, restando ao médium e à assistência uma sensação de alívio, de bem-estar, como se os piores "carregos" houvessem sido extirpados dali... e efetivamente, foram!

Está sendo visto, porém, um novo modismo... servir bebidas com gelo ou mais suaves para Exu. Inclusive o uso de cerveja gelada! Isso é lamentável pelos motivos que apresentamos.

Por que?

Ora, nos mais elementares manuais de Umbanda fala-se que a bebida por excelência de Exu é a velha e boa aguardente de cana! A cachaça! E quente, servida ao Exu que incorpora pela primeira vez para ser bebida, despejada no chão, como pedem os ditos "Exus de Limpeza", já que não conseguem ficar eretos, nem segurar uma taça. Os Exus de Limpeza ou "Almas", como são chamados em outros segmentos, bebem no chão, com o líquido derramado sobre o solo. Ora, antigamente todo o Exu "nascia assim", sendo doutrinado para ficar em pé, falar, enfim tornar-se um "Exu de Lei". Agora... já nascem "prontos"... bem falantes, posicionados, cheio de exigências! Ou estamos ficando velhos... ou "as coisas mudaram". Bem...

Voltamos a dizer. Servir-se cachaça, e quente, é algo intragável a quem não aprecia bebidas. Até para quem gosta de um drinque de vez em quando, é insuportável. Quanto pior for servido a um Exu, mais prova-se que ele está bem "incorporado". Essa é uma das provas "veladas" feitas (faziam?) pelos dirigentes aos médiuns e entidades e que estão hoje sendo abandonadas, dando margem cada vez mais à mistificadores de toda a sorte! Cá entre nós, quem não aprecia uma cerveja gelada... um drinque delicado, suavizado pelo gelo e perfumado por notas de limão, laranja, cerejas, azeitonas? E onde estará o fundamento, a essência do próprio Orixá Exu que aprecia bebidas "quentes"? Se o Orixá "gosta", o que dirá dos serviçais de sua Linha de trabalho? Se o Orixá "gosta" é porque se utiliza dessa energia... e... seus serviçais... também, óbviamente.

Outra questão importante, refere-se aos tempos ditos de "vaca magra", ao qual todos nós passamos de vez em quando, quando fazemos excesso de dívidas por alguma necessidade. Ora, será fácil comprar um copo de aguardente no boteco da esquina, oferecendo ao Exu. E se ele estiver "acostumado" a bebidas caras, exigindo, a partir daí, determinadas marcas? Como é que ficamos? Nem sempre aparecem "doadores" para auxiliar-nos nessas horas... não é verdade?

Eis porque começar por pouco, coisas simples, sempre no trato com os Exus na Umbanda. É prudente. É eficaz. Se isso fosse sempre feito, evitar-se-ia um percentual enorme de certos problemas que se repetem por toda a parte.
Por tradição, as cervejas pertencem aos Caboclos desde eras primevas, como já citamos. Consideramos uma falta de conhecimento, de respeito às origens da própria Umbanda dar-se cerveja à Exus. Isso está popularizando-se de tal modo que, daqui a algum tempo, será prática comum Exu pedir quindins para comer... amalás... e toda a sorte de exotismos contrários à sua essência sem que ninguém diga ou faça nada para mudar isso! Poderão dizer "cerveja é álcool", é verdade! Mas e a essência da Umbanda... em respeito às preferências dos guias e Orixás, como é que fica, já que uma das características de Exu é assimilar tudo o que vem pela frente? É uma questão de bom senso! De respeito mesmo aos guias superiores!
Podemos ser duros no modo de falar, mas o amigo leitor precisa compreender as razões aqui expostas.
Há, por sua vez, desvios que nos obrigam a mencionar com o fim de chamarmos a atenção...
Em muitos lugares os pontos cantados, preciosos meios de sintonia inspirados pelo Astral quando foram compostos, estão sendo substituídos por músicas populares. Tangos, boleros, "gipsy kings", flamenco, sambas. Com toda a riqueza dos repertórios dos pontos cantados, autores e pesquisadores do renome de Ari Pedro Oro faz comentários sobre o que viu nesses lugares ditos de “Linha Cruzada” (Quimbanda) de fazermos calar, com vergonha de aqui sequer repetir o que foi dito. Pensamos duas vezes antes de citar os trechos desse grande antropólogo, resolvendo nos omitir. Tais comentários que nos envergonham profundamente, feitos por pesquisadores sérios, poderiam (e deveriam) ser evitados por nós mesmos se tivéssemos o devido cuidado. Em nenhum momento, nesse trabalho temos a intenção de sermos ferinos, mordazes, maledicentes contra nosso próprio povo, nossas entidades. Na verdade temos a intenção sincera de alertar aos muitos dirigentes invigilantes, às vezes agindo com legítima boa-fé, não se apercebendo dessas coisas. Outro detalhe a comentar é que, nesses lugares, por exemplo, nota-se que as pessoas, da assistência, acabam circulando pela corrente dos médiuns sem respeito a nenhum ritual... pois sentem-se em um lugar profano! Alguns centros, com o intuito de conseguir mais recursos para sobreviver, vendem lanches... e outros até bebida alcoólica para que bebam junto com os Exus!
Os Exus bebem porque há função para que isso aconteça, como explicamos. Mas e a assistência, alcoolizada pelos cantos do salão? Como explicarmos a curiosos tais “fundamentos”, se pudermos assim dizer? Baseado em quê?
Torna-se necessário tais alertas pela urgência de reformas. Outra verdade. Não menosprezamos a Quimbanda pura, jamais. Ela tem muita força e conheço terreiros onde, mesmo que trabalhem só com Exus, só fazem o bem e seus dirigentes são pessoas exemplares. Nesses lugares, seus dirigentes sabem manipular muito bem certos elementos, mesmo que discordemos de sua metodologia e fins, pelas muitas razões que até aqui expomos.
Fato é que evitaremos maiores comentários. Mas esses lugares já deixaram de ser Umbanda... ou Quimbanda. E eles precisam ser isolados do cesto para que não pensem os amigos que nossa fé seja assim!

O resultado desses lugares que usam o nome de nossas entidades é sempre o mesmo: muitos experimentam um sucesso temporário. Às vezes, alguns anos. A queda chega, mais cedo ou mais tarde. E quando cai é triste de se ver...
Falamos do álcool. E o fumo?

(1) As Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul, Organizador Ari Pedro Oro, publicado pela Editora da Universidade (UFRGS), 1994, páginas 37 e 38.

Em "Umbanda: Crença, Saber e Prática", um de nossos livros, explicamos longamente o processo de absorção de energia feita pelas plantas. Basicamente, desde a energia solar até o processo da fotossíntese. Mostramos também o quanto uma planta é capaz de liberar essa energia acumulada através da maceração ou fervura usadas nos rituais dos amacis, absorvida pelos poros pelo banho de ervas, no processo da defumação. Recordando a velha lei de Lavoisier: "Na Natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma"...
O indígena, em sua grande sabedoria, aprendeu a fazer cachimbos para a queima dessas ervas, somando-se, em seu passe de sopro, a transferência dessa energia da flora somada à sua própria bionergia, bem como mesclada às sutilezas dos fluidos espirituais ali também presentes, nos processos de cura em sua pajelança...
Método primitivo, poderá torcer o nariz o sábio ocidental que crê tudo saber, o dândi moderno que prefere ingerir um analgésico. Esquecendo que o princípio ativo, presente no analgésico, foi extraído e sintetizado a partir... de uma simples e singela plantinha!
Nossas entidades, porém, quando fumam não utilizam o tabaco como simples ato de prazer, até mesmo porque não sorvem. Enchem a boca de fumaça e despejam sobre o indivíduo à sua frente, à semelhança dos pajés indígenas.
Essa fumaça, transmutada pela poderosa vontade de nossos guias, é imantada em quase um processo de efeito físico (manifestações dos espíritos quando atuam diretamente na matéria, perceptível a qualquer pessoa, como arrastar objetos, fogo ou escrita expontânea, etc). Ao soltarem a fumaça lentamente sobre o consulente, na verdade estão defumando-o, liberando chacras, rompendo laços de obsessores, aliviando dores físicas, reenergizando o convalescente, dissolvendo formas-pensamento daninhas agregadas e uma série de itens pertencentes ao tratamento espiritual do indivíduo. Proporcionando, a quem recebe tais eflúvios, visível bem-estar e profundo alívio. Para quem assiste a esses trabalhos e está atento, nota-se muitas vezes a fumaça muito mais densa solta em um foco sobre a região afetada, de movimentação lenta quando toca o corpo do paciente, logo a seguir dissolvendo-se, sem deixar vestígios, como que absorvida pelo indivíduo. Muitas, centenas ou quiçá milhares de vezes vimos esse fenômeno e seus efeitos, intrigando-nos sobremaneira.
Voltarão a dizer: mas tudo o pensamento faz... a prece faz...
É verdade. Pensar é moldar tudo à nossa volta. A prece é reenergização ativa que nos liga diretamente ao Criador. É verdade, é verdade. Mas é tolice

pensar assim quando estamos frente a um obsedado em simbiose, cujo único pensamento é aquele pertencente ao próprio obsessor. Alguém enfraquecido de tal forma, pelos processos de vampirizações espirituais, que não consegue mais concentrar o pensamento, ainda mais em uma singela prece. Um doente sem ânimo. Alguém que está em pânico, frente à iminência da morte ou sob os mais traumáticos problemas.
Voltamos a dizer: não vivemos em um mundo paradisíaco, onde todos estão permanentemente no "nirvana" celeste possibilitando um intercâmbio salutar permanente com as esferas superiores! Quem dera! A vida nesse orbe é de extremo sofrimento, de debilitação contundente dos planos físicos e espirituais, não podemos ignorar! Aí é que vem a nossa Umbanda que primeiro trata, para depois doutrinar. Fazendo, como li certa vez: que há horas onde precisamos ter a sensibilidade de trocar a palavra por um pedaço de pão. Ninguém, que não seja um faquir ou um santo, consegue raciocinar direito com o estômago dolorido de fome! Depois sim, poderemos evangelizar... ensinar a orar... doutrinar...
Todas as religiões de fundo afro-descendente, inclusive a Umbanda, lida com as energias mais densas do planeta em benefício às criaturas. Utilizamos matéria para imantar matéria (oferenda), usamos matéria para sorver fluidos pesados ou doentios ("trocas", passar objetos no corpo), usamos matéria para higienizar ambientes (cigarro, álcool, pólvora, defumações de ervas, etc). A matéria, pela sua freqüência, pela sua estrutura, pertence à mesma densidade do plano onde vivemos... nossos pensamentos, vistos pelos espíritos, são quase materiais. Nosso corpo. Nossas doenças. Porque, então, fingirmos estar tão superiores a "essas coisas" para ignorarmos o trabalho valoroso da Umbanda?
E... a pólvora?
Segundo os verbetes encontrados em "Dicionário dos Cultos Afro-Brasileiros", de Olga Gudolle Cacciatore, o termo **tuia**, empregado nos terreiros como designativo de pólvora, vem do iorubá e quer dizer "expelir, deslocar para fora". Outro termo também empregado é **fundanga**, que vem do kimbundo (língua banto) e significa simplesmente "pólvora".
Lembremos que a pólvora é formada por três elementos: salitre, enxofre e carvão vegetal. O primeiro, com algumas características semelhantes ao sal, é inclusive usado na conservação de carnes. O enxofre é conhecido como *"desinfetante" espiritual*, como cita a Bíblia em Jó, 18: "a luz se obscurecerá em sua tenda...espalhando o enxofre sobre o teu redil... Lançado da luz às trevas, ele se vê banido da terra", símbolo também de culpa e punição (1). O carvão vegetal é um elemento já sacramentado como excelente em absorver fluidos pesados dos ambientes. Pela soma desses três, chega-se à conclusão que a pólvora, quimicamente, é elemento dissolutivo por excelência.
À semelhança das descargas elétricas na Natureza, como os raios por exemplo, a pólvora é capaz não apenas de dissolver qualquer tipo de miasmas nos ambientes, mas também provoca sérios ferimentos à delicada estrutura do perispírito de entidades mais densas, como são relatadas nas obras de André Luiz (no que concerne às tempestades). Inclusive, pela sua densidade, o nosso Exu!
Mas o nosso Exu está sujeito aos efeitos desastrosos da pólvora em seus perispíritos?

Mas é claro! Lembremos que Exu é uma entidade ainda muito materializada, muito próxima à crosta. Afiniza ainda com sentimentos mais "humanos", estando sujeito à atitudes mais passionais. ***Exu é terra***, como o conceito do próprio Orixá que o rege. Muito pouco diferencia um Exu de nós mesmos, simples almas em evolução!
Eis porque Exu *detesta* chuva, raios, água e também pólvora! São elementos dissolutivos das energias que manuseiam, alguns deles capazes de

(1) Ver "Dicionário de Símbolos", página 374. Fizemos amplo comentário em trabalho anterior.

prejudicar seus corpos astrais. Não significa apenas "detestar", pelo simples e banal motivo de "não gostar". Há uma explicação lógica, viável, perfeitamente cabível para explicar suas reações à tais fenômenos ou o pavor que tomam, frente a um ponto de pólvora.
Há um consenso geral, dentro da Umbanda, do extremo cuidado e moderação do uso da pólvora nos terreiros, sendo aconselhável sua feitura sob o comando de um Caboclo ou Preto-Velho. Em vez de estar fazendo um trabalho positivo, poderá estar justamente causando o malefício de uma pessoa ou de um Exu de Lei, inadvertidamente.
Não devemos confundir, portanto, o uso de fogo (chama) em trabalhos feitos por Exu, com pólvora. Ambos são "fogo", apenas aparentemente. Só aparentemente... mesmo quando se canta o ponto da queima da pólvora, nos terreiros e isso pode confundir ao distraído:

"Só queima fogo, quem pode queimar
Seu ponto é seguro e não pode falhar. (bis)"

Traduzindo-se, ninguém "queima fogo", mas sim "queima pólvora".

E logo em seguida, mais dois pontos:

"Bumba na calunga, ele é caboclo, ele é flecheiro
Bumba na calunga, e é matador de feiticeiro
Bumba na calunga, e a falange já chegou
Bumba na calunga, e para todo o mal levar."

Depois:

"Descarrega, descarrega... todo o mal que aqui se encontrar
Leva, leva, leva... tudo para o fundo do mar."

Esse ponto combinado, tão antigo, fala-nos do aspecto purificador da pólvora manipulada pela sabedoria dos Caboclos.
Falaremos agora das danças dos Exus com as Pombagiras...
Exu vem para "o mundo" para apenas... dançar?
Quem sabe, suponhamos que muitos Exus tenham sido excelentes bailarinos quando em vida, até mesmo gostando de apreciar aos bailes que

ainda existem pelos cantos do mundo, se assim quiserem Mas vê-los apenas como alguém que incorpora para se divertir... há uma distância muito grande.
Exu verdadeiro vem ao mundo (incorpora) para *trabalhar.* Se bem observados, a coreografia que Exu faz enquanto dança não é das mais graciosas. O povo de cemitério, principalmente, tem um dançar cadenciado, pesado, rítmico, parecendo o médium estar em um transe profundo. O povo das encruzilhadas tem o mesmo ritmo, mas é mais leve, notando-se menos rigor em suas fisionomias. As pombagiras balançam muito suas saias próximo ao público, descrevendo giros que se prolongam por vários minutos, acompanhando seus pontos cantados. O mesmo fazem os Exus, com suas longas capas. Ninguém, se não estiver em profundo transe, conseguiria beber como eles bebem e girar daquele modo por tanto tempo, sem cair. Por sinal, prova à assistência de sua incorporação segura.
Dançar não significa “tocar” Exu com Pombagira no salão. Não há toque físico, a não ser uma discreta mão na cintura ou pegando-se a mão em uma elegância que lembra quase um minueto antigo. Alguns Exus, às vezes, pegam a mão de sua companheira (geralmente a Pombagira que faz par vibratório na tronqueira ou aquela que mais afiniza por similaridade) e "apresentam-na" elegantemente aos tamboreiros, durante certos pontos cantados. Alguns Exus fazem o que chamamos na gíria dos terreiros, a "dança do amor" com suas Pombagiras (como vimos há pouco), cada qual tocando na cintura de seu par com uma das mãos e girando juntos trocando sorrisos e, visivelmente, energias reequilibrantes. Ao soltarem-se descrevem giros, um em torno do outro, retornando para o meio do salão para prosseguirem trabalhando.
Portanto, Exu não faz movimento de quadris, nem movimentos insinuantes que lembram o ato sexual, nem passam a mão pelos corpos, sob hipótese alguma, mesmo que seja uma Cigana do Oriente, por exemplo. Como dissemos, as danças de Exu são elegantes, algumas vezes agitadas, porém cheias de cortesia.
Algumas vezes vemos dois ou três Exus dançando juntos, lado a lado, como as antigas coreografias da "disco-music". Ou seja, passinho para lá... depois, todos juntos, passinho para cá. Mesmo que haja a intenção dos Exus mais “experientes” ensinarem o comportamento-padrão ao novato, não é muito bem entendido...
Na verdade, ao dançarem todos juntos, em uma gira, *liberando energia*, criam um campo magnético poderosíssimo cujo intuito é destruir feitiços, envenenamento psíquico, doenças vindas da assistência e seus afetos, geralmente feitos pelos chamados "Povo de Cemitério" cuja especialidade é justamente essa. Já o dito "Povo das Encruzilhadas", cuja especialidade é atuar no campo dos afetos, ao dançarem atuam diretamente nos chacras básicos da assistência, reequilibrando suas funções vitais, absorvendo os excessos, transmutando para uma circulação de energia benéfica, radiante em todo o organismo.
E porque Exu gira, quando dança, inclusive dando às sessões o apelido de "giras"?
Quem já não ouviu falar das forças centrífuga e centrípeta, no campo da Física? Veja sua máquina de lavar roupas, por exemplo, quando está

"centrifugando". O que ela faz? Através do giro, a água não é expulsa deixando a roupa quase seca? Uma força puxa para dentro, a outra para fora. Ora, o Exu quando gira ou ele "descarrega energias" ou "absorve para ele", muitas vezes concentrando-as nas fibras dos tecidos de suas roupas materiais. Quando estão "saturados", costumam ir até as portas fazendo determinados movimentos, "expulsando" de si tais fluidos para alguns de seus companheiros (ou seus elementais) que ficaram do lado de fora do salão, invisíveis à assistência, que carreiam para os cemitérios, praias ou qualquer lugar de atuação da entidade para "descarregá-los" ali. Por isso, muitas vezes, o Exu irrita-se com o incauto que fica nas portas, para "assistir" a tais descarregos, como se fosse um ritual qualquer sem importância.
A Cigana Esmeralda, segundo comentam quando vai desincorporar, costuma dizer o seguinte: "eu vou girar em torno da corrente de médiuns... nesse momento peçam que todas as doenças, todos os males, todas as tristezas fiquem na barra de minha saia para eu levar embora!". Interessante. Mas isso é possível? Tem fundamento?
Vejamos o que nos diz Michaelus, em "Magnetismo Espiritual", à página 131:

"*Os corpos mais freqüentemente usados, no tratamento das moléstias pelo magnetismo, são a* ***água, o vidro, os tecidos, as plantas e os alimentos****. (prossegue, o grifo é nosso)*
A magnetização dos tecidos para uso dos doentes é do mesmo modo eficaz no tratamento de determinadas moléstias.
Para magnetizar um lenço, um retalho de flanela ou algodão, ou de qualquer outro tecido, basta conservá-los desdobrados na mão esquerda e sobre eles soprar quente, e com a mão direita, em seguida, fazer passes, segundo os preceitos gerais estabelecidos, pelo espaço de cinco minutos.
Para todas as dores em geral, principalmente as provenientes do reumatismo e da gota, é necessário magnetizar as roupas ou vestidos, e não mudá-los senão por outros magnetizados."

E vale salientar que, no mesmo livro citado:

" Convém, por último assinalar que há corpos, do mesmo modo que pessoas, que são como esponjas ao contato da água: subtraem avidamente todo o fluido magnético com espantosa rapidez, a ponto de esgotar o magnetizador, ou de prejudicar o doente, quando presentes ao ato de magnetização."

Eis porque algumas pessoas tem, como sedimentou-se entre a população, o chamado "olho grande", o temido "olho gordo". Geralmente são criaturas desvitalizadas, vampirizadas por entidades ou fomentadoras de pensamentos fixos, daninhos, obsedantes de alguma natureza, alguns como solidão, tristeza, mágoa e outros, que quando chegam nos ambientes sorvem toda a energia de uma arruda, por exemplo, secando-a de imediato. Outras tem o poder, às vezes, até de matar um animal menor, criatura mais frágil ao encontro desse tipo de magnetismo negativo. Essas pessoas, costuma-se dizer quando entram em um ambiente, as outras sentem-se sonolentas, subitamente cansadas, com um estranho mal-estar como se o ar lhes

faltassem. Muitas dessas pessoas não têm culpa direta do mal que causam, mas se soubessem, talvez passassem a modificar os ânimos evitando tais companhias espirituais e tais pensamentos.
Quando sabido, motivo também para não se permitir a presença desse tipo de pessoa, com esse problema, em uma corrente mediúnica. Para isso exige-se que o médium deva estar bem, com boa saúde, sentir-se minimamente equilibrado no campo afetivo e financeiro, ciente que vive apenas uma fase ruim e que os problemas serão sanados em breve. Alguém que venha, há tempos, sentindo-se deprimido, desvitalizado **é um perigo** em uma corrente, já que desvitalizará os outros médiuns sugando-os (em suas bioenergias), permitindo criar, como em uma reação em cadeia, uma série de outros problemas e a entrada de espíritos imperfeitos tendo acesso à segurança do terreiro.
Quantas histórias já ouvimos do tipo, "depois que fulano entrou para a corrente, ela caiu?". E o que se diz sobre o que é feito em algumas casas espíritas/espiritualistas que, mal um indivíduo chega, coloca-o de imediato ao serviço mediúnico, sem tratá-lo primeiro? As conseqüências, logo depois se vê...
Explicamos noções de magnetismo. Razão porque os Exus dançam.
Outra polêmica é se Exu deve, ou não, tirar o sapato no terreiro...
Todos os Exus comentam, quando o médium fica descalço, que conseguem "descarregar-se" mais fácil, trabalharem melhor. Cremos, desse modo, haja a necessidade do contato com a terra para permitir que os excessos acumulados durante as "giras" possam ser absorvidos pelo solo à semelhança dos fios terra presente em chuveiros ou pára-raios. Notamos também que a maioria dos solados dos calçados, atualmente, é feito de materiais não-condutores.
Isso é regra geral?
Devemos ter sensibilidade e depende, porém, da região em que o médium reside...
Ora, se o médium vive nas regiões do Sul do país, lembramos que o inverno é rigorosíssimo atingindo em algumas cidades graus negativos. E os terreiros costumam ter piso "frio", em sua maioria como lajotas ou cimento queimado. Como todos sabemos, há um limite para o controle do corpo feito por nossas entidades. Quando incorporados, o médium não sentirá frio. Entretanto, ao terminar-se as sessões, costumam haver queixas de friagens e outras doenças derivadas da exposição por muitas horas aos pisos gélidos. Eis porque, nessas regiões, trocam-se os ditos pisos "frios" por madeira ou carpetes (inadequados pelo uso em locais de grande circulação e brasas que caem durante os trabalhos). Mas nem sempre o terreiro tem recursos para tanto. Eis o motivo pelo qual a grande maioria dos Exus e entidades de Umbanda estão sendo "feitos" (acostumados) à utilização de sapatos e sapatilhas nesses Estados.
Por infelicidade, não é o ideal, mas é um paliativo para o problema.
Nesse capítulo também, comentaremos o que dizem nossos detratores quando afirmam, com ironia, que os passes de nossos Caboclos merecem o apelido de "castanholas", por, costumeiramente, estalarem o polegar, indicador e médio em um estalido. Alguns Exus também o fazem.

Para tanto, iremos nos valer de uma obra espírita intitulada "Passes e Curas Espirituais" de Wenefledo de Toledo, uma das obras mais estudadas e citadas no Espiritismo.

"*As mãos dos médiuns, quando concentrados, no momento que transmitem o passe, tomam uma coloração azul-clara com nuances de verde, emitindo raios muito fosforeantes, que atingem alguns centímetros de espessura. Das pontas dos dedos são emitidos pela vontade do médium, formando um chuveiro magnético, na direção que lhes for imprimida.* ***Os dedos de projeção mais fortes são os polegares e logo em seguida os indicadores.*** *Quando os dedos se juntam em forma de feixe, os fluidos perdem a forma dispersa e caem em jatos fortíssimos, penetrando profundamente no organismo. Muito útil na dissolução de cálculos biliares ou renais e formação de tumores internos, ainda na fase aguda, quando usados pelos passes rotatórios, seguidos dos de dispersão, e os fluidos elétricos ou magnéticos que são influenciados pelas leis de polaridade. (o grifo é nosso)"*

Ora, não precisamos pensar muito para perceber que no passe dado por nossas entidades, elas encostam o dedo polegar ao médio, passando a seguir pelo indicador em um estalido, dedos esses que segundo Wenefledo de Toledo são os que possuem maior energia. Ao se tocarem, não formariam um feixe contínuo por não ficarem unidos por algum tempo, mas sim uma descarga magnética de grande intensidade mais assemelhada a um projétil.
Até que nossos passes "castanhola" são bem interessantes, visto pela ótica espírita... e de grande eficácia, podemos atestar.
E porque Exu dá aquelas gargalhadas estridentes?
Cada entidade de Umbanda tem sua freqüência. Porque pertencerá a determinada falange, trabalhará com determinados espíritos. Som é onda que se propaga. Até onde, perguntaríamos?
Outra vez, procuraremos em outros autores para somarem com nossas idéias, corroborando-as!
Vejam esse trecho de "Iniciação-Viagem Astral" pelo espírito Lancellin, psicografado por João Nunes Maia, no capítulo "Ajudando Sempre":

" *Retiramos do ambiente dois obsessores terríveis, que ficavam espreitando à espera de alguma invigilância, para armar a maior perturbação possível.*
Vi Kahena meio agitada. Ela escapou por minutos de nossa companhia e emitiu em assobio estridente, em escala difícil de atingir. No mesmo instante apareceu um grupo de índios de estatura descomunal. Eles agarraram os dois sem querer ouvir nada e desapareceram com eles em um átimo de segundo. Kahena nos esclareceu:

- *Quando o amor não é entendido, usa-se a energia. A força do bem deve ser respeitada imediatamente."*

Cremos não ser necessário nenhum tipo de explicação sobre os motivos pelos quais os Caboclos assoviam, os Exus gargalham ou emitem certos gritos, alguns Pretos-Velhos emitem estranhos assovios sibilantes e outros sons feitos por nossas entidades, ao entrarem em contato com falanges do

plano dos espíritos, após o trecho acima tão elucidativo. Cada um tem o seu "código" no astral, sua freqüência, sua onda... simples.
Eis porque Exu gargalha...

CAPÍTULO V

PORQUE A CASA DE FULANO CAIU?

Nesse capítulo iremos abordar vários problemas comuns, segundo temos observado ou recebido questionamentos por cartas ou e-mails, com suas devidas soluções.
Eis os empecilhos que existem, alguns já abordados em nosso livro anterior, mas valendo a pena voltarem a ser citados aqui.
Vamos iniciar contando uma história que poderia ter acontecido em qualquer lugar:
" Um famoso babalorixá, de um estado do Brasil (trabalhava com Candomblé e Umbanda simultaneamente), resolveu inovar no trato com os Exus. Cansado de ver todo o mundo dando galos, passou a dar cabritos como sacrifício. Mas como queria tornar sua casa a maior do país, resolveu sacrificar animais maiores, muito maiores ainda, para Exu. Achando ainda pouco, passou a dar sete unidades desses animais. E, como complemento, inúmeras aves exóticas. E assim ficou.
Sua casa progrediu tornando-se um dos maiores babalorixás, motivo de admiração dos demais. Alguns, embalados pela "novidade", passaram a sacrificar o mesmo, em igual número, também.
Quantos anos se passaram? Sete? Quatorze? Do dia para a noite sua vida pessoal passou a ser um inferno. Suas finanças ruíram. Perdeu tudo.
Afastou-se dos amigos, isolando-se. Crendo que muitos deles torceram para que estivesse em tal situação".
Os amigos lamentaram tamanha tragédia.

Um dia, frente ao Caboclo Ventania, perguntei-lhe: "Meu pai, lembra-se do babalorixá fulano de tal? Às vezes penso em sua trajetória e dá-me um aperto no coração, já que era pessoa adorável, simpática. Muito querido por todos que o conheciam... porque ele caiu tanto, porque sua vida tornou-se um inferno?"
O Caboclo respondeu-me: "É natural, minha filha, que isso acontecesse. Nosso irmãozinho pediu às entidades todo o sucesso material que o mundo podia lhe dar... beleza... sucesso. E recebeu."
Parei alguns segundos para pensar e outra pergunta veio-me: "Certo... mas e o progresso espiritual... seu desenvolvimento... os valores da alma?"
O guia sorriu mansamente, respondendo-me: "Eis porque ele caiu, minha filha. Ele não queria valores do espírito. Caiu justamente porque aliou-se à entidades que valorizavam tais coisas temporárias, com entidades sem nenhum tipo de luz...".
Muito bem. Nenhum de nós, mesmo dirigentes de Umbanda ou babalorixás que tenham Umbanda em suas casas, estamos imunes à influenciação inferior. Somos alvo contínuo dessas gangues espirituais que desejam

desestabilizar nossos terreiros, na tentativa de terem mais um lugar onde seus trabalhos são “desmanchados”, fechado. É lógico. Irmãos nossos, desatentos, alguns desconhecendo o mecanismo sutil das obsessões tão bem explicados na doutrina espírita, passam a ser alvejados continuamente por esses espíritos que encontram em nós uma falha qualquer para nos ferir. Usam as vaidades, os egoísmos, os nossos pequenos deslizes como seres humanos que somos, para “encostar-se” em nós, passando a nos influenciar com o objetivo primeiro de nos destruir, depois ao grupo mediúnico, quem sabe até a assistência. Eis porque nossos alertas, alguns talvez desagradáveis a quem ler, mas com o desejo sincero de evitar mais algum terreiro fechado, vítima desses espíritos. Nosso conselho é a leitura das obras espíritas, como apoio, para evitarmos esse tipo negativo de influenciação, do qual nenhum de nós está imune!
Eis outra história:

"Há alguns anos atrás, em um bairro próximo, houve um babalorixá excepcional. Tinha a "mão virada" (axé para fazer o mal), considerado uma “maravilha”. Um Caboclo de linha de Oxóssi que era divino. Fazia o bem e o mal como raramente se via.
Ele sempre dizia aos amigos: Eu sei o que estou fazendo. E sei que um dia irei ter de pagar o preço...
Morreu jovem de uma doença progressiva, em um sofrimento tão atroz que todos comentaram depois: o babalorixá pagou o preço que havia acordado."

Chega-se à conclusão duas coisas: primeiro, desconhecimento de fundamentos, um deles que nos ensina a jamais praticar “o mal”. Umbanda proíbe isso ou teremos nossos guias de luz afastados de nós. E sem eles, não damos um passo à frente. Outro, esse dirigente desconhecia o que acontece com o mecanismo das doenças, ou mesmo a vida após a morte...
Outra coisa estranha também é quando vemos médiuns com medo de espíritos!
Isso vimos na Umbanda e na própria doutrina espírita, quando éramos médiuns lá...
Pode parecer estranho, mas isso acontece! Não calculem a quantidade de e-mails que recebo diariamente onde jovens médiuns temem a incorporação por esse motivo!
Ora, vamos observar os fatos. Vamos chamar espírito aqui de “coisa”, na tentativa de sermos mais simplistas.
Passamos anos "incorporando *alguma coisa*"... essa "*coisa*" dando consultas precisas, prevendo e revendo fatos, observando doenças, ministrando passes cujos efeitos são espetaculares. Bem, essas "*coisas”* falam como vivem, como "é lá em cima", comentam sobre reencarnar, sobre a lei universal de ação e reação... ufa! E muitos de nós ainda não acreditam em espíritos ou crêem que não incorporam “coisa” nenhuma!
Outra situação é a serenidade diante das doenças e da própria morte.
Diante da iminência da morte, médiuns se horrorizam, entram em pânico sem ter a menor serenidade para fazer a passagem com o mínimo de tranqüilidade esperada de alguém que seja religioso... de alguém que tenha

conhecimento trabalhando por anos a fio com tais "*coisas*" que provam, por si mesmas, que a vida continua após a morte física.
O leitor deve estar intrigado com a primeira história. Um dos comentários ouvidos é o fato de sacrificar-se animais de grande porte para Exu. Como dissemos em "Umbanda: Crença, Saber e Prática": se um simples Exu, na hierarquia que ocupa, recebe tais animais em sacrifício... o que essas casas oferecem a um Orixá? E pior: o que farão esses médiuns quando "fizeram" (acostumaram) seus Exus à base de sacrifício de animais de tal envergadura, quando tiverem de partir para outras casas cujos sacrifícios são de apenas uma ave?
São problemas que criamos para nós mesmos, sem nos aperceber!
Os "antigos" costumavam ter medo, horror de trabalhar-se com Exu. Nas casas mais tradicionais, as de Umbanda dita "branca", os caciques (dirigentes) têm ojeriza a essas entidades. Quem já não ouviu falar disso? De influências religiosas outras desde criança, Exu era sinônimo de capeta. Tem gente fazendo ainda o sinal da cruz quando ouve esse nome! Eis porquê há alguns pontos cantados antigos chamando-os com esses termos pejorativos, coisa que atualmente já está mudando por todos esses motivos, por novos dirigentes, com outra mentalidade.
Hoje o quadro "mudou" para bem e para mal. Um desses males, que é o mais grave, dirigentes feitos às pressas. Já falamos aqui que desenvolvimento de entidades e aprendizado demanda tempo. Ninguém está preparado a ser dirigente tendo menos de, no mínimo, sete anos de trabalho ininterrupto que é o primeiro “coroamento” do médium em Umbanda. Isso em teoria, já que muitos médiuns levam muito mais tempo do que isso. Durante esse tempo o futuro dirigente deve aprender fundamentar uma tronqueira, aprender o uso das ervas, desenvolver a vidência para encontrar meios seguros de definir qual amaci cada pessoa pode ter e qual a combinação de ervas apropriadas para serem usadas, desenvolver plenamente suas entidades para que essas tenham condições de ministrar os fundamentos da casa, conhecer toda a ritualística, pontos cantados e riscados, trato com o público, ética, leitura de apoio das obras espíritas e de diversos segmentos religiosos, aprender a lidar com obsessores, uso de banhos e chás... isso tudo, no mínimo! E os problemas decorrem justamente porque alguns médiuns, crendo já serem capazes e achando que aprenderão o resto no caminho, abrem seus terreiros naquela impressão de que é “só fazer uma prece de abertura e tocar o barco”. A experiência mostra os resultados desses terreiros “experimentais”.
Alguns outros, por vários motivos, passaram a supervalorizar o Exu, como se ele fosse a única linha de trabalho. Passou a ser tratado com as honras de Orixá. O congá de Umbanda ou de Orixá (quando há o Candomblé ou outra religião/culto junto) é construído pequeno e esquecido, lá em um canto... por outro lado, o de Exu apresenta imagens enormes, recobertas de luxo. Passam a dizer, querendo despertar a simpatia de quem os ouve: "odeio quando chamam Exu apenas no final dos trabalhos para limpar a casa, como um pobre coitado... Exu merece um lugar ao Sol".
A intenção é boa... mas...
Já não bastaria Exu ser feito em ervas, outros elementos, dendê e marafo. Pouca coisa, dizem. Passaram a sacrificar aves e os animais foram aumentando de porte e quantidade, indiscriminadamente. Se isso fosse

sinônimo de “axé” para as entidades, não estaríamos aqui aconselhando a não fazerem isso, podem ter a certeza. Nesses lugares foram esquecidos os Pretos-Velhos e os Caboclos, que jamais permitiriam isso, considerando-os “ranzinzas” porque tentam coibir tais práticas. Esqueceram também que, com Exu, o correto é **negociar. Negociar sempre!**

Outros "antigos" sempre diziam que Exu "é como uma criança". Se for mimado demais, torna-se insuportável... (releia-se o comentário feito por Mãe Moça, no capítulo 2 desse livro).

Pura verdade. Comentário de gente experiente.

Para início de conversa, costumamos chamar aqui "Exu de Lei" ou Guardião apenas referindo-se àqueles **já foram** "feitos", ou seja, doutrinados, que já fazem o bem e comprazem-se com isso. O resto não é Exu, é quiumba. Quiumba para nós é sinônimo de espírito obsessor, atrasado, sem luz alguma. Eis os fatos. Outra coisa importante é que no início das manifestações, por mais queiramos amenizar, por mais simpatias tenhamos, Exu é, por sua natureza um **espírito quibandeiro** como nos falam todos os autores e dirigentes**,** *uma entidade da Quimbanda hoje agregada aos trabalhos nas casas de Umbanda para evoluir, e não vice-versa, ao contrário.*

Exu é a entidade (espírito) que trabalha na força do Orixá (que deu seu nome às falanges que trabalham em sua energia), em seu aspecto mais positivo e mais negativo, se não for orientado e doutrinado para isso. E lembramos que Exu, por mais "doutrinado" seja, sempre apresenta certa instabilidade própria de seu caráter, necessitando, por isso mesmo, vigilância contínua e pulso firme dos dirigentes e guias da casa! Permanentemente!

Trabalhar-se com Exu sem conhecimento, representa o mesmo perigo que tem um químico amador em misturar substâncias. Se não conhecer profundamente, não saber a dose certa... adeus laboratório! Por isso dizemos, repetindo cansativamente: **não trabalhe com Exu quem não o conheça!** Jovens: não brinquem em fazer sessões nas tardes de domingo, sairem por aí cantando pontos como se fossem música popular, tocando tambor, brincando com mediunidade! Não sabem o que estão fazendo e que tipo de entidade estão atraindo! Se querem aprender alguma coisa e para uma formação correta, escolham uma excelente casa e um cacique seguros!

Para encontrar-se uma casa verdadeira de Umbanda, alicerçada em seus verdadeiros fundamentos, ela jamais *faz o bem e o mal* simultaneamente, como já explicamos, bastando o cliente (veja-se, aqui substituímos o termo *assistência* por *cliente*) *procurar, pedir e pagar* por esse serviço, sem qualquer outro vínculo à casa e às entidades. Isso não faz parte do próprio conceito da Umbanda. É pedra fundamental presente, inclusive, nas palavras de nosso hino. Nossa religião conhece moralidade e ética, mesmo que muitos detratores queiram afirmar o contrário.

Comecemos por aqui: espírito de luz, espírito que se direciona ao bem não trabalha nessas fileiras. Não pode. Poderá até vir, eventualmente, na tentativa de demover os dirigentes e espíritos para mudarem suas estratégias, buscando valores mais elevados. Todavia, chegará um ponto que eles irão **afastar-se** daquele grupo, "dar as costas", como dizemos.

Os guias de luz, com o tempo cada vez mais afastados, não encontrarão mais caminhos nem razão para estarem ali...

Em seu lugar virão outros, conseqüentemente. Espíritos que gostam, divertem-se, usufruem conjuntamente aos gostos do incauto. Prazeres, dinheiro, poder... enfim, apreciam as coisas ditas materiais. Divertem-se com a desgraça alheia. Afinal de contas, ninguém trabalha de graça. E como gostam de coisas "*materiais*" e do "*melhor*", pedem as melhores vestimentas... as melhores jóias... as melhores bebidas... mais e mais sacrifícios. Querem "passar bem", é lógico.
Guias de luz, do astral superior vivem de preces. Amor. Bondade. Caridade. A palavra "caridade" chega a dar engulhos à essas entidades e ao dirigente, algoz e vítima desses espíritos perversos, zombeteiros, materialistas, insaciáveis!
Se eles têm força? Muita. Muita força! Mobilizam falanges, espíritos afins... a casa cresce (materialmente falando), atrai médiuns fascinados, assistência querendo "trabalho forte". Trabalho forte, aqui traduzimos, é com *muito sangue*... e a promessa de resolver **qualquer problema, no menor tempo possível**. Muitos dessas assistências, ao chegarem a uma casa de Umbanda que recusa-se a certos trabalhos porque seus guias consultam o Astral Superior para saber *se podem* fazê-lo, comentam: casa "fraquinha! Guias sem força alguma! Porcaria! Não fazem *o que eu quero*! Vou procurar o pai ou a mãe fulana que promete em sete dias, trazer na marra, buscar o perdido, arrebentar com a vida de meu rival... isso sim é religião! Isso é ter "*assessoria*"!
Perguntamos... e os guias de luz a essa hora? Foram embora há muito tempo... ali não é mais morada nem ambiente para eles...
Eis o que a Quimbanda proporciona, no primeiro tempo.
Escaladas meteóricas, sucesso, fama. O acordo com essas entidades foi feito... querem "o melhor", em "maior quantidade" pelo preço de contar com eles para o que der e vier...
E como se chamam essas entidades nas casas de Quimbanda?
Intitulam-se... **Exus**. Sim, Exus! Muitos ali poderiam ter se tornado Exus de Lei, se tivessem aprendido a trabalhar para o bem pelos seus dirigentes. Como os antigos diziam, "Exu é criança". O cacique, em sua usura, ignorou isso... e em vez de tê-los como seus melhores amigos, criou futuros inimigos sem se aperceber...
Exu é um espírito em evolução. Ainda guarda afinidade às paixões terrenas. Ao amor, ao ódio, à vingança. Não perambulam pelo Umbral em tarefas porque são espíritos luminares. Trabalham ali, porque *precisam*. Precisam evoluir!
Junto aos Exus que poderiam ter se tornado "de Lei", nessas casas, estão aqueles que *se dizem* Exus. São os quiumbas, espíritos trevosos, encarcerados no mal por séculos. Ingenuidade é crer-se que uma simples doutrinação os fará demover do mal. Assumem nomes já sacramentados dessa Linha, dançam, portam-se e bebem como uma entidade "verdadeira". Isso para os incautos, os inexperientes. Logo mostram para o quê vieram, bastando observá-los mais de perto...
São esses os falsos guias, os Exus quiumbas, falastrões, arrogantes, pretenciosos, beberrões, falando palavrão, sem respeito à homens e mulheres presentes, pedichões, interesseiros... e mentirosos. Chegam em meio da roda e gritam que são os "maiores do mundo", sob o aplauso de

gente que comunga na mesma freqüência. Ou os inexperientes. Um falso Exu é profundamente mentiroso. Por ser um espírito, terá alcance para ver alguma coisa além, uma visão um pouco maior comparando-se à nossa. Mas não passa muito disso...

Um Exu quiumba não trabalha por uma flor. Uma garrafa de bebida. Um pequeno agrado. Quer oferendas significativas, sacrifícios nas encruzilhadas com freqüência. Quanto mais sangue, melhor... verdadeiro vampiro do astral, sorve a energia do sangue e do despreendimento ocorrido no estertor da morte das vítimas, com avidez. Esses Exus parecem estar sempre morrendo de fome. Nada os satisfaz.

A essa altura o leitor está pensando... mas porque esses falsos Exus são tão famélicos... e porque querem tanto sangue?

Fácil de entender. *Por não terem o apoio dos guias superiores que os ensinam a procurar locais e regiões para se abastecer de energias*. Por não contarem com espíritos superiores em conhecimento, contando-se aí legiões e legiões de espíritos tão ou igualmente inferiores, trabalhando para eles. Por não contar com os Caboclos e Pretos-Velhos que são, numericamente e energicamente falando, infinitamente mais fortes...

O Exu quiumba é **fraco**. Fraco pelo tipo que são seus seguidores, já que esses não costumam "colaborar" por amor ou lealdade, sendo essencialmente inferiores, rebeldes. Ao menor sinal de perigo, debandam. Não sabem aproveitar energias. Por mais sábios e cultos sejam, faltam-lhes o conhecimento das diretrizes do Criador. Por ser tão inferior, é inconstante, não fazendo muita questão de "satisfazer" o cliente que o busca... afinal, o negócio dele é apenas "receber". Não são leais a ninguém, apenas a si mesmos (por isso preconizou-se na Quimbanda dizer-se que "Exu se vende" fácil. Mas é claro. Para eles, tudo é "negócio"). Não têm amor a qualquer criatura, nem piedade, a não ser por eles mesmos!

Esses Exus limitados, fracos se comparados aos nossos Caboclos e Pretos-Velhos, aparentam muito, à primeira vista. Eis porque negócio na Quimbanda “da pesada” não resulta em coisas muito boas. Como são fracos, não conseguem manter as "graças" por muito tempo. Daí dizer-se que "Exu dá, e depois tira"... nesse caso deveria ser substituído por "Exu dá, mas não consegue manter por muito tempo". Aquela promessa de "trazer seu homem de volta em sete dias" redunda em grande fracasso... o homem volta ainda mais revoltado, violento e logo depois vai embora. Ou a oferenda é feita e o homem nem chega a vir...

Por ser fraco, ele necessita estar buscando permanentemente uma fonte de energia para se manter. Quando o Exu é assessorado pelos Caboclos e Pretos-Velhos (vejamos bem, casas onde Caboclo e Preto-Velho faz giras contínuas de caridade, não vindo apenas em certos dias, marcadamente de festas consagradas a eles) aprende a absorver energias de outros elementos... em outros reinos... é realimentado por essas entidades tornando-se **muito forte com muito pouco** (aparentemente). Contam, os nosso Exus de Lei, que os "poderosos", os "penachudos" (Caboclos) e Pretos-Velhos levam-os para absorverem energias aqui e acolá. Voltam "de barriga cheia", como contam alegres. Já o Exu quiumba necessita de uma das maiores fontes de energia disponíveis nesse plano físico... *o sacrifício animal*.

É real, o sacrifício é uma das fontes mais ricas em energias revitalizantes para os espíritos mais materializados.
Diferentemente do Candomblé que mantém uma tradição milenar, não há razão para manter o sacrifício animal dentro de nossas casas. E é mais uma barreira à entrada de quiumbas em nossos terreiros. Fora dos sacrifícios, eles não terão outra fonte de energia que os satisfaça com plenitude, tendo de ir embora!
Ora, em uma casa bem direcionada, o sacrifício pode ser substituído por outros elementos de igual poder, quando combinados sob a orientação dos Caboclos e Pretos-Velhos, para satisfazer àquele grupo de Exus que trabalhará naquela casa. Eis porque afirmamos, ser possível trabalhar-se sem o sacrifício animal com sucesso pleno. O sacrifício é uma *opção* às nossas casas, hoje "cruzadas" com a Quimbanda (porque trabalham com Exus), mas não é imprescindível, insubstituível, como pensam alguns. Para isso acontecer, porém, em condição única, não existe Exu de Lei satisfeito sem esses guias superiores. Tanto os Caboclos precisam deles para os trabalhos mais pesados, quanto eles precisam dos mesmos para "alimentarem-se" bem (1). Voltamos aqui a repetir, para fazer-nos mais contundentes: sempre devem trabalhar sob a **orientação** dos Caboclos e Pretos-Velhos! Isso significa que esses últimos incorporarão, ditarão a combinação de elementos das oferendas, como fazê-las, orientarão no "fundamento" da tronqueira, fórmula única para aquela casa, para aqueles guias e para a destinação ao qual essa mesma casa terá.
É... dirá o dirigente... meu Exu é "firme", meus Caboclos e Pretos-Velhos nem tanto! O que eu faço?
Não faça!
Um dirigente, que vá trabalhar com Exu sem Caboclos e Pretos-Velhos firmes é como o sujeito aventurando-se a partir, pelos oceanos, sem uma mísera bússola! Está entregando sua casa, sua vida, seus médiuns e sua assistência a um rumo ao qual ninguém saberá onde vai dar! E geralmente, o destino nunca foi dos melhores nessas condições!
André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier, em "Missionários da Luz", capítulo 11, conta-nos um aterrador quadro desses espíritos desvitalizados, desesperados em absorver as energias do sangue dos animais, em um matadouro...
Caíam às centenas, sobre a carcaça das vítimas e o líquido vertido à cada animal morto, em sofreguidão...
Junto deles, um espírito invigilante, um suicida, vítima dessa horda, permanecia ali, sonambúlico, vampirizado às últimas. Seria alvo, nesse dia, de resgate pelos espíritos superiores, após um longo trabalho de libertação.
Assim:
"*Vendo a claridade que rodeara a vítima, estavam lívidos, espantados. Um dos algozes mais corajosos replicou em voz alta:*

- *Deixemos este homem entregue à sua sorte. Os "espíritos poderosos" estão interessados nele. Larguemo-lo."*

E aí, perguntamos: dependendo dos objetivos de nosso terreiro, nossa índole, nossa assistência... estaremos alimentando Exu... ou esses aí, acima citados?

Vale a pena trabalhar com esses espíritos?
As centenas, os milhares de exemplos de casas que "caíram" nessa senda não valem como bons exemplos... ou faremos experiências "para ver o quê acontece" conosco?
Já fazendo parte do ritual de toda casa umbandista que mantenha e respeite a tradição, há o costume de incorporar-se Caboclo após a gira de Exu. Hábito salutar. Poderá ser feito em uma das seguintes maneiras:

- o ponto de "subida" (desincorporação) do Exu já será um ponto de Caboclo, chamando-o. Os Exus subirão todos primeiro para a vinda do Guia.
- O Exu desincorpora com seus pontos específicos, chamando-se, logo a seguir, os Caboclos.
- Um Caboclo (ao menos) ficará incorporado durante toda a sessão de Exu, "controlando-os" durante os trabalhos, coordenando também as desincorporações.

A permanência dos Caboclos não será longa, abstendo-se apenas à limpeza do ambiente após a sessão.
Mas mesmo o Exu de Lei é também indisciplinado?
Exu é Exu! Mesmo de Lei, continua sendo um Exu. Ainda traz consigo rebeldia, paixões, amores, raivas porque senão não seria mais um desses, e sim um Caboclo ou Preto-Velho! Entretanto, um Exu de Lei já saberá obedecer às orientações, sabendo respeitar, às vezes um pouco contrariado, as diretrizes (já que sua visão da espiritualidade é ainda limitada). Porém, sua inferioridade em relação a eles, é visível... faltará muito ainda para chegarem a esses níveis.
Obedecerá a contragosto, mas já saberá disciplinar-se.
E quando não há Caboclo e Preto-Velho por detrás de Exu, controlando-o?
Exu, por ser espírito ainda imperfeito, em evolução, só conhece a força. Quem seja mais forte que ele. Se não, não respeitará ninguém. Não vai muito longe o dia ao qual o dirigente (sem Caboclos e Pretos-Velhos) ordenará algo aos Exus... e eles ficarão olhando, debochando, morrendo de rir da petulância daquele "pobre coitado". Quem garantirá às costas do dirigente? O grito, a sineta, a vontade de ser obedecido? Não basta! Ele precisa ter um grande

(1) Sobre a troca de sangue por outros elementos, encontramos tabela e vasta orientação em "Umbanda: Crença, Saber e Prática" dessa autora, por essa editora.

Orixá protegendo-o, ótimas entidades de Umbanda ("firmes", bem incorporadas e com o aval superior por serem guias-chefes de um terreiro) para segurar esses espíritos quibandeiros! Agora, se o dirigente tem firmeza nessas entidades... faz o bem atraindo os bons e "poderosos" espíritos ao seu lado... qual o Exu que terá a audácia de desobedecer? Como vimos no relato em capítulo anterior do comando dado pelo espírito Kahena, Caboclos de Ronda (responsáveis pela guarda do terreiro) acorrerão ao primeiro chamado do dirigente para manter a ordem... e aí não terá Exu que resolva teimar!
Outro grande problema ocorre quando a casa faz Culto de Nação (incluindo-se aqui o Candomblé) e Quimbanda simultaneamente.

Está havendo uma generalização quanto à mistura de rituais. Muitos, devido uma formação incompleta referente a Exu, está "fazendo", “assentando” essa entidade à semelhança de um Orixá. Um Orixá é uma energia que envolve todo um reino (*reino* pode ser o mar, os céus, as florestas, as folhas, raios, fogo, etc). Para centralizar sua energia, utiliza-se a pedra, o *otá*, o *ocutá* como um legítimo acumulador, símbolo da própria terra.
Já o nosso Exu não é uma energia... nem centraliza em si um reino. É um *espírito que manipula certas energias.* E mesmo que necessite também de um acumulador (o *fundamento*) dentro de sua tronqueira, não regerá cabeças para necessitar uma pedra, cuja utilidade é unir a "cabeça" do filho-de-santo ao Orixá, como ocorre nos rituais dos Cultos de Nação e Candomblé!
Se todos sabemos que Exu de Umbanda não rege cabeças (nem Caboclo, Preto-Velho ou Criança)... para quê servirá a pedra?
Alguns fundamentos de tronqueira podem até exigir terra de alguns locais, os de ciganos exigir certas pedras semi-preciosas... porque serão *elementos afins* sintonizando com a freqüência ao qual eles trabalham. É uma coisa. Mas a pedra... como ligação à cabeça do médium nesse sentido... não tem a menor utilidade!
Há casas de Quimbanda sacrificando aves e cabritos à Exu, colocando nos alguidares suas *partes portadoras de axé (*exés, inhálas*)*, à semelhança do feito aos Orixás! Perguntamos: para quê, se é o sangue (a energia extraída dele no ato do sacrifício) a alimentação do Exu? Pior: quando "despejam" as carcaças nas encruzilhadas, já que muitas delas não são apropriadas ao consumo? Porque não perguntam às entidades se as carnes poderão ser consumidas após o sacrifício... ou, se não for possível, enterradas em algum lugar ermo? O povo leigo responderá, quando perguntado, ser nós, os *umbandistas* os praticantes desse ato, e não o irmão da Quimbanda que faz tais sacrifícios!
Isso não é justo, quando não o fazemos!
Procuremos, mesmo quando for uma simples oferenda de velas e flores, encontrar uma encruzilhada mais distante, com menor circulação de pessoas. Ou, se houver acesso, encruzilhadas de mato... aquelas abertas pela circulação de animais. Ou seja, termos mais cuidados com o manuseio das velas, evitando incêndios.
Já ouvi pombagiras reclamando não aceitarem bebidas despejadas à terra, nas oferendas, exigindo taças nas encruzilhadas. Algumas dizem: "não sou animal para beber no chão"! Perguntamos: quem é essa pombagira contrariando a formação mais básica de Exu, que é beber diretamente da terra (como ainda fazemos com os ditos Exus de Limpeza)? Deverá ser doutrinada a aceitar bebidas despejadas à terra em suas oferendas, sorvendo-lhes os vapores exalados. Esse é um fundamento remontando à África, aos cultos mais antigos em homenagem aos ancestrais ligando-os à terra. Exu é um ancestral, já que viveu como homem ou mulher junto a nós. Beberá em taças nas giras... incorporada ao médium... mas nas oferendas aceitará, sim, suas champanhas, cachaças, licores ou seja quais suas preferências, despejadas. E há outro inconveniente ainda muito pior para essa justificativa.
Diversos grupos de proteção aos menores de rua reclamam, com razão, que as bebidas de oferendas colocadas nas encruzilhadas são consumidas por

crianças, tornando-as alcoólatras precocemente. Ou moradores de rua, já adultos. De qualquer forma, nossa religião não pode (nem deve) colaborar com a piora das pessoas. Pedem-nos esses grupos que divulguemos, encarecidamente, a alteração dessa prática para colaborar com seu trabalho.
Outro problema é o uso de vidro, garrafas, cristais criando cacos perigosos ao transeunte. Alguidares e uma série de objetos que acabam criando lixo, em vez de manter o ambiente limpo.
Porque não se usar materiais mais adequados ao convívio nas grandes cidades?
Em vez de toalha de tecido, porque não papel de seda decorado como base que se dissolverá à primeira chuva?
Em vez de alguidar, porque não bandejas de papelão?
Para quê deixar-se as garrafas se é o líquido que será sorvido pelas entidades?
Não é mais racional, hoje em dia, certos cuidados?
Vamos a outro assunto.
Incomum, para não dizer estranho, são Exus de Lei manifestando-se com certos sotaques curiosos. Não o "portunhol", entabulado por alguns Exus Ciganos cuja origem foi a Espanha. Nem os Exus mais "africanos", que dão sua origem a esse continente. Referimo-nos a sotaques infantis sem ser Exus Mirins, trocando o "r" pelo "l", alguns muito semelhantes a Pretos-Velhos. Pior é quando têm atitudes estranhas à Linha de Exu...
Já vimos uma pombagira cigana agindo e falando como uma criança, correndo, pulando e pedindo (pasmem) *guaraná* para beber. Era uma dirigente, com formação para tanto, com entidades agindo desse modo! Para termos certeza, evitando qualquer precipitação, questionamos a entidade se era ou não uma entidade cigana, manifestando-se adulta. Respondeu-nos... que sim!
Mais uma vez, eis um dos problemas ocorrendo por fazer Nação e Umbanda juntas, misturando rituais, ou sem conhecimento por nunca terem freqüentado por anos um bom terreiro...
Essa ialorixá, tendo uma incorporação semi-consciente, estaria permitindo que sua parte médium interferisse bastante no comportamento da entidade Talvez até não estivesse mistificando no sentido pior do termo, como queiram alguns. Acostumada aos rituais de Nação/Candomblé talvez estivesse achando que deveria entrar em "estado de erê" (axêro, axerê, aqui no Sul) ou algo assim, antes da entidade fazer uma desincorporação completa, à semelhança do ocorrido no ritual com os Orixás!
Um Exu, notadamente "de Lei", não necessita apresentar sotaques estranhos ou infantis. Ele não foi um Preto-Velho cuja origem africana sempre forçou, ainda em vida, um linguajar mais aproximado à sua língua natal. Do mesmo modo, raríssimos são os Caboclos com tais características. Alguns não foram ciganos espanhóis, ainda procurando manter o sotaque. Muitos deles foram europeus, ingleses, alemães, franceses de origens variadas... mas nenhum deles vêm entabulando sotaques. Pior é ver-se um Zé Pelintra, Exu legitimamente brasileiro, enrolando a língua! O Exu é uma entidade adulta, manifestando-se desse modo, e mesmo o Exu Mirim beberá álcool e falará como tal, já que antes de tudo ele é... um Exu!

Tudo isso é uma questão de doutrina, de "fazer-se" a entidade já nos primeiros passos, dentro de um comportamento e orientação evitando tais comportamentos estranhos à própria Quimbanda, quiçá a Umbanda.
Terminando esse capítulo, vimos o caráter de nosso Exu... aquele que vem em nossos terreiros.
A essa altura o leitor deve estar pensando... mas ele é isso mesmo?
Tão indisciplinado? Tão rebelde? Tão imperfeito?
Infelizmente é, como todos nós somos. Basta olharmos à nossa volta. Todos nós não respeitamos a Vida. Se pudermos encontrar um meio de burlá-la, a grande maioria fará!
E burlando a Vida, não estaremos respeitando as Leis Naturais. Não respeitando as Leis Naturais, estaremos indo frontalmente contra Deus. E a ação e reação de nossos próprios atos será inevitável!
Todos ainda somos espíritos inferiores, eis porque estamos encarnados em provas e expiações nesse plano onde começa o Umbral. Exu não é muito diferente de nós. Apenas "mais transparente" porque é "mais sincero", enxerga melhor ao expor suas idéias, seus sentimentos.
Eis porque Exu é uma faca de dois gumes. Para trabalhar-se com ele, com sucesso, é necessário muito mais do que "boa vontade" ou “deixar para ver”. É preciso ter aval dos guias superiores. E isso, muitos gostariam, mas não o têm!
Então, quem quiser fazer Quimbanda, faça.
Quem quiser fazer Umbanda, faça.
Encontrará médiuns e assistência para qualquer um dos dois, porque há pessoas de todas as índoles possíveis...
Agora, estarão dispostos a pagar o preço das ações praticadas?
Cada um escolhe o seu caminho. E colhe o que plantou.
É a lei divina do livre-arbítrio...

CAPÍTULO VI

DO QUÊ EXU NÃO GOSTA? O QUÊ NÃO PODE FAZER?

Eis um dos termômetros que avalia uma "gira".
Por esses "termômetros" seremos capazes de ver se ali há verdadeiramente um Exu. Um espírito incorporado, mesmo que seja um quiumba. E de quando não tem nenhuma entidade ali e os médiuns estarão mistificando grosseiramente...
Em capítulo anterior vimos da necessidade de Exu sorver álcool em seus trabalhos. Que não é um simples "prazer", mas uma ferramenta indispensável para essas entidades. Exus, de ponta a ponta desse país, bebem. E Exus, de ponta a ponta desse país, volatizam pelos poros do médium esses teores...
Portanto, o uso moderado do álcool é uma condição ao bom funcionamento de uma gira desses guias. Esse ponto, cremos, deixamos bem claro ao leitor.
Começam aqui as arbitrariedades. As "invencionices", se me permitem usar o termo, não razoáveis.
Alguns dirigentes têm em sua corrente médiuns menores de idade que já incorporam Exus ou alguns outros estão tomando medicamentos, cuja

contra-indicação é o uso do álcool. Por sua saúde, os médicos recomendam a sua abstinência...
Aí, para não ficar "feio" à assistência, penduram um copo na mão desse Exu para que todos vejam...
Cheio de água, para fingir que é cachaça. Cheio de guaraná, para fingir que é champanha. Cheio de suco para fingir que é algum tipo de licor...
Aí, perguntamos: curioso... mas o quê o Exu volatizará pelos poros durante a gira?
O que fará com o guaraná? Com o suco? Com a água?
Para quê fingir, então, que o Exu está bebendo?
Qual o sentido **prático**? Se, na prática, ele não utilizará nada dessas bebidas, inúteis para eles?
Aí começam as explicações... uma pior do que a outra! Meu Exu bebe guaraná, porque é cruzado com Cosme e Damião. Meu Exu bebe água porque é "da praia" (talvez prefira salmoura!). E, se fôssemos mais criativos... oh, santo Deus! Quanta bobagem! Quanta bobagem!
É lamentável quando falamos da religião que amamos, tendo esse tipo de doutrina nessas casas. Haja coração!
Se o médium não pode beber... simples! Abra uma garrafa de bebida, de preferência a velha e tradicional cachaça dedicada a esse Povo, deixando-a aberta na tronqueira para que a entidade volatize dela, diretamente! Nesses casos excepcionais. Ou a despeje em um cruzeiro, com uma vela acesa. A entidade esclarecerá, a qualquer cambono, que seu médium não poderá beber naquela noite por esse ou aquele motivo. Tão simples. Tão fácil!
Muitos dirigentes também poderão pensar que, com nossa explicação, poderá abster todos os Exus de sua gira ao contato de bebidas alcoólicas, bastando colocar-se na tronqueira. O quê ensinamos, é um paliativo nesses casos específicos. Não a solução. Quando o Exu está bem "feito" (bem incorporado, dominando completamente seu médium) o uso do álcool, volatizado, em contato direto com a assistência e todo o ambiente, é de absoluta importância em sua higienização espiritual.
Lembramos aqui que, como Exu é um espírito bastante próximo a nós, aprenderá rápido tudo o que for ensinado a ele.
Uma delas, como já citamos, é acostumar o Êxú a bebidas de qualidade, com gelo, por exemplo, melhorando o paladar.
Como a bebida servida assim torna-se agradável ao consumo, é notório em muitas correntes, “médiuns” que desejam incorporar Exu para "beber coisas boas", fingindo, mistificando para não terem de "gastar no bar" da esquina.
Palavras duras? O dirigente deve estar atento a esses “médiuns” infiltrados.
Como vê-los? Como achá-los?
Observando-se com acuidade, nota-se Exus rebolando em suas mãos copos de excelente bebida com gelo, aos cochichos e risos com outros pelos cantos, conversando amenidades e fofocas triviais do dia a dia dos médiuns, não deles, como entidades. Não dançam naquele ritmo nervoso e frenético dos Exus... percorrem, com os olhos, a corrente e a assistência sem o menor sinal de incorporação em suas faces. Qualquer um poderá perceber que estão ali médiuns para beber, divertir-se e colocar "os assuntos em dia".
Mais adiante, pombagiras com a mesma taça de champanha por toda a noite, sem esvaziá-la, tem os olhos cerrados parecendo estar "bem

incorporada". De vez em quando, dá uma espiadinha por debaixo do chapéu, com fisionomia e olhar de curiosidade, apresentando sinais que não estará em transe.
Lá vem um Exu abraçando alguém (ou nós mesmos), enrolando a língua, trôpego, sem dizer nada extraordinário, nenhuma revelação verdadeira, naquela conversa típica de alguém alcoolizado. Médium bêbado, diga-se de passagem.
Exu chegando e perguntando: "como é que você está", em vez de sair dizendo como o consulente encontra-se de fato. Ou, quem sabe, responde em frases lacônicas como: "o que ser, será". Muito vago, não?
Exu verdadeiro é sincero, não faz rodeios.
Há as incorporações "magníficas", teatrais, apoteóticas, mais parecendo coreografias ensaiadas do que propriamente o fenômeno em si.
Desincorporações exageradas, quedas, suspiros, gritos apenas para mostrar aos "outros" estar mesmo incorporado (ou quem sabe, está tonto pela bebida), ou querendo demonstrar que é algo muito "forte" em si, incontrolável.
Exu usando uma linguajar vulgar, baixa, constrangedora a quem ouve.
Lá chega uma pombagira com um adereço para lá de estranho, em suas roupas. Normalmente, suas atitudes são burlescas, exageradas em relação a todos ali presentes. Nota-se sua tentativa de chamar a atenção para si.
Em outro canto, há um Exu ou pombagira ciumenta que não perde a atenção do comportamento do marido ou esposa "do cavalinho"... se vai falar com alguém. Dar uma saída suspeita ao lado de uma possível rival... um telefonema lá fora...
Em outro, percebemos um Exu dando um cartãozinho de apresentação do médium.
Perto da tronqueira, dois Exus dançam... em movimentos eróticos, insinuantes em demasia.
Aquele Exu que estava "meio tonto", agora vai desincorporar. Quando isso acontece praticamente desmaia, em coma alcoólico. Meia dúzia de cambonos precisam segurá-lo para não cair contra o solo, sendo levado no colo a uma sala anexa para recuperar-se.
Aqui um Exu largou a gira e, ainda "no mundo", pegou o microfone para cantar o resto da noite. Não um ponto aqui e acolá para chamar alguma falange. Mas toda a noite ou a maior parte dela. Ora... que maldade nossa! Mostrou seus "dotes musicais", quem sabe cantando músicas bregas, de cunho popular! Ou tocar tambor... pegar o agê... ou ainda prestar serviços na casa como... garçom... tirar o couro do animal sacrificado... limpar aquela mancha no chão... atender telefone celular... ir ao banheiro incorporado... essas coisas.
Ao nosso lado, o Exu, com a namorada do seu médium, saem abraçados, em conversas típicas entre dois românticos. Afinal, quem namora quem? O médium, à jovem... ou o Exu?
Outro irritou-se com um inseto. Com a bengala o persegue por todo o salão...
Esses são alguns dos horrores, de típicas mistificações grosseiras, que servem aqui como exemplos chocantes do que não pode acontecer, do que não pode ser feito em uma gira. Muitos dirão que estamos "ultrapassados"...

"a coisa evoluiu"... o "Exu está mais moderno". Parece piada, se não fosse trágico. Ou pior, cômico.
O leitor talvez riu, durante nossa exposição, dos "horrores". Conhecemos pessoas que procuram avidamente por esses lugares mal embasados para rir... porque gira para eles é sinônimo de comédia, diversão nos fins de semana. Já ouvimos tais coisas, por incrível que pareça a muitos. Para ver tais absurdos e depois sair comentando, às gargalhadas, que a casa de fulano é "maravilhosa"... um verdadeiro circo! Certa vez ouvimos de uma senhora o seguinte comentário: "a casa de vocês é muito, muito chata. Não tem nada para a gente rir!". Se a situação não fosse séria, seria motivo de elogio a nós. E agradecer aos Céus por isso!
Exemplicamos com o pior que poderia acontecer em uma gira, na esperança de fazer o leitor lembrar-se sempre do que expomos no futuro.
Também, de ponta a ponta desse país, ouvimos reclames dos próprios Exus. Que "não gostam" de luz forte. De luz de dia, de flashes de máquinas fotográficas, muito menos de lâmpadas potentes utilizadas em filmagens. Toleram, por alguns minutos. Mas "detestam". Quando é pedido que posem para fotos, vêm reclamando e tapam os rostos com seus chapéus, barras de saia para não ter de enfrentar diretamente o foco. Fecham os olhos. Outrossim, suas tronqueiras costumam ser fechadas quase hermeticamente contra a luz do dia. Por que?
Se todos falam em uníssono, há uma razão prática! Já falamos em trabalhos anteriores, mas iremos aqui nos repetir.
Há Exus, inclusive, pedindo para que as luzes do terreiro serem amainadas durante as sessões. Outros, só trabalham com a ausência de luz, no máximo sob a luz de velas.
Durante o dia, o Sol, em sua magnitude, produz a ionização de toda a atmosfera. O mesmo acontece com o gás preso dentro das lâmpadas. Através de uma carga elétrica, tanto a atmosfera quanto o gás ficam luminescentes, nessa reação em cadeia. O importante aqui é dizer, quanto mais ionizado for um ambiente (mais luminoso), mais **eletrificado** será.
Quando falamos em capítulo anterior sobre a pólvora, vimos ser tal fenômeno (a ionização, a eletrificação) capaz de provocar sérios ferimentos no perispírito, nos corpos astralinos, de entidades mais materializadas. Tanto quanto têm dificuldade em manusear as energias mais densas (em trabalhos diversos), sentem profundo mal-estar. Uns queixam-se de "dor". Em alguns casos, essas energias serão dissolvidas ao contato da luz, em outras palavras, "desmanchadas". Por isso recomenda-se que se enterrem certos "trabalhos", "colocando-os dentro das tronqueiras", pondo-os em abafadores.
Quando incorporam durante o dia, em casos excepcionais, pedem o fechamento das aberturas do terreiro (ou das casas) para poderem circular no ambiente, sem empecilhos.
Quando precisam fazer algum trabalho de dia, sob o Sol, por qualquer motivo (eis outra raridade!) vão e voltam correndo após alguns pouquíssimos minutos, esbaforidos. Reclamando muito.
Seu horário mais freqüente é após a meia-noite, quando a atmosfera já perdeu completamente sua ionização, sua eletrificação. É nesse horário que

"Exu fica mais forte". Traduzindo-se, pode manipular energias com amplo poder.
Em dias de tempestade, mesmo no interior dos terreiros, ficam desconfortáveis. Sair, sob a chuva (eletrificada pelas tempestades) ou tocar seus pés nessa água imantada, nem pensar. Ficam a uma distância segura, certos de que não serão atingidos.
Quando colocam lâmpadas de filmagem (mais intensas e mais prolongadas do que os flashes de fotografias) em um canto, os Exus acabam ficando no extremo oposto do salão, alguns reclamando veementemente. E jamais posam... e quando acontece, "suportam" tais incômodos... escondendo os olhos, tapando-se como podem, como já dissemos.
Razão porque diversas Federações em todo o país estão em campanha, ovacionados por nós, proibindo festas e giras de Exu em praias, sob o Sol do meio-dia! Ferem, com isso, a todos os princípios mais elementares de trabalho dessas entidades.
Temos de convir, lamentando, que haverá apenas médiuns bebendo, em festa nessas ocasiões. Ali não pode ter Exu, mesmo com a desculpa de que são "da praia". "Da Praia" significa que respondem nesse reino, mas obedecendo a todos os outros aspectos. E um deles, é o afastamento de luz intensa, luz forte. Há horários para essas entidades trabalharem nesses ambientes...
Falamos em água. E falaremos de sal. Dois elementos dos quais Exu "não gosta" porque "enfraquecem". Dois elementos considerados os mais dissolutivos na magia universal. Na Umbanda, idem. Assim como o Sol, a luz forte, esses elementos dissolvem a magia mais "terra", e, portanto, a energia presente nos trabalhos de Exu (1). A maior parte desse trabalhos costumam ser "desmanchados" ou "despachados" em água corrente ou colocando-se um punhado de sal sobre eles.
Resumidamente, poderemos afirmar que esses elementos e parâmetros todos os Exus, sem exceção, "detestam":

- luz de Sol, ou qualquer foco de luz forte.
- Tronqueira aberta durante o dia.
- Raios, trovões, chuva. Deixar-se suas imagens, fundamentos, elementos sob a intempérie.
- Sal.
- Água doce ou água do mar. Mesmo os Exus de praia (respondem em cruzeiros de praia, não dentro das águas!).
- Vestimentas, guias ou elementos quaisquer com cores e formas não condizentes com sua linha de trabalho.
- Beber outra coisa que não seja bebida alcoólica. Reclamam, indignados.
- Ponto de pólvora.
- Dar-se mel em fundamentos, naqueles que não o aceitem.
- Se forem Exus "de Cemitério", doces. Nenhum aceita quindins, legumes, verduras, alimentos típicos de Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Orixás.

- Comida muito temperada, uso de sal. Já, para distribuição à assistência em dias de festa, é liberado seu uso porque não será a entidade a "comer".
- Fogem, tem temor aos Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças. Temem sua força. Jamais falam mal deles, apenas reclamam de suas limitações, dadas por esses guias.
- Não apreciam crianças na assistência. Essas atraem espíritos de elevadíssima condição espiritual para si e seus fluidos são tão sublimes que "atrapalham" sua vibração mais pesada. Mas se lá estiverem, não lhes darão "passe".
- Exu não embala crianças nos braços, pelo motivo acima apresentado.
- Saudação ou pontos cantados de Orixá para eles.
- Chamá-los de "pais", "mães", "amigos". Preferem serem chamados de "compadre", "senhor" ou "senhora", "irmão".
- Jamais é conivente com vícios, prostituição, traições conjugais, roubo, uso de violência contra outro ser humano. Têm um grau de tolerância maior que os Caboclos e Pretos-Velhos a tais práticas por compreenderem e terem piedade de nós, mas até certo ponto.

Outra coisa muito importante a citar é que Exu de Umbanda jamais rege cabeças. Ninguém pode ser "filho" ou "filha" desse ou daquele Exu. Inexplicável são "reforços" com bebidas e outros materiais nas cabeças dos médiuns, diretamente no chacra coronário, feitos em público, alguns em encruzilhadas e outros locais. Cabeça de médium em qualquer culto afro-brasileiro apenas pertence a uma única força: a de seu Orixá. Ninguém mais!

(1) Ler-se capítulos 3 e 5 de "Umbanda: Crença, Saber e Prática", dessa autora e por essa editora. Nela encontraremos explanação sobre tais elementos.

CAPÍTULO VI

O POVO CIGANO

O Povo Cigano é uma categoria a ser estudada, à parte, nesse trabalho.
Vamos recordar.
Em concordância com todos os melhores autores, o Povo Cigano é originário da Índia, por similaridades existentes entre o sânscrito indiano e o *romani,* a língua falada por esse povo, feitas por estudiosos. Expulsos pelas invasões árabes ou dispostos a viver em outras condições melhores do que viviam na Índia como párias (casta que não tem qualquer direito social) ou segundo outros kshatriyas (casta de guerreiros, ferradores, adivinhos, artistas de rua), onde chegavam preferiam proteger-se vivendo isoladamente dos *gadjés* (não-ciganos) sempre sendo vistos com medo, desconfiança e desprezo. Curiosamente, não chamam-se a si mesmo ciganos: payo, Espanha) calé (negros) (Espanha e Sul da França), flattie (Escócia), buffer (Irlanda),

romanichal (EUA, Canadá e Austrália), sinti (Alemanha)... recentemente auto-intitulam-se "rom" ou "roma".
O nome cigano vem da língua romani, da ave cambaxirra ou corruíra (*chorihani*, a "feiticeira"), pássaro pequeno, tímido, de cor trigueira. Outros dizem que vem do grego, *atsínganoi,* dando origem não apenas ao termo cigano como o termo zíngaro, significando o mesmo.
Saindo da Índia, passaram pelo Afeganistão, Pérsia, Síria e Egito, sempre ensinando e absorvendo a cultura desses povos, em especial sua magia. Por volta de 1068, há os primeiros relatos de Ciganos na Grécia que os consideravam egípcios. Lá diziam-se ser "povo samaritano, descendentes de Simão, o Mago", saltimbancos, adivinhos, necromantes, acrobatas, amestradores de ursos, encantadores de serpentes. E também hábeis ladrões. Em meados de 1300, os ciganos espalharam-se pelos Bálcãs, onde coletaram nomes "cristãos" eslavos, e que surgem em nossos terreiros, mostrando claramente essa influência como Vladimir, Ladislau, Hiago, Pedrovick ou Petrovick, dentre tantos. Em muitos lugares, nessas regiões, os ciganos foram escravizados pela importância econômica que adquiriram nesses lugares, inclusive pela Igreja que além de submetê-los à servidão, os perseguiu em várias ocasiões. Todos fazendo-os trabalhar como criados, servos, barbeiros, padeiros, lavadeiras, bordadeiras, pescadores, pedreiros.
Em cada lugar citavam uma origem, uma ascendência extraordinária, coletando a magia européia em todas as regiões por onde viveram...
Chegou-se a um ponto que nem eles mais sabiam suas mais remotas origens, lembrando-se da história de seus antepassados, tendo saído do "Egito", da "Hungria", "da Pérsia", em suas migrações.
No Brasil, os ciganos trabalharam como feitores de escravos, acumulando forte carga negativa em seus carmas coletivos.
Angus Fraser, em seu livro, no capítulo 7, menciona que entre 1775/1776, um acadêmico húngaro analisa o modo de vida cigano, descrevendo-o assim:

"Dentro da região que conhecia, os ciganos itinerantes viviam em tendas mas passavam o Inverno em cavernas escavadas nas encostas: as cabanas dos ciganos sedentarizados eram um pouco mais convencionalmente equipadas, mas apenas para umas quantas necessidades básicas: não tinham cadeiras, nem camas, nem luz artificial, quase nenhum utensílio de cozinha, para além de um pote de barro e uma frigideira de ferro. Comiam sobretudo carne (até putrefacta) ou farináceos simples, massas. Mendigavam o pão; e eram entusiastas do álcool e do tabaco. Tinham apenas uma muda de roupa. As mulheres não fiavam nem cosiam, obtiam as roupas mendigando ou roubando e gostavam muito de se enfeitar com jóias. Os ferreiros ciganos realizavam o seu trabalho sentados no chão de pernas cruzadas, sendo as mulheres que manipulavam os foles; eram rápidos e destros, mas incertos, sempre a correr os membros da família para venderem os seus pequenos objetos. Os negociantes de cavalos ciganos eram hábeis cavaleiros e sabiam muito bem impingir um rocim doente por saudável. Os músicos gostavam de ir ao encontro dos gostos do seu público. Em algumas regiões, desempenhavam suas atividades, como esfolar carcaças ou fabricar peneiras e objetos de madeira; os garimpeiros da Transilvânia e do Banato (que peneiravam areias auríferas no Verão e faziam bandejas e gamelas de madeira no Inverno)

constituíam quase uma casta à parte, trabalhadora e independente. O autor não tinha em grande conta a moral e cultura ciganas: dão poucas mostras de sentimentos de honra e vergonha, embora extravasassem de orgulho; adotavam a religião do sítio onde estivessem, sem fé; e aparentemente, não tinha presenciado quaisquer cerimônias ou costumes especiais. Formou a opinião de que o seu modo de vida tradicional e a ausência de formalismo regular eram contrários às regras de qualquer sociedade organizada. O mal estava na criação dos filhos: os pais amavam extraordinariamente os seus filhos, mas não os educavam e por isso, depois de crescidos, não tinham hipóteses de mudar de hábitos. (Prossegue)"

O mesmo autor, à página 234, comenta que as mulheres ciganas eram consideradas *marimé* (impuras) da cintura para baixo. Tudo que toca essas regiões do corpo, são *marimé*. Suas saias são longas para cobrir-se, jamais cortam os cabelos. Quando casadas, amarram-nos com um lenço, o *diklo*. Para termos uma idéia, toalhas, bacias, sabões são separados para a higiene. Alusões a sexo e gravidez, impuras. Nos períodos de parto, menstruação, gravidez e puberdade não poderia nem cozinhar, nem servir os homens, eis porque não sentam à mesa com eles. À mulher, em tudo, ocupa um lugar secundário ao homem, sendo-lhe proibido o estudo.
Como uma arma em sua defesa, uma cigana, devido ser impura da cintura para baixo e se queria macular um homem, bastava que ela tocasse-lhe em público com a barra de sua saia ou uma peça de roupa da parte inferior de seu corpo.
Adotando a religião do lugar, os ciganos eram maniqueístas crendo em um deus supremo, do bem, chamado *Dou-la* ou *Bel* e um deus do mal, *Deng*. Acreditavam em céu e inferno, um julgamento para as almas. Os ciganos têm horror aos espíritos de mortos, em especial o *mulo*, errante, sem esclarecimento ou o *bhut,* esses cheios de sentimentos perversos, trabalhando para o malefício em paga de bebida ou carne de porco (esses últimos, também conhecidos na Índia). Os *duho* (respiro) são os espíritos dos recém-falecidos que ficam por alguns dias ainda transitando entre os vivos. Para auxiliar na libertação dos espíritos, ainda apegados à essa vida, os ciganos tinham o costume de queimar todos os seus pertences, inclusive suas carroças. Depois, oferecido um lauto banquete onde todos tentavam relembrar apenas bons fatos ocorridos com o falecido, para não lhe despertar a ira. Em seu caixão, iriam todos os seus pertences favoritos e, em sua sepultura, jamais esquecem de flores, velas e bebidas.
No terceiro dia, fazem a primeira Pomana que é uma festa, com os pratos prediletos do morto, tendo um lugar reservado à mesa para ele. Ninguém bebe demais, nem se deixa consumir pela tristeza. Fazem outras Pomana depois de alguns dias (sétimo, nono ou quadragésimo dias da morte), seis meses e no primeiro ano de falecimento. Todos vestem preto (em luto), é proibida a bebida alcoólica, os homens não cortam a barba e visitam regularmente a sepultura.
Ao contrário do que muitos pensam, a música cigana não é o flamenco espanhol. Em todos os lugares por onde perambularam, utilizaram-se de instrumentos locais mais assemelhados aos da Índia, sua terra-mãe, mantendo a sonoridade oriental em suas melodias. Como o flamenco tem

forte influência árabe, acabou sendo adotado por esse povo nas regiões que viveram.
A origem do tarô cigano vem de longa data. Ninguém sabe precisar se veio do Egito, mas certo é que em breve os ciganos adotaram as cartas como um dos meios mais eficazes de adivinhação. Pintadas à mão, mas com muito mais lâminas e significados que o atual, eram uma das heranças que as mães reservavam às filhas. Hoje um modelo simplificado é vendido em tabacarias, difundido no século 18 por uma não-cigana chamada Madame Le Normand.
Vamos citar alguns trabalhos e regras ciganas, extraídas da obra de Leland, um dos maiores especialistas no estudo do Povo Cigano, e que vale rever:

- Os ciganos crêem que todas as doenças nascem da influência de um espírito mau e que ele só abandonará a vítima pela magia.
- Usam muitos trabalhos de "trocas", do tipo o malefício sai daqui e é imantado em outro local (uma árvore, na água corrente, em um tecido, etc).
- Fazem trabalhos em encruzilhadas.
- Conhecem o sal como um meio de dissolver malefícios e afastar espíritos mais densos. Nos trabalhos positivos, além de protegê-los o sal desempenha o papel de conservante, preservando-o por muito tempo.
- Não usam o preto em roupas. Cor de luto.
- Após despachar-se algo, nunca se volta para trás porque senão o malefício retorna.
- Há sempre meios mais econômicos de se fazer magia.
- Utilizam-se muito de fios de cabelos em trabalhos, pedaços de roupas, sapatos, dentes, unhas, objetos.
- Uso de flores, perfumes em magia.
- Os encantamentos ciganos são feitos à base de palavras e sons repetidos (rimas, versinhos).
- Acreditavam que a mediunidade era parcialmente herdada.
- Uso da lua e suas fases em muitas coisas.
- Os ciganos conhecem a adivinhação por cebolas, à semelhança do Candomblé.
- Uso de pêlos de animais em feitiçaria, em especial animais negros, com igual poder quanto um sacrifício.
- Conhecem os elementares.
- Muitos feitiços à base de ovos e suas cascas.
- Os ciganos utilizam-se de tambores, preparados, em magia.
- Uso de nós como "amarração".
- As cores preto, vermelho e branco (veja-se Candomblé) são as cores das fadas, dos entes sobrenaturais.
- A lesma, porque tem antenas (chifres para eles) é considerado "gado".
- O branco é a cor da paz e reconciliação. O amarelo, o ouro, o dinheiro. O vermelho, cor do amor e da sorte.
- Uso de agulhas, como na magia vodu.
- A cruz cigana é o *trushul,* à semelhança de um tridente (lembra o tridente de Shiva, deus indiano).

- A carne de porco é a favorita dos ciganos.
- A faca é um de seus elementos mais recobertos de magia e significados.

Muitos dos conceitos de simpatias e magia dentro de nossas casas vêm da Europa, conhecida e divulgada por ciganos que as adotaram. Em nosso país, diferentemente de outros continentes, onde lhes atribuem a fama de perigosos feiticeiros e rogadores de pragas cruéis, o cigano revestiu-se de seus melhores atributos.
Poderemos afirmar que o Povo Cigano "enxertou-se" ao Povo de Exu para trabalhar, porque essa falange era aquela ao qual mantinham mais afinidade. Notamos também, pelos relatos, a maioria dos ciganos vêm ao nosso trabalho como entidades, guardando ainda dores significativas de suas vidas passadas. Uns relatam terem sido assassinados por amantes, ao qual confiavam plenamente. Outros, foram expulsos de tribos vivendo, a partir daí, em más condições. Algumas de nossas ciganas contam ter trabalhado em cabarés, para sobreviver. Foram perseguidos por religiosos. Morreram em prisões, por roubos. Foram humilhados em vida. E alguns, ainda guardando tais mágoas por tantas maldades sofridas, fatalmente teriam de pertencer à gira dos Exus, Linha ao qual buscam conhecimento para sua depuração, para seu resgate.
O Povo Cigano em nossas giras extraem suspiros pela sua beleza, graça, poder extraordinário em filtros amorosos.
O cigano é o arquétipo do homem livre, misterioso, belo e viril, repleto de romantismo, capaz de arrebatar os corações de belas gadjos levando-as a viver em suas tendas. Predominantemente tocadores de violinos em melodias tristes ou vibrantes, trabalham em demandas amorosas, emprego e toda a sorte de feitiços relacionados a amor ou dinheiro.
Já as ciganas merecem um comentário mais longo.
Com o tempo e o convívio com essas entidades, notamos haver dois tipos de ciganas (ou ciganos) vindos em nossas giras:

- o Povo Cigano do Oriente.
- A Pombagira Cigana e o Exu Cigano.

O Povo Cigano do Oriente, mesmo vindo na gira de Exu, sempre deixa bem claro que ele "não é Exu", mas vem nessa Linha para poder trabalhar.
São suaves na fala, de comportamento dócil e extrema meiguice. São as únicas entidades (nas giras de Exu) que trabalham com crianças, permitindo-lhes a aproximação e os passes. Alguns até aceitam ser padrinhos espirituais dos pequenos. Sua dança não tem o ritmo pesado dos Exus, sendo leve, marcando uma coreografia mais típica dos ciganos através do sapatear, o bater de palmas sobre a cabeça, o estalar de dedos como castanholas.
Tanto os Ciganos quanto as Ciganas do Oriente não dão gargalhadas ao chegar, típico comportamento de pombagiras, e as cores de seus vestuários geralmente são coloridas, afastando-se do vermelho puro.
Como materiais utilizam-se de coisas aparentemente simples como frutos (predominantemente a maçã), fitas de várias cores, perfumes, varetas de

incenso, moedas, ervas, temperos (canela, cravos da índia, açúcar cristal, erva-doce, hortelã, gergelim), pães, moedas, cristais e pedras semi-preciosas, tecidos finos, jóias imantadas, muito mel e suas oferendas costumam ser mais parecidas com os pratos ciganos do que propriamente aqueles servidos a qualquer Exu.
O Povo Cigano do Oriente aprecia carne de porco como chuletas (carré) fritas, carne de frango ou, se possível, de peru com sal, temperos, às vezes com um pouco de mel em vasilhas simples, de barro ou cestos de vime. Arroz doce, coquetéis à base de frutas (inclusive com leite condensado), licores de frutas, amam o vinho tinto, frutas variadas (apreciam muito as maçãs e os morangos), favas de pichulin (patchouli) ralados ou não, tchalos (chás da índia com açúcar ou mel com frutas picadas), ponches, frutas secas e cristalizadas ou em calda, velas das mais diferentes cores, sempre obedecendo à receita individual de cada entidade *não havendo jamais similar, mesmo que a entidade use o mesmo nome*. Nas giras, algumas gostam de ler a mão, abrir o tarô.
Enfim, portam-se como verdadeiros ciganos.
Esse Povo jamais aceita o sacrifício animal, sob nenhuma hipótese, e apresentam um diálogo mais rico, mais repleto de sabedoria do que os demais.
Já a Pombagira Cigana, aquela que se diz Exu fazendo parte dessas trincheiras, mostra uma atitude muito diversa daquela relatada acima.
Quando chegam dão gargalhadas à semelhança de todas as pombagiras ou um grito estridente, de uma única nota aumentando a sonoridade ao final, cumprimentando congás e tronqueiras exibindo o tridente (o gesto indiano de *trishula*) com os dedos.
Seu dançar é pesado como os demais Exus, não guardando em nenhum momento os movimentos de dança cigana, salvo tremular a mão como se segurasse um pandeiro. Como a Cigana do Oriente, giram muito. Seus rostos apresentam uma certa alegria nervosa quando chegam no terreiro, mas logo fecham-se em um rosto muito severo.
Sua fala é similar àquela dos Exus. Seca, irônica, às vezes rude. Não procura ser simpática, sendo às vezes até dasaforada, mas sempre, em sua malícia, despertam afinidades junto ao público feminino que as procuram para tratar de assuntos como falta de emprego, dinheiro, amor. Essas pombagiras ciganas também trabalham em demandas pesadas e às vezes "cruzam-se" (afinizam-se) com o Povo do Cemitério. Algumas delas dizem-se "do forno", "do cemitério", "da calunga", mantendo como par vibratório um Exu notadamente dessas regiões.
Essas pombagiras, contrariamente ao Povo Cigano, poderão vestir-se de vermelho dos pés à cabeça, mas jamais usarão o preto guardando uma antipatia por essa cor por julgá-la "de má sorte", “de luto”.
Suas oferendas costumam ser aquelas típicas de Exu, misturadas com o Povo Cigano. Assim, entre farofas e pipocas, poderemos encontrar maçãs e frutos, aceitando mel e o azeite-de-dendê, simultaneamente. Fumam cigarros, cigarrilhas e algumas ciganas fumam charutos, à semelhança de algumas mulheres desse povo, geralmente as mais velhas.

Como todo o Povo Cigano, adoram receber bijuterias como presentes por graças alcançadas, lenços, adornos simples, quando mantida a doutrina de pedir pouco, fazendo muito.
A Pombagira Cigana aceitará velas vermelhas (jamais vermelho e preto) e, algumas, velas cor de rosa (cor do Povo do Oriente), bem como materiais de trabalho nessa cor. Nota-se também que o uso, o manuseio desses elementos demonstram fazer um trabalho "mais pesado". Mais parecido ao qual um Exu comum faria.
Em suma, a pombagira ou o exu cigano é uma entidade liminar entre o Povo de Exu e o Povo Cigano. Ela não é de todo um, nem de todo, outro. Eis porque seu tratamento e doutrina será mais severa do que a Cigana do Oriente, mais dócil e mais evangelizada.
Tanto uma, quanto outra sempre terão um nome próprio. Assim, como exemplo, a pombagira cigana dirá chamar-se "Pombagira Cigana Fulana da Estrada", utilizando-se qualquer nome próprio válido dentro da grande relação existente para essas entidades. O mesmo fará as Ciganas do Oriente, que poderão chamar-se "Cigana Fulana do Oriente", "Cigana Fulana da Estrada", "Cigana Fulana do Pandeiro" ou "Cigana Fulana Cartomante" em atributos típicos desse Povo, salientando bem que não é uma pombagira comum para responder em lugares como encruzilhada, cruzeiros, calunga, forno, cemitério.
Como vemos, há grandes diferenças entre essas duas classificações, cujas diferenças as entidades apreciam muito bem mostrar para que não sejam confundidas com uma nem com outra.
Os nomes próprios possíveis para essas entidades (tanto para as ciganas ou pombagiras ciganas), sem nenhuma referência à funções espirituais que desempenhem, são (1):

- Esmeralda
- Cigano Vladimir
- Cigano Hiago
- Zíngara
- Cigano Tarin
- Cigano Miro
- Zaira
- Zoraida
- Saionara
- Madalena
- Natasha
- Conchita
- Paloma
- Palomita
- Miroan
- Saian
- Samir
- Lemiza
- Liza
- Leoni
- Yasmin

- Íris
- Katiana
- Katrina
- Zínara
- Sara, Sarita
- Cigano Taran
- Cigano Artêmio
- Cigano Petrovick
- Ilarin
- Samara
- Melani
- Cigano Juan
- Sunakana
- Wlavira
- Sulamita
- Cigano Pablo
- Cigano Bóris
- Cigano Allonso
- Rosita
- Sarita
- Cigano Ramires
- Najara
- Cigano Ramon
- Cigano Nícolas
- Cigano Hugo
- Cigano Tiago
- Cigano Wenceslau
- Wanasha
- Zilá
- Carmelita
- Sulamita
- Wlaís
- Pojiana
- Taís
- Fátima
- Louerdes
- Raí (nome feminino)
- Amanda
- Celina
- Salomé
- Ísis
- Cigano Anastácio
- Cigano Valdomiro
- Cigano Nícolas
- Cigano Estanislau
- Cigano Atanásio
- Natália
- Cigano Zurka
- Yordana

- Carmen, Carmencita, Carmita
- Cigano Bela
- Cigano Antonin
- Laurita
- Sâmara
- Cigano Tíbor
- Karina
- Cristal
- Perla
- Amarilis
- Alessandra
- Cigano Hector
- Ivana
- Cigano Pietro
- Isabelita
- Clarita
- Cigano Diego
- Cigano Igor
- Ilka
- Cigano Ivan
- Cigano Jamil
- Juanita
- Cigano Ladislau
- Ludmila
- Nádia
- Pepita
- Pavlova
- Cigano Raul
- Sasha
- Soledad
- Sulamita
- Waleska
- Cigano Yuri
- Soraia ou Zoraia
- Zuleika

Cabe, como curiosidade, que os nomes das entidades ciganas mostram origens eslavas, russas, árabes, egípcias, indianas e espanholas, das terras por onde, predominantemente, migraram.

(1) Os nomes femininos não trazem o termo "cigano", em primeiro lugar.

CAPÍTULO VII

COMO “CRIAR-SE” UM EXU

Talvez seja o capítulo mais importante nesse livro, já que também nele trataremos de como "fazer-se" um Exu**,** com perfeição, dentro das Leis de

Umbanda. Aqui faremos uma síntese do que foi dito até agora, enfeixando esse trabalho.
E como ser possível trabalhar-se com eles, sem transformar nossas casas em um templo de Quimbanda.
Parece complicado, mas não é.
À semelhança do mito do Orixá Exu, visto no capítulo I (como filho de Ôrunmìlá), as entidades trabalhadoras nessa energia são igualmente insaciáveis. Lendo esse mito, havendo centenas de interpretações possíveis, pensamos se o africano, já nesses tempos, não enfrentou espíritos de ancestrais ligados a essa energia que chamamos Exu, totalmente descontrolados? E melindrosos de lidar, quando relaxamos em seu trato.
Sim, todos nós sabemos. Gente de Umbanda, Quimbanda, Nação ou Candomblé: trabalhar-se com Exu não é exatamente "perigoso". Porém, repleto de exigências e melindres.
O Exu de Umbanda é um espírito, por sua essência, quibandeiro. Uma entidade que, quando "nasce", está disposta a trabalhar para o bem ou para o mal, bastando orientar-lhes. Diferentemente de um Caboclo ou Preto-Velho vindo já doutrinado, Exu é uma criança na espiritualidade. É alguém para ser levado pelas mãos de um dirigente, daí sua enorme responsabilidade no Astral, quando se descuida disso. Os nossos Guias entregam-nos tais espíritos para ensiná-los a progredir em sabedoria, em piedade, em amor. O mesmo Exu de Umbanda, aquele dito "de lei", que hoje trabalha para o bem, poderia ser o mesmo aquele da Quimbanda que hoje trabalha para o mal, quando invocado para isso.
Já falamos do cuidado com as bebidas e o uso da singela cachaça.
Assim é com marca de charutos, cigarros ou cigarrilhas para as Pombagiras.
A mesma regra e o mesmo conselho.
Primeira regra: ensiná-lo a trabalhar desde o início por "pouco", fazendo muito. Oferendas simples, mas cheias de bom axé. Como muitos temem, ele não "se venderá" por oferta maior, se houver um Caboclo ou Preto-Velho por detrás.
Nas suas giras, ao romper o primeiro canto de saudação a Exu, as cortinas do congá serão fechadas, não apenas isolando-o do resto do ambiente, mas mostrando à assistência que a partir daquele momento outro tipo de entidade passará a ocupar as dependências do terreiro...
Eis um ponto intermediário entre Umbanda e Quimbanda puras. E mesmo assim, ali continua sendo uma legítima casa de Umbanda, respeitando suas premissas.
Será isso possível? Romper-se as algemas de uma e outra sem praticar a magia negra (negativa)?
Sim. E iremos chamar essa modalidade de fazer-se Umbanda *com Exu*, como já fazem muitas casas. E não, vice-versa!
Simplesmente porque acreditamos que Exu não nasceu para fazer o mal. Nem a própria Quimbanda. O resto, é conseqüência da falha do coração humano invocando-os para esses fins.
Há obras que não tratam de Exu como nós, com a dureza, a firmeza necessárias. Falam deles como românticos, à luz do luar... em torno de fogueiras... em cantos lamuriosos. Todas essas colocações fogem da realidade. Exu não é um anjo, nem um demônio. É um espírito como nós,

estando aqui para evoluir. E tanto eles, quanto nós mesmos, precisamos de provas, expiações, dor, amor, conselhos, disciplina que só os espíritos superiores são capazes de nos ministrar, na intenção de fazer-nos crescer como almas.
Eis porque consideramos a entrega de um Exu a um dirigente, para ser doutrinado, a maior prova de confiança que a Espiritualidade nos concede. E nossa maior queda, se formos invigilantes.
Trabalhar-se com Exu, sem Caboclo e Preto-Velho bem seguros, com excelente incorporação, é um perigo. Sem eles, quem se habilita a "segurar" um Exu quando ele torna-se rebelde? É tolice colocarmos um prazo para a doutrinação dessas entidades, crendo, após o término, eles já estarem "prontos", capazes de "mandarem-se sozinhos". A prática ensina que nunca, jamais um Exu fica totalmente "pronto". Com os anos, o máximo conseguido é um comportamento correto nas incorporações, disciplina, fidelidade. Somente isso. Exu sempre será Exu. Já vimos Exu de Lei com anos e anos de doutrina, sob o comando de espíritos de luz, querendo desobedecer... fazer "brincadeiras"... vingar alguém (como eles dizem, "botar a mão") para fazer "justiça" vindo, posteriormente cabisbaixos, murmurado que o "Caboclo ou o Preto-Velho Fulano não deixou".
Esse "controle", de cima para baixo obedecendo à hierarquia dos Planos Maiores, fez com que outras correntes dos cultos afro-brasileiros tratassem a Umbanda como "mais fraca", "mais lenta", no que concerne aos desejos da assistência não satisfeitos em nossas sessões. Em nosso ponto de vista, muito pelo contrário. Em primeiro lugar, como gostamos de dizer, guia de Umbanda não é gênio de lâmpada de Aladim vindo ao mundo unicamente para satisfazer aos caprichos de solicitantes. Os Espíritos de Luz têm uma outra visão do mundo e de nós mesmos.
Por exemplo, eis alguém chegando em nossos terreiros desesperado, porque o vizinho está tornando seus fins-de-semana insuportáveis.
Na Umbanda, o Exu ouvirá o pedido, solicitando permissão aos Caboclos, que mantêm rígido controle sobre ele. Os Caboclos ordenarão o seguinte: não faça nada, porque dentro de quinze dias alguém, com recursos financeiros, baterá na porta do vizinho. Passa o tempo e a pessoa chega, oferecendo razoável quantia em dinheiro com a proposta de comprar o imóvel. Mais um mês, o vizinho irá mudar-se da casa, indo talvez para outro lugar muito melhor. Mais demorado, porém mais permanente a solução. Qual o preço? Vizinho, solicitante e o dirigente irão colher frutos de sua boa ação. Não serão criados inimigos e quem sabe, ao sair do imóvel, o vizinho aperte a mão de seu desafeto pedindo desculpas por todo o ocorrido, anteriormente.
Essa é a diferença.
É demorada? Talvez? Mas as soluções, os empregos, os amores virão para ficar já que foram *construídos*, pacientemente, passo a passo. O preço? Apenas coisas boas, já que foi praticado apenas o bem.
Cada um escolhe seu caminho.
Pense bem: quantas casas de Umbanda caíram, que você conhece? De Umbanda bem feita, sem fazer o mal, com Caboclos e Pretos-Velhos... quantas? Todas elas remontam de várias décadas e mantêm-se de pai para filho firmes, duradouras. Sólidas.

Voltemos aos Exus.
Pouquíssimos são os Exus (para não dizer nenhum!), quando vêm nas primeiras vezes, deixam de ser pedichões, fascinando o médium para que passe a pedir ou comprar objetos para eles. São jóias, bebidas, roupas em um deslumbre tal, lembrando um pouco a atitude de uma criança frente à oportunidade de ser satisfeita. Cabe ao dirigente orientar o médium para controlar-se, no ímpeto de pedir ou adquirir, e à entidade para ter mais comedimento. O Exu precisa aprender desde o início que deve ser humilde, aceitando, quando possível, até fazer a caridade a quem solicita.
Isso logo no início, porque se não for feito, depois será quase impossível submetê-lo. Torna-se tão insaciável quanto o Orixá em seu mito. Não conhecerá mais limites para pedir. Irá querer um guarda roupa novo. Bebidas sofisticadas, a preços exorbitantes. Casa nova (tronqueira), recoberta a ouro e pedras preciosas. Pedirá (para o dirigente) automóveis, residências. Enfim, irá zombar da boa-fé de quem o procura tornando-se, à semelhança de uma criança extremamente mimada, capaz de pedir os maiores absurdos apenas para ver o quanto as pessoas estarão dispostas a cumprir os seus desejos.
Exu também costuma emburrar-se, quando sem doutrina. Quer porque quer. Exige, ameaça, promete não fazer mais nada por ninguém se não ficar satisfeito. Aí começa o problema ao dirigente. Frente à inviabilidade, tenta convencê-lo do contrário, que não será possível satisfazê-lo nesse capricho. Quando o Exu não tem controle algum, nem se submete a alguém superior, passa a abandonar suas tarefas, criando dificuldades, provocando confusões.
A vida pessoal do médium vira um caos, onde tudo parece ruir a sua volta. E, muitas vezes já sem dinheiro, será impossível dar-lhe mais nada. E talvez, agora por capricho, queira o dobro, o triplo. Tarde demais.
Acima, portanto, apresentamos o que de pior pode acontecer a um Exu “mimado”, sem orientação.
Nessa hora precisaria tanto da presença de um Caboclo e Preto-Velho para impor-lhes os devidos limites!
O dirigente também precisa ser respeitado por suas virtudes. Ter caráter, disciplina própria, procurar uma vida pessoal reta, fazer abstenções, controlar a linguagem. Ser exemplo, dentro do possível, sem almejar a santidade. Afinal, é um sacerdote. Todos esperamos isso de alguém que escolheu a religião como prioridade na vida. Se nós, como pessoas comuns, esperamos isso... muito mais o Exu!
E ele cobrará de nós, como nos disse certa vez o Exu Capa-Preta: após a sessão, nos aproximamos para um passe, uma consulta. Agradecemos o que fizera por nós, chamamos de "amigo". Olhou-nos de soslaio, apertando os olhos, respondendo entre os dentes que jamais o considerássemos um amigo dessa forma, já que se um dia o Caboclo da casa (chefe espiritual) quisesse aplicar algum corretivo em nós, por alguma imprevidência, ele iria aplicá-lo sem nenhuma piedade. Frente à nossa decepção, susto e surpresa, corrigiu-se, como a amenizar: por enquanto isso não aconteceria, porque éramos "bonzinhos".
Exu é o melhor amigo... mantendo a devida distância, em respeito.

Vamos contar mais duas histórias, ilustrando nossas assertivas até agora. Uma delas, já citadas em trabalho anterior.
Nossa primeira experiência em Quimbanda, absolutamente ingênuos do trato com Exu, foi em uma casa dirigida pelo Caboclo Ogum Megê, tendo à frente nessa Linha, o Senhor Sete Encruzilhadas. Nossa irmã, sem conhecimento, mimava-o, permitindo que pedisse e cobrasse o que quisesse. Tornou-se insuportável, arrogante, debochando do Caboclo que sempre vinha tentando pôr-lhe na ordem. Como ninguém escutava-o, essa entidade luzeira passou a não mais vir, quase expulsa pelos médiuns e assistência que o consideravam ranzinza e mal-humorado. Dois anos depois, já distantes dessa casa, soubemos que tudo encaminhou-se para pior.
A outra, vale como curiosidade.
Certo babalorixá tinha um sonho. Ingressar no Candomblé mais tradicional, o de Kétu, onde a orientação é não permitir a vinda de Caboclos, Pretos-Velhos e Exus. Sem saber o que fazer com sua entidade dessa Linha e mistificando, ela "veio" e disse que agora "tinha luz" o suficiente. Iria tornar-se um Caboclo e subir para Aruanda para não mais voltar". Despachado desse modo, sem a licença prévia dos Guias maiores, o Exu rebelou-se de tal modo, obrigando-o a "chamá-lo de volta para assumir a velha posição". Talvez não tenha apreciado trocar sua capa por algum penacho na cabeça, em Humaitá...
Seriam histórias engraçadas, se aqui não estivesse a vida do dirigente, dos médiuns e sua assistência sofrendo as conseqüências de tais atos...
Em todas as religiões encontramos bons e maus sacerdotes. Bons e maus templos. Incoerência, falta de fé. Responsabilizar a todos pelos erros alheios, aí estaremos sendo precipitados.
Nossa experiência, nossa capacidade de falar e provar o que dizemos é fruto também de queda. Já fomos ingênuos, mas queríamos obter certas coisas fora de nosso alcance. Caímos. Levantamos. Aprendemos. Cometer duas vezes o mesmo erro... aí será falta de inteligência. E hoje tentamos, dentro de nossas limitações, repassar ao leitor para que também não caia nos erros que cometemos. Ou, se for dirigente, não cometa certos erros para, logo mais adiante, cair também. Aprendemos pela dor, hoje ensinamos pelo amor.
Um dia desses, soubemos uma história que nos valeu outra lição.
Certo Exu, frente à primeira festa dedicada a esse Povo naquele terreiro, pediu uma oferenda um pouco melhor do que aquelas aos quais estava acostumado. O dirigente, achando razoável, perguntou-lhe o quê desejava.
Nesse terreiro, onde não se sacrifica animais à Exu, pediu que fosse comprado determinado galo, de determinada cor em suas plumagens e fosse ofertado assado. Quando perguntamos quem mataria o animal, o Exu respondeu que "qualquer um poderia fazê-lo". E no momento do sacrifício, ele estaria presente "para receber".
No primeiro momento o dirigente até achou razoável. Mas foi perguntar ao Caboclo, dirigente espiritual da casa, para saber qual sua opinião.
"Jamais", respondeu. "Na verdade, o que esse Exu está querendo é um sacrifício ao qual estará ali para receber. Portanto, não faça negócio com ele. Na verdade, o Exu Fulano está fazendo uma brincadeira para saber se pode ganhar mais, irresponsavelmente. Eu irei chamar-lhe a atenção, dando-lhe o corretivo necessário".

O Exu veio depois dizendo-nos que era uma “brincadeirinha”. E que o Caboclo deu-lhe uma boa lição! Apresentava visíveis sinais de profunda docilidade e respeito, como uma criança chamada a atenção ao ser surpreendida em uma traquinagem.
Por todas essas histórias, um dirigente além de ter pulso firme, deve sempre consultar os Guias maiores primeiro, antes de qualquer decisão. Ainda mais no campo referente aos Exus.
Poderemos, agora, concluir nosso trabalho.
Sem Caboclo e Preto-Velho, incorporação segura decorrente de anos de trabalho (no mínimo sete anos, conforme convenções. Esse tempo também não é garantia), o aval superior que aquele indivíduo está capacitado para abrir um terreiro ou dirigi-lo, nada feito. Muita gente dirá, "mas assim não é possível! Então nunca haverá gente para dirigir os terreiros!". Está certo. A prova maior são as casas abrindo e fechando no outro dia, muitos dirigentes tateando na escuridão, cometendo erros crassos. O melhor é deixar o orgulho de lado, procurar uma casa para trabalhar como médium, pelo tempo necessário até aprender tudo. E se for da vontade dos Guias, suas vidas serão direcionadas para, em certo tempo, abrirem um terreiro em determinado lugar.
A decisão de ser um cacique de Umbanda sempre parte de cima para baixo. Dos Guias até nós. E não de baixo para cima, como desejam tantos...
A outra questão importante, é referente à troca do sangue por outras coisas. Vamos fazer aqui algumas sugestões, sem entrar em “fundamentos”.
O Exu poderá receber bifes mal-passados no azeite-de-dendê, chuletas, ossos, órgãos como fígado picado, sempre com muita pimenta, em infinitas receitas dadas por ele mesmo para satisfazer suas necessidades e as de sua falange. Essas entregas de oferendas, na tronqueira, alimentarão não apenas o Exu guardião e seu parceiro(a) (sempre formando um casal em respeito ao fundamento das polaridades), mas todos os Exus que trabalham ali, bem como dos médiuns.
Lembramos aqui que carne não é o mesmo que sacrifício. Dedicamos parte do que comemos, já que não somos vegetarianos... e o animal não foi sacrificado em ritual. Não foi vertido o sangue.
Alguns dirigentes, sem muito critério, atualmente estão "plantando", "fazendo" tronqueiras em casas de médiuns. E vemos qualquer um, hoje em dia, com uma segurança desse porte em suas moradias. Inclusive, conhecemos um caso que há dois anos atrás a pombagira sequer enunciava uma única palavra faltando-lhe todo o desenvolvimento e, após um ou dois anos, sua médium já exibia na frente de sua casa uma "casinha vermelha e preta".
A tronqueira, a "casinha" de Exu, tem a finalidade de manter um terreiro inteiro de pé, com suas seguranças, seus Exus e médiuns bem energizados. Para isso ela existe.
Agora, nessa nova "modalidade", os dirigentes passam a dar aos seus médiuns tronqueiras, sem explicar-lhes o quê elas significam, exatamente. Em primeiro lugar, a tronqueira assemelha-se, de certo modo, ao que o africano chama de *igbâlê*, a casa das almas, a casa dos ancestrais.
Quem tem uma tronqueira ou um igbâlê em seu terreiro ou em sua casa, assume um compromisso interminável ligando-os às falanges de almas ou os

Exus que irão exigir, permanentemente, reenergização através de oferendas em certos dias, horas. Quando alguém torna-se um sacerdote, saberá de seus compromissos permanentes. Mas e o médium? Terá esse compromisso pelo resto de sua vida?
Sim, porque é possível "desmanchar-se" o magnetismo desse local. Mas e o comprometimento espiritual com essas falanges? É possível "despachar" seu Orixá, seu anjo-da-guarda? "Enviá-lo" para algum lugar, pedindo-lhe que nunca mais volte? Alguém acha ser possível despachar-se Exu, ainda mais conhecendo-se seu caráter de espírito em evolução?
Fatalmente será à semelhança daquele babalorixá, cuja história contamos há pouco. Aquele que desejava entrar para o Candomblé de Kétu. Logo, logo terá de voltar a cultuá-lo, a dar-lhe oportunidade de trabalho. E lembremos. É Êxú servindo aos Orixás, através de seus serviçais, quem faz a lei universal de ação e reação cumprir-se. É ele quem "cobra" o carma, o somatório de coisas positivas e negativas acumuladas durante muitas vidas, de nós.
Passa-se um tempo e vem o resultado. Conhecemos também outra pessoa que, "para dizer-se mãe-de-santo" incomodou tanto o dirigente para ter uma tronqueira na frente de sua casa como se essa fosse um mero objeto decorativo, fazendo o pobre infeliz assentar para livrar-se daquele constante incômodo. Contava, feliz, muitos baterem em sua casa para "fazer trabalhos". Como médium, sem disciplina que era, esquecia por meses de uma vela, de uma oferenda, de uma simples garrafa de cachaça. Vivia dizendo enxergar "vultos" em sua casa cobrando-lhe alguma coisa. Sono agitado. Passou a ter vários problemas, decorrentes de tamanha imprevidência.
Se perguntada hoje se sabe porque isso aconteceu, dirá que não imagina sequer o motivo. Ora quando a tronqueira foi construída, ali foi "plantada" (designada) uma falange inteira de espíritos para trabalharem e "receberem" alguma coisa por isso. Falange de quantos? Sete, setenta, setenta e sete... mil... dois mil. Ninguém sabe ao certo quantos indivíduos fazem parte desses grupos. O Exu de Lei até poderá entender algum atraso... mas e os demais, nem sempre tendo muita luz? O que fazer com eles?
Perguntamos: não será melhor perder um médium insistindo com essa vaidade, achando que a tronqueira é apenas um "adorno" na frente de sua casa do que fazer uma tolice dessas? E quando "cansados" de não receber nada por terem sido fixados no local para um trabalho nobre, para onde eles irão? Sempre é para a casa de quem os mandou... a casa do dirigente! Não é natural?
Sobre a tronqueira, valem dois lembretes principais:

- o *que é*, e *qual* fundamento deverá ser feito;
- como construir uma tronqueira.

Todos os modelos anteriores, em qualquer livro e autor, servem apenas de vago exemplo. Nenhuma é válida, já que, como dissemos, cada casa nasce com uma utilidade e uma "coroa" espiritual, assim:

- quais serão os guias que irão responder pelo terreiro;

- qual será a finalidade de casa (Umbanda, Quimbanda, Umbanda "Cruzada", Nação, Candomblé, etc.);
- será possível excluir-se o sacrifício animal? Os Guias darão resguardo? Como substituo o mesmo?
- Quais serão os Exus (casal) responsáveis pelo terreiro;
- qual será a assistência que irá freqüentar a casa;
- local (região) onde será construído o terreiro. Acesso a materiais e costumes;
- qual a formação do dirigente, qual a origem (casa-mãe) de onde veio;
- quais os tipos de trabalho terá (será mais para trabalhos de saúde? Gerais? Pronto atendimento? Caboclos, Pretos-Velhos? Exus?);
- quais serão as fontes de renda para a manutenção do terreiro;

Essas e muitas outras são perguntas pertinentes devendo ser respondidas primeiro, antes de qualquer decisão. E, o mais importante, é o questionamento junto aos Guias de como tudo será feito, de que modo desejam o desenvolvimento de tais questões. Esses pontos deixam bem claro que jamais haverá duas casas trabalhando do mesmo modo, por mais semelhantes, mais afinidades haja.
A tronqueira é o reflexo, o perfil, o esteio de uma casa. Podemos dizer, que é tão importante quanto os fundamentos de firmação de um congá. Ambos são os corações, os pontos de convergência e disseminação de energias entre Plano Espiritual, dirigentes, médiuns, assistência, terreiro em um todo. Ela refletirá qual a função dessa casa, qual a Linha designada para trabalhar. Quando ela, bem firmada, bem "feita", bem realimentada em seus axés, será o pára-raios contra feitiços, obsessores, maus fluidos permitindo segurança máxima em nossos trabalhos.
Além do "segredo" devendo sempre encobrir o fundamento, como ele foi "feita". Cabe-nos dizer que, infelizmente, não há um modelo único para fixar-nos. Há um excelente exemplo descrito na obra de Mestre Arapiaga, "Exu - O Grande Arcano", psicografado por F. Rivas Neto. Mas será apenas um modelo. Quanto ao "assentamento", e outras questões, não será possível passar qualquer outro tipo de explicação mais profunda por ordens de nossos Guias.
Há requisitos básicos e esses sim iremos expor:

- toda a tronqueira deve ser construída na frente do terreiro. As imagens e todos os materiais ali dentro, postos voltados para a frente, em direção ao portão de entrada do terreno.
- Deverá ter, preferencialmente, teto com telhas de barro. O piso interno poderá ser de lajotas, porém onde ficar o "fundamento" deverá ficar em contato direto com a terra.
- Tanto o fundamento, quanto as oferendas dedicadas aos Exus donos da tronqueira, devem ser postos em local discreto, geralmente atrás de um cortinado. Se for uma portinhola interna, deverá ter ventilação. O axé do fundamento jamais deve ficar "abafado".

- Haverá duas tábuas (mínimo) com o ponto dos Exus (casal) donos da tronqueira, "firmados" com ponteiras, punhais, ferros ou outros materiais semelhantes, de acordo com as entidades.
- Os Exus, donos da tronqueira, sempre formarão um casal, do tipo "homem" e "mulher". Nenhum Exu deve ser posto "sozinho" na tronqueira.
- O fundamento será feito em um alguidar, um vaso ou qualquer outro utensílio em barro (argila). Dentro dele, é indispensável "algum tipo" de terra, conforme a entidade.
- Tanto o Exu, quanto a Pombagira, ambos terão um fundamento pessoal. Ambos darão o equilíbrio de polaridades.
- Quando o dirigente falecer, sendo seu Exu (ou Pombagira) os guardiões, os primeiros a serem "assentados" naquele terreiro, seu(s) fundamento(s) serão enterrados na tronqueira, sendo postos em cima os novos, aqueles que pertencem ao novo dirigente. Desse último, sim, após seu falecimento, é que serão despachados.
- Se possível, construir-se a tronqueira confortável o suficiente para uma pessoa entrar. Fica mais fácil sua manutenção e limpeza.
- A tronqueira, quanto às imagens, deverão ser limpas com água, cachaça e ervas maceradas (ervas de Êxú e/ou Omulu/Obalúaiyé).
- Periodicamente, de acordo com os Guias, o fundamento deverá ser "realimentado". Essa receita poderá constar de azeite-de-dendê; bebida; pó de ferro, pó de urucum ou pemba vermelha; um pouco de mel (exclusivamente para o Povo Cigano); pó de madeira, dentre outros, constando de três, cinco ou sete itens. Isso deverá acontecer após semanas, meses ou anos, conforme sua designação.
- Lugar para velas e bebidas dadas semanalmente, pelos médiuns, à suas entidades.
- As entidades dos médiuns também serão "assentadas". Tanto a imagem, quanto a guia (colar) terão cada qual um pequeno tridente de metal que servirá tanto de ponto de ligação entre um e outro, como de "firmação" da entidade naquela tronqueira. Para eles não serão feitos "fundamentos". Todos "responderão" juntos naquele pertencente ao Exu guardião da casa e seu par vibratório.
- A tronqueira não terá qualquer tipo de abertura permitindo a entrada de luz, mesmo àquelas destinadas à ventilação. Jamais deverá ser aberta de dia, sob hipótese alguma.
- Por tradição, pinta-se a porta de entrada da tronqueira de vermelho. Isso não é regra.
- Nenhum Exu será firmado em pedra (otá, acutá) como Orixá. Sua firmação consistirá em seu tridente de ferro ou aço, posto no fundamento ou, quando for o caso, sua imagem. Em alguns fundamentos, entram pedras ou terra respeitando-se cores, qualidades e procedências. Essas não são ponto de "ligação" da cabeça do médium à entidade, à semelhança do Candomblé. Exu de Umbanda não comanda cabeças.
- Regularmente serão dadas trocas de bebidas, velas e oferendas aos Exus guardiães e aos Exus dos médiuns.

- As ervas a serem utilizadas pertencerão aos Orixás Êxú, Omulu/Obalúaiyé, Ogum e Iansã, preferencialmente.
- As bebidas servidas na tronqueira devem ser sempre cachaça (marafo) tanto para Exus ou Pombagiras, nas trocas regulares. É a bebida universal para Exu de Umbanda.
- As velas oferecidas serão vermelha e preta, aceitas por qualquer Exu. Para Exus Ciganos, vermelha, multicor ou rosa.

Agradecemos sua atenção até aqui... esperando que esse livro possa ter encontrado seu objetivo que é de ajudar...

BIBLIOGRAFIA

LELAND, Charles Godfrey. Magia Cigana: Encantamentos, Ervas Mágicas e Adivinhação, 3ª Edição, Editora Bertrand Brasil S.A., 1996.

OXALÁ, Míriam de (Míriam Prestes). Umbanda: Crença, Saber e Prática. 1ª Edição, Pallas Editora e Distribuidora Ltda, 1997.

NATASHA, Ana da e Edileuza da Cigana Nazira. Mistérios do Povo Cigano: Espíritos Ciganos, Simpatias, Receitas e Jogos; 3ª Ed., Rio de Janeiro, Pallas Editora e Distribuidora Ltda, 1998.

MAGNETISMO ESPIRITUAL (por Michaelus). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1952.

VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás - Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Corrupio/Círculo do Livro, 1981.

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Rio de Janeiro: Editora Espírita Brasileira.

FRASER, Angus. História do Povo Cigano. Rio de Janeiro: Editorial Teorema Ltda, 1998.

CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

MAIA, João Nunes. Iniciação - Viagem Astral (por Lancellin), 4ª Ed. Belo Horizonte, Editora Espírita Cristã Fonte Viva.

RIVAS, Neto, F. Exu, o Grande Arcano (por Mestre Arapiaga). 1ª Ed., São Paulo, Ícone Editora Ltda, 1993.

CHEVALIER, Jean e Alain Gheerbrant. Dicionário de Símbolos, 7ª Ed, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora Ltda, 1993.

TOLEDO, Wenefledo de. Passes e Curas Espirituais, São Paulo, Editora Pensamento Ltda, 1993.

CORRÊA, Norton F. O Batuque do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

ORO, Ari Pedro. As Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

XAVIER, Francisco Cândido. Libertação (por André Luiz), Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1949 (1ª Edição).

SANTOS, Orlando José dos. Ôrunmìlá & Exu, Curitiba, Edição Independente, 1991.

XAVIER, Francisco Cândido. Nosso Lar (por André Luiz), Federação Espírita Brasileira, 1944 (1ª Edição).